

# PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO A PARTIR DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA



editora  
**FAMEN**

**ORGANIZADORAS:**  
ANDREZZA MARIA BATISTA DO NASCIMENTO TAVARES  
VALDETE BATISTA DO NASCIMENTO

ORGANIZADORAS

ANDREZZA MARIA BATISTA DO NASCIMENTO TAVARES

VALDETE BATISTA DO NASCIMENTO

Problematizações sobre Ciências da Educação a partir de estudantes do  
Curso de Pedagogia

**Copyright © 2023 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À FACULDADE METROPOLITANA NORTE RIOGRANDENSE – FAMEN.** De acordo com a Lei n. 9.610, de 19/2/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informações ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do detentor dos direitos autorais. O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.

**DOI:** <https://doi.org/10.36470/famen.202313>

## FICHA CATALOGRÁFICA

### Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

P962 Problematizações sobre Ciências da Educação a partir de estudantes do Curso de Pedagogia / Organização de Andreza Maria Batista do Nascimento Tavares e Valdete Batista do Nascimento. – Natal, RN: Editora FAMEN, 2023.

4,79 Mb ; PDF

ISBN: 978-65-87028-19-4

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.202313>

1. Educação infantil. 2. Ciências da Educação. I. Tavares, Andreza Batista do Nascimento (Org.). II. Nascimento, Valdete Batista do (Org.). III. Título.

CDD: 370

CDU: 37

Elaborada pelo Bibliotecário Miqueias Alex de Souza Pereira CRB – 15/925

#### Índice para Catálogo Sistemático:

1. Educação – 370
2. Educação – 37



Rua São Severino, n. 18, Bairro Bom Pastor, Natal/RN, CEP: 59060-040 CNPJ: 23.552.793/0001-57,  
Inscrição Estadual: 204392322, Inscrição Municipal: 2142633, [editora@famen.edu.br](mailto:editora@famen.edu.br) e telefone:  
(84) 3653-6770.

## CONSELHO EDITORIAL

**Editora-Chefe:** Doutora Andrezza M. B. do N. Tavares, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.

**Editor Adjunto:** Doutor Fábio Alexandre Araújo dos Santos, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.

**Diagramação e Projeto Gráfico:** Eddean Riquemberg C. Xavier

**Normalização:** Miqueias Alex de Souza Pereira

**Revisão de Textos:** Professor Doutor Dayvyd Lavanierly Marques de Medeiros

**Arte e Capa:** Eddean Riquemberg C. Xavier

## CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL

**Presidente: Doutor Manuel Tavares** (Universidade Nove de Julho – Brasil)

**Doutor Bento Duarte da Silva** (Universidade do Minho – Portugal)

**Doutor Dionísio Luís Tumbo** (Universidade Pedagógica de Maputo – Moçambique)

**Doutor Gabriel Linari** (Universidade de Buenos Aires – Argentina)

**Doutora Cristina Rafaela Ricci** (Universidade Nacional de Lomas de Zamora – Argentina)

**Mestre Gustavo Adolfo Fernández Díaz** (Centro de Formación Técnica de la Pontificia Universidad Católica de Valparaíso – Chile)

**Mestre Manuel Teixeira** (Instituto Superior de Ciência de Educação – Angola)

**Doutora Antonia Dalva França Carvalho** (Universidade Federal do Piauí – Brasil)

**Doutora Elda Silva do Nascimento Melo** (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil)

**Doutora Karla Cristina Silva Sousa** (Universidade Federal do Maranhão – Brasil)

**Doutora Márcia Adelino da Silva Dias** (Universidade do Estado da Paraíba – Brasil)

**Doutor Adir Luiz Ferreira** (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil)

**Doutora Giovana Carla Cardoso Amorim** (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Brasil)

**Doutora Lucila Maria Pesce de Oliveira** (Universidade Federal de São Paulo – Brasil)



## COMITÊ CIENTÍFICO DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

**Presidente: Doutora Juliana Alencar de Souza** (Faculdade Metropolitana Norte Rio-grandense – FAMEN -Psicologia)

**Doutor Júlio Ribeiro Soares** (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN - Educação)

**Doutora Leila Salim Leal** (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN - Comunicação Social)

**Doutora Christiane M. T. de M. Gameleira** (Universidade Federal Rural do Semiárido – UFRSA - Engenharia Civil)

**Doutor José R. L. de P. Cavalcanti** (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UFRN - Psicobiologia)

**Doutora Kadydja K. N. Chagas** (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - Educação Física)

**Doutor Avelino de Lima Neto** (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - Filosofia)

**Doutor Sérgio L. a Trindade** (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - História)

**Doutor Eduardo Henrique Cunha de Farias** (Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNIRN - Biologia)

**Doutor Bruno Lustosa de Moura** (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - Física)

**Doutora Maria da C. M. Cavalcanti** (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB - Administração)

**Doutor José M. B. N. da Silva** (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - Matemática)

**Doutora Francinaide de L. S. Nascimento** (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN -Educação)

**Doutor José Paulino Filho** (Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP - Matemática)

**Doutor Marcos Torres Carneiro** (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Educação)

**Doutor José Flávio da Paz** (Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Estudos Linguísticos)

**Doutora Laércia Maria Bertulino de Medeiros** (Universidade Estadual da Paraíba- UEPB – Educação)

**Doutora Maria das G. de Almeida Baptista** (Universidade Federal da Paraíba – UFPB - Educação)

**Mestre Maria Judivanda da Cunha** (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Biologia)

**Mestre João Maria de Lima** (Escola da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte – Linguística)

**Mestre Eric Mateus Soares Dias** ( Escola da Assembleia Legislativa do Rio Grande do

Norte - Gestão Ambiental)

**Mestre Adriel Felipe de Araújo Bezerra** (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN – Antropologia)

**Mestre Luiz A. da Silva dos Santos** (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Educação Informática)

**Mestre Rayssa Cyntia Baracho Lopes Souza** (Faculdade do Maciço do Baturité – FMB - Educação)

**Mestre Valdete Batista do Nascimento** (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Direito)

**Mestre Bernardino Galdino de Sena Neto** (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - História)

**Mestre Wendella Sara Costa da Silva** (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Geografia)

**Mestre Rylanneive L. Pontes Teixeira** (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Políticas Públicas).

## **SOBRE OS ORGANIZADORES**



### **ANDREZZA MARIA BATISTA DO NASCIMENTO TAVARES**

É pós-doutora pela Universidade do Minho, em Portugal e pela UFPI. Doutorado e mestrado em Ciências da Educação pela UFRN. Pedagoga, Psicopedagoga e Jornalista pela UFRN. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), onde realiza atividades de ensino, pesquisa, extensão e internacionalização. No IFRN, atua como Professora do Programa de Pós-Graduação Acadêmica (PPGEP/IFRN), do Mestrado Profissional em Ensino de Física (MNPEF/IFRN) e dos Cursos Superiores de Graduação. Coordenadora Institucional do Programa Pibid/IFRN, financiado pela agência de fomento CAPES, no período de 2013 até 2018. Coordenadora Institucional do Programa de Residência Pedagógica/IFRN, financiado pela agência CAPES, de 2018 até o ano corrente. Coordenadora do Projeto de Extensão "Diálogos sobre Capital Cultural e Práxis do IFRN" desde 2017. Membro dos Grupos de Pesquisa vinculados ao CNPQ: "Escola Contemporânea e Olhar Sociológico" (ECOS), da UFRN e "Observatório da Diversidade" (ObDiversidade), do IFRN. No Jornalismo, integra a equipe de redação e de reportagem dos veículos de comunicação "Potiguar Notícias" (jornal eletrônico) e "PNTV" (TV digital). As atividades profissionais realçam proximidade com os objetos de pesquisa: Formação Profissional de professores, Educação Profissional, Ensino Superior, Processos Cognitivos, Teorias da Aprendizagem, Teorias da Comunicação, Educação Escolar e Não-Escolar.  
E-mail: [andrezza.tavares@ifrn.edu.br](mailto:andrezza.tavares@ifrn.edu.br).



**VALDETE BASTISTA DO NASCIMENTO**

Graduada em Direito pela Faculdade Maurício de Nassau - Natal (2012) e Graduada em Filosofia pelo Instituto Superior de Educação de Pesqueira (ISEP). Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica (ISEP). Mestre em Ciências da Educação, área de especialização em Educação de Adultos, pela UMINHO-PT e Diretora Geral da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN.

E-mail: valdetenascimento2060@gmail.com.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Anos Iniciais – 22, 26, 27, 36, 37, 91, 133, 196, 198, 222, 223, 224, 227, 229, 237, 242, 248, 249, 250, 278, 279, 283, 288, 294.

Aprendizagem – 25, 30, 31, 36, 41, 42, 56, 62, 63, 68, 69, 72, 74, 75, 76, 91, 94, 95, 96, 97, 99, 101, 112, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 133, 135, 139, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 154, 157, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 171, 172, 175, 176, 178, 179, 181, 190, 191, 192, 193, 195, 198, 208, 211, 216, 223, 227, 231, 232, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 272, 273, 274, 279, 284, 288, 289, 291, 292.

Aulas remotas – 186, 187, 191, 192, 194, 195, 196, 199, 290.

Autismo – 129, 131, 133, 134, 137, 139, 140, 141.

### C

Covid – 19 – 42, 121, 186, 187, 188, 189, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 213, 215, 222, 228, 279, 280, 281, 282, 287, 288, 291, 294, 295.

### E

Educação ambiental – 242, 243, 245, 146, 148, 249, 251, 252, 253, 254.

Educação inclusiva – 107, 108, 109, 118, 119, 123, 172, 258.

Educação infantil – 31, 33, 62, 63, 64, 70, 71, 72, 75, 76, 80, 84, 85, 86, 87, 89, 92, 95, 98, 100, 101, 129, 130, 131, 134, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 226, 279, 290.

Escola e Família – 41.

Evasão escolar – 134, 194, 222, 223, 224, 225, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 236, 237, 285.

### I

Inclusão digital – 205, 206, 207, 210, 213, 215, 217.

### J

Jogos e brincadeiras – 32, 62, 63, 70, 75, 76, 78, 79, 80, 96, 101.

### L

Ludicidade – 70, 72, 74, 84, 91, 92, 95.

### M

Música – 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 73, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 197, 198, 207.

**P**

Pedagogo – 129, 301, 302.

Políticas escolares – 137, 231.

**T**

Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH – 162, 163, 164, 165,  
166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 180.

Transtorno do Espectro Autista – TEA – 132, 133, 134, 135, 136.

# APRESENTAÇÃO



## APRESENTAÇÃO

O manuscrito eletrônico intitulado “Problematizações sobre Ciências da Educação a partir de estudantes do Curso de Pedagogia”, vinculado ao curso de Pedagogia da Faculdade do Maciço de Baturité (FMB), por meio da Educação a Distância (EaD), na cidade de Tangará RN, tem como foco contribuir para a divulgação de resultados de pesquisas científicas na área da Pedagogia.

Sistematizado para socializar pesquisas realizadas a partir do ano de 2022, possui caráter interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, ao receber contribuições de diversas áreas e campos de saberes. O manuscrito disponibiliza por meio de versão eletrônica acesso internacional e gratuito para as ideias relacionadas ao campo da educação. O livro “Problematizações sobre Ciências da Educação a partir de estudantes do Curso de Pedagogia” possui 14 (quatorze) capítulos que abordam diversos temas em torno do processo da educação infantil.

O livro inicia com o capítulo intitulado “A importância da música no ensino e aprendizagem dos anos iniciais”, de autoria de Arauana Bárbara de Lima e Silva e Adriana Mônica Oliveira. As autoras buscam discutir a importância da inserção da música como instrumento mediador e facilitador no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais, tendo então a música como parte da cultura popular brasileira e deve então ser explorada de forma que beneficie os que dela fazem sua utilização.

No segundo capítulo, “A importância da participação da família na escola”, as autoras Gerlane Matias Venâncio e Adriana Mônica Oliveira toma por foco compreender a relação entre família e escola nos dias atuais e as

implicações que a ausência da família acarreta no desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem dos alunos.

O terceiro texto “A importância dos jogos e brincadeiras para o processo de aprendizagem na educação infantil”, escrito por Ivana Ravena de Mendonça Pinheiro e Adriana Mônica Oliveira centram a problemática da pesquisa nas atividades lúdicas que auxiliam os alunos da Educação Infantil no processo de aprendizagem. Com base nisso foi possível concluir que a utilização das atividades lúdicas na Educação Infantil contribui na interação, na socialização e na participação da criança no ambiente escolar.

O quarto capítulo “A importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil”, de Jéssica Fernanda da Silva Araújo e Adriana Mônica Oliveira trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, tendo como principal objetivo o de esclarecer a importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil, trazendo aspectos relevantes como: o contexto histórico da Educação Infantil no Brasil, um breve relato temporal das brincadeiras na Educação Infantil, as principais contribuições das brincadeiras para o desenvolvimento global da criança e as brincadeiras como ferramentas significativas aos processos de ensino e de aprendizagem.

As autoras Joécia de Cássia da Silva e Adriana Mônica Oliveira escrevem o quinto capítulo intitulado “O desafio do professor na sala inclusiva”, traz uma reflexão no sentido de pensar qual é o papel da escola no desenvolvimento dos estudantes que são o público alvo da educação inclusiva, além de refletir sobre que tipo de apoio a escola deve oferecer para esses estudantes. Com isso, o estudo possui como finalidade e objetivo, compreender a trajetória histórica da educação inclusiva no Brasil, bem como, seus



desafios durante o momento de pandemia, destacando a contradição entre a legislação e sua efetividade.

O sexto capítulo, intitulado “A inclusão da criança com autismo na educação infantil: um desafio para o pedagogo”, escrito por Josefa Andreíza Araújo Desidério e Adriana Mônica Oliveira tem como objetivo conhecer melhor a inclusão escolar no ensino de crianças autista na visão de educadores da educação infantil.

Escrito por Josefa Jaianny de Pontes e Adriana Mônica Oliveira, o capítulo sete “A música como instrumento facilitador da aprendizagem na educação infantil” busca entender e apresentar os seguintes temas: compreender a influência da música como instrumento facilitador da aprendizagem na educação infantil e qual a sua importância para um ensino contínuo e respaldado nas leis e diretrizes sociais e histórico-culturais.

Maria José Rodrigues Feliciano e Adriana Mônica Oliveira, no capítulo oito “Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade: desafios e possibilidades em sala de aula” se justifica pela necessidade de uma melhor compreensão sobre o TDAH, que é tão pouco comentado e até mesmo estudado no cenário escolar, visando também buscar as diferentes formas de diagnosticar esta síndrome nas crianças já nos primeiros anos de vida escolar, visto que geralmente é nesta fase que a mesma é descoberta. Assim busca-se evidenciar esses dois fatores que são enfrentados por alunos com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade.

No nono capítulo Maria Lidiane da Silva Firmino, Adriana Mônica Oliveira e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares, “Os desafios das aulas remotas na pandemia da covid - 19” traz um enredo que promove o desenvolvimento do pensamento crítico em relação aos desafios da mesma


forma que se propõe a reflexão acerca da evolução e do aprimoramento para a realização das aulas remotas.

Para o décimo capítulo, Paulo Ricardo da Rocha Souza, Adriana Mônica Oliveira e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares, com a temática principal “Inclusão digital nas escolas públicas: possibilidades e desafios”, parte da seguinte problemática: quais as possibilidades e os desafios encontrados na inserção da inclusão digital nas escolas públicas? Problematiza também a questão que ainda estamos vivenciando no contexto da pandemia onde os recursos tecnológicos ficaram mais frequentes suas utilizações.

Com o título: “Evasão escolar nos anos iniciais: possíveis causas” as autoras Renata Barbosa de Oliveira Silva e Adriana Mônica Oliveira, no décimo primeiro capítulo, como objetivo geral, pretende identificar o significado, o sentido e o porquê da evasão escolar para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

O décimo segundo capítulo, intitulado “A educação ambiental e o uso dos recursos naturais nas escolas municipais de Tangará - RN”, escrito por Romário Felipe de Holanda e Adriana Mônica Oliveira tem como objetivo analisar a Educação Ambiental no ensino fundamental das escolas públicas municipais de Tangará-RN, analisando o conhecimento dos alunos do Ensino Fundamental anos iniciais e finais, identificando possíveis falhas no que diz respeito ao uso dos recursos naturais e orientá-los na adoção de medidas corretivas.

O décimo terceiro texto “Dificuldades de aprendizagem no ambiente escolar”, escrito por Sabrina Paulino da Costa e Adriana Mônica Oliveira possui como principal objetivo identificar os tipos de dificuldades de




aprendizagem que estão inseridas no ambiente escolar, além de apresentar as estratégias utilizadas no processo de inclusão de crianças com dificuldades de aprendizagem, considerando a sala de aula como um ambiente que identifica os primeiros sinais de dificuldades através das interações entre professor e aluno, onde o professor é um mediador do conhecimento e tem como característica, a inclusão desses alunos no processo de educação acadêmica.

Por fim, o décimo quarto capítulo “O impacto da pandemia nos anos iniciais: desafios e possibilidades”, de autoria de Sinaia Pereira da Silva, Adriana Mônica Oliveira e de Andrezza Tavares. A principal motivação para a escolha do tema do capítulo se deu, devido ao momento do cenário pandêmico e após a experiência vivida no estágio da educação infantil, onde foi possível perceber a dificuldade do ensino remoto para crianças e como avaliação da aprendizagem foi difícil de realizar.

Este e-book se constitui em oportunidade de compartilhamento de saberes, reflexões, questões teóricas e práticas de professores pesquisadores que atuam na área da infantil com domínio teórico nos campos epistêmicos assinalados e com autoria de conhecimento para responder aos desafios colocados para a formação de cidadãos e profissionais de educação críticos e transformadores.

Que o manuscrito favoreça uma leitura prazerosa e proporcione bons debates!!!



# PREFÁCIO



## PREFÁCIO

A temática do *e-book* pertence ao importante campo da Pedagogia enquanto ciência da educação. O livro digital intitulado “Problematizações sobre Ciências da Educação a partir de estudantes do Curso de Pedagogia” apresenta ricos relatos de experiências de acadêmicos da graduação da Faculdade do Maciço de Baturité (FMB), realizados em diferentes contextos formativos que foram *locus* de imersão na travessia do curso de graduação em Pedagogia.

O Programa de graduação em licenciatura da Faculdade FMB é uma das ações que integram a Política de Formação de Professores da Instituição de Ensino Superior. A oferta de licenciatura em Pedagogia tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática dos profissionais da educação, inclusive com o estudo sobre a atuação do pedagogo em áreas correlatas à educação, por meio da imersão de acadêmicos em laboratórios de aprendizagens teóricas e práticas, conforme orienta o Ministério da Educação (MEC).

Com o intuito de ressaltar a importância que a graduação em Pedagogia possui para os trabalhadores da educação no Brasil, o presente *e-book* registra as impressões de pesquisadores da Faculdade FMB em nível de graduação, em um livro que possibilita conhecer melhor o importante Programa de formação inicial de professores tão necessário para o desenvolvimento do Brasil. Ademais, o *e-book* é também um rico instrumento de avaliação dessa oportunidade formativa proporcionada pela graduação EaD da Faculdade FMB promovida no Rio Grande do Norte.



O *e-book* contempla, entre outras atividades: 1) regência de sala de aula, 2) intervenção pedagógica em escolas, 3) socialização de experiência na área de ensino e 4) orientação de docentes da Instituição Formadora FMB. A qualificada imersão na pesquisa possibilitou aos autores dos capítulos desenvolverem habilidades e competências que lhes possibilitam condições de desenvolvimento profissional sintonizada com qualidade de práticas em diversos contextos educativos.

Ao prestigiar este livro, o leitor perceberá a preocupação de seus organizadores em valorizar as experiências relatadas pelos autores e pesquisadores dando ênfase à superação de dificuldades e aos obstáculos encontrados nas experiências formativas.

É fascinante compreender e valorizar a Graduação EaD da Faculdade FMB a partir dos desafios enfrentados pelos seus acadêmicos de Pedagogia que se esforçaram para estudar e desenvolver pesquisas, metodologias de ensino mediadoras, aulas criativas e transformadoras no Rio Grande do Norte.

Para quem se interessa pela temática da educação, em particular, pelo campo da Pedagogia, este *e-book* é leitura recomendada e indispensável.

Boa leitura!

**Profa. Dra. Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares**  
**Chefe da Editora FAMEN (2019 - Atual)**



## SUMÁRIO

<b>1. A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NO ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ANOS INICIAIS</b>	
Autoria: Aruana Bárbara de Lima e Silva / Adriana Mônica Oliveira.....	22
<b>2. A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA</b>	
Autoria: Gerlane Matias Venancio / Adriana Mônica Oliveira .....	41
<b>3. A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	
Autoria: Ivana Ravena de Mendonça Pinheiro / Adriana Mônica Oliveira / Valdete Batista do Nascimento.....	62
<b>4. A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL</b>	
Autoria: Jéssica Fernanda da Silva Araújo / Adriana Mônica Oliveira.....	84
<b>5. O DESAFIO DO PROFESSOR NA SALA INCLUSIVA</b>	
Autoria: Joécia de Cássia da Silva / Adriana Mônica Oliveira / Valdete Batista do Nascimento.....	107
<b>6. A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DESAFIO PARA O PEDAGOGO</b>	
Autoria: Josefa Andreíze Araújo Desidério / Adriana Mônica Oliveira.....	129
<b>7. A MÚSICA COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	
Autoria: Josefa Jaianny de Pontes / Adriana Mônica Oliveira.....	144
<b>8. TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES EM SALA DE AULA</b>	
Autoria: Maria José Rodrigues Feliciano / Adriana Mônica Oliveira .....	162
<b>9. OS DESAFIOS DAS AULAS REMOTAS NA PANDEMIA DA COVID-19</b>	
Autoria: Maria Lidiane da Silva Firmino / Adriana Mônica Oliveira / Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares.....	186

**10. INCLUSÃO DIGITAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS: POSSIBILIDADES E  
DESAFIOS**

Autoria: Paulo Ricardo da Rocha Souza / Adriana Mônica Oliveira / Andrezza Maria  
Batista do Nascimento Tavares .....205

**11. EVASÃO ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS: POSSÍVEIS CAUSAS**

Autoria: Renata Barbosa de Oliveira Silva / Adriana Mônica Oliveira.....222

**12. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O USO DOS RECURSOS NATURAIS  
NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE TANGARÁ – RN**

Autoria: Romário Felipe de Holanda / Adriana Mônica Oliveira .....242

**13. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR**

Autoria: Sabrina Paulino da Costa / Adriana Mônica Oliveira .....257

**14. O IMPACTO DA PANDEMIA NOS ANOS INICIAIS: DESAFIOS E POS-  
SIBILIDADES**

Autoria: Sinaia Pereira da Silva / Adriana Mônica Oliveira.....278



1

## A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NO ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ANOS INICIAIS

Aruana Bárbara de Lima e Silva<sup>1</sup> // Adriana Mônica Oliveira<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

A música pode ser entendida como um só conhecimento, mas este é um típico exemplo de conhecimento que se desenvolve, criando ramos e ampliando os campos a frente de ensino e de estudo de um aluno.

Podemos então entender que a musicalização trata-se de um processo de desenvolvimento para um aluno na construção do conhecimento musical com o objetivo de despertar e desenvolver o gosto musical da criança, contribuindo para sua capacidade de criação e expressão artística, além de ampliar as áreas de conhecimentos e ser uma metodologia afetiva e pode ser utilizada para o ensino de diversas áreas.

Com base no citado acima a música pode ser utilizada em vários momentos do processo de ensino-aprendizagem, sendo de grande importância na busca do conhecimento, permitindo avanços no desenvolvimento lúdico, criativo, emotivo e cognitivo. Desta forma deve as

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia. E-mail: aruanabarbara@hotmail.com.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail: amwag\_2301@outlook.com.



instituições escolares devem incentivar a interdisciplinaridade e suas várias possibilidades, pois a música ajuda em todas as fases e etapas do ensino.

Ao se utilizar da música em sala de aula, bem como o uso de outros meios artísticos, se é possível incentivar a participação, a cooperação, socialização, e assim destruir as barreiras que atrasam o desenvolvimento curricular do ensino.

Ainda sim, para ser possível ocorrer a integração da música em meios escolares é necessário a revisão dos métodos, da fundamentação, das bases que orientam as várias atitudes didático-pedagógicas dos conteúdos disciplinares e os âmbitos culturais.

Ao utilizar a música em âmbitos de interdisciplinaridade, temos que esta ainda não se apresenta com muita visibilidade em nossa educação, tanto nas áreas de pesquisa como no ensino, o que acontece são diferentes posições multidisciplinares. Assim para expor a importância da música nos anos iniciais.

O presente trabalho foi desenvolvido tendo como base a seguinte estrutura: Referencial teórico, seguido pela metodologia de pesquisa, onde logo após se tem os resultados e discursão, as considerações finais e as referências utilizadas em todo o trabalho.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

O presente trabalho traz à música como um elemento sempre presente na cultura e na história humana, participando efetivamente do cotidiano e dos momentos ao qual os indivíduos se inserem, sendo assim uma proposta metodológica que corrobora na sensibilidade, na criatividade,

memorização, raciocínio lógico e na alfabetização, imprescindível na formação da criança para que ela, ao se tornar adulta, atinja a capacidade de pensar por conta própria e exerça sua criatividade de maneira crítica e livre, a música e também a dança são fundamentais na formação do corpo, da alma e do caráter das crianças e dos adolescentes.

### **Breve histórico da música no Brasil**

A história (colocar os acesos) da música no Brasil é vasta e vem desde os primórdios do descobrimento do país, onde o primeiro relato que se tem notícia sobre o primeiro contato em território nacional com a música, foi entre os índios e os portugueses no sendo explicitado na Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel, como foi transcrito no livro História social da música popular brasileira, cujo autor é José Ramos Tinhorão (2010, p. 36-37):

Segundo Caminha, no quinto dia após a chegada, ou seja, no domingo, 25 de abril [de 1500], o capitão foi com uma equipe até perto da praia de onde os índios lhe acenavam e, satisfeita a curiosidade – conforme escrevia –, “viemo-nos às naus, a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem mais os constranger”. Mais tarde, ainda nesse domingo, resolveram descer em terra para tomar conhecimento de um rio que ali desaguava, “mas também para folgarmos” e, então, um antigo almoxarife de Santarém chamado Diogo Dias, por “ser homem gracioso e de prazer”, resolveu atravessar o rio para o lado em que se encontravam os índios: “E levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se a dançar com eles, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam, e andavam com ele muito bem ao som da gaita”.

Os índios eram considerados pelos portugueses, segundo os relatos, como povos com grandes aptidões para a música. respeito do fazer musical do povo indígena, relata o Pe. Fernão Cardim (1847) em uma de suas cartas publicadas no livro *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica*:

[...] e os mais delles nós, e juntos andam correndo toda a povoação, dando grandes urros, e juntamente vão bailando, e cantando ao som de um cabaço cheio de pedrinhas (como os pandeirinhos dos meninos em Portugal): vão tão serenos, e por tal compasso que não erram ponto com os pés, e calcam o chão de maneira que fazem tremer a terra: andam tão inflamados em braveza, e mostram tanta ferocidade que é coisa medonha e espantosa; as mulheres e meninos também os ajudam nestes bailes, e cantos; fazem seus trocados e mudanças com tantos gatimanhos e trejeitos que é cousa ridícula: de ordinário não se bolem de um lograr, mas estando quedos em roda, fazem o mesmo com o corpo, mãos e pés, não se lhe entende o que cantam, mas disseram-me os padres que cantavam em trovas quantas façanhas e mortes tinham feito seus antepassados; arremedam pássaros, cobras, e outros animais, tudo trovado por comparações, para se incitarem a pelejar (CARDIM, 1847, p. 36).

Segundo o autor Tinhorão (1972, p. 9-10), o trabalho de conversão dos gentios desenvolvido pelos jesuítas no Brasil foi, em certa medida, facilitado por:

[...] do ponto de vista musical, havia uma certa coincidência entre o espírito da catequese (que visava congregar os indígenas em reduções, sob a autoridade da Igreja), o sentido coletivo da música dos índios (quase sempre ritual, pelo característico mágico de suas relações com os fenômenos da natureza) e o caráter igualmente redutor de vozes da monodia do cantochoão.

Com o passar do tempo o processo de formação musical desenvolvido pelos jesuítas nas escolas de música resultou na instrução de diversos índios dentro da perspectiva artística europeia, isto já em um momento de Brasil como colônia de Portugal.

Essa instrução dos jesuítas fez surgir os *nheengariba*, índios músicos que acompanhavam as missões, onde dessa forma abriu-se um espaço para o surgimento de “capelas” particulares, grupos musicais provavelmente compostos por indígenas contratados pelos senhores de engenho para garantir a execução de música religiosa nas áreas rurais (CASTAGNA, 2003).

Com o passar do tempo além dos instrumentos desenvolvidos pelos índios, teve-se a incorporação dos instrumentos europeus, o que fez surgir novos ritmos e melodias, ocasionando em uma popularização das festas.

A história da música no Brasil perpassa por diversos momentos históricos, que foram enriquecendo seu uso e desenvolvendo novos ritmos e áreas da mesma, fazendo com que essa pluralidade possa ser adentrada de forma cultural e regional em cada canto do Brasil que possui suas peculiaridades na música.

### **A música como recurso didático pedagógico nos anos iniciais**

Ao longo dos anos a educação fundamental foi sendo incorporada por outras áreas e modificaram a forma de lecionar e de entender a aprendizagem, em meio a estas modificações encontramos indicadores que o indivíduo que recebe estímulos poderá aprender com maior facilidade e ter grande desempenho na fala e na oralidade ao iniciar sua relação, pois estas

pesquisas defendem que quanto mais palavras uma criança ouvir por volta dos dois anos, mais o seu vocabulário irá aumentar e melhorar.

Dessa forma, utilizar a música como uma metodologia ou meio didático de forma adequada para a idade da criança, facilita o seu desenvolvimento cognitivo, suas relações e seus estímulos.

Para que o cérebro desenvolva todo o seu potencial, são necessários estímulos, agindo diretamente em suas centrais de comunicação. Na infância, em especial, este conjunto de estímulos proporcionam o desenvolvimento das fibras nervosas capazes de ativar o cérebro e dotá-lo de habilidade (COSTA, 2002, p. 16).

Com base neste tipo de pensamento, a música em sala de aula, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental como auxílio pedagógico acaba por se tornar parte importante da metodologia de aprendizado. Pois quanto mais cedo a criança iniciar o seu contato com o mundo musical, o desenvolvimento das suas habilidades, motora, afetiva e social vão aflorar, facilitando e ampliando assim o seu conhecimento de mundo.

Pontuar música na educação é defender a necessidade de sua prática em nossas escolas, é auxiliar o educando a concretizar sentimentos em formas expressivas; é auxiliá-lo a interpretar sua posição no mundo; é possibilitar-lhe a compreensão de suas vivências, é conferir sentido e significado à sua nova condição de indivíduo e cidadão (ZAMPRONHA, 2002, p. 120).

Sobre a importância da música Cunha (2006) nos mostra que:

A linguagem musical é um meio de organização da realidade, e sua compreensão não é anterior a seu uso, é o uso



que organiza a experiência e permite sua compreensão. A linguagem musical é a organização do som, estruturado numa forma que estabelece relações e gera significados, provenientes da coordenação e ordenação integrada do sujeito, do objeto sonoro e de seu meio sociocultural (CUNHA, 2006, p. 68).

Ainda sim para que os professores conseguissem adentrar ao ensino da música e motivar as crianças a gostarem dela, eles devem conhecer as músicas que os mesmos gostam e se utilizar da cultura local para bem à vontade e o repertório de tornar o seu plano de aula mais interessante.

Segundo Brito (2003, p. 17):

A música é uma linguagem universal. Tudo o que o ouvido percebe sob a forma de movimentos vibratórios. Os sons que nos cercam são expressões da vida, da energia, do universo em movimento e indicam situações, ambientes, paisagens sonoras: a natureza, os animais, os seres humanos traduzem sua presença, integrando-se ao todo orgânico e vivo deste planeta.

Com isto fica evidente que a forma como a música é trabalhada é de extrema importância, pois é nessa etapa da vida que a criança inicia a construção de sua identidade.

### **Sugestões de atividades musicais no contexto da sala de aula**

O papel do professor no processo de ensino, pode assumir diferentes vertentes, entre as quais está o papel de mediador do conhecimento, e para isso é necessário estar ciente das metodologias e efeitos que estes devem possuir ou agir, assim, para os professores conseguirem motivar e cativar as

crianças a gostarem e aprenderem através da música, ele deve conhecer bem a vontade e o repertório de seus alunos, para poderem tornar o seu plano de aula mais interessante.

Ainda que esses procedimentos venham sendo repensados, muitas instituições encontram dificuldades para integrar a linguagem musical ao contexto educacional. Consta-se uma defasagem entre o trabalho realizado na área da música e nas demais áreas do conhecimento, evidenciada pela realização de atividades de reprodução e imitação em detrimento de atividades voltadas a criação e a elaboração musical. Nesses contextos, a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento constrói. (BRASIL, 1998, p. 47).

A música como uma metodologia de ensino, tende a despertar a criatividade, propiciando um momento em que a criança se expresse, entrete-lando isto depende da maneira como ela é colocada dentro de sala de aula.

O professor é um ser autônomo e com isto não pode não levar tudo pronto, deixando que a criança invente, crie, cante da forma que ela sentir. Não temos uma sala de alunos homogêneos, mas sim, heterogêneos, portanto, o tipo de música que a criança vai se identificar depende da bagagem cultural que ela já possui.

Respeitar a vontade da criança é primordial para estimularmos o seu desenvolvimento e facilitar o seu prazer em fazer música.

A musicalização é um processo de construção do conhecimento, que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção,

autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação (BRÉSCIA, 2003).

O processo de ensino e aprendizagem através da música pode ocorrer de inúmeras maneiras, basta que o professor use sua criatividade e sua percepção, tendo como base a experiência musical que as crianças já acumularam e vêm acumulando. "O fazer musical requer atitudes de concentração e envolvimento com as atividades propostas, posturas que devem estar presentes durante todo o processo educativo, em suas diferentes fases" (BRASIL, 1998, p. 60). Com base na citação acima, o professor e as crianças em conjunto, poderão colaborar para:

Como representar sonoramente um bater de portas, o trotar de cavalos, a água correndo no riacho, o canto dos sapos e, enfim, a diversidade de sons presentes na realidade e no imaginário das crianças é atividade que envolve e desperta a atenção, a percepção e a discriminação auditiva (BRASIL, 1998, p. 63).

A música como uma metodologia é algo estimulante, pois é através dela obtemos uma aprendizagem dinâmica, alegre e prazerosa, estimulando na criança a sua criatividade, sendo um estímulo atrativo para o aprender. A primeira música aqui apresentada, possui como título: A barata diz que tem de autor perante o domínio público. Esta música pode ser trabalhada durante as aulas de alfabetização, português e cultura, onde esta música trabalha os valores de conscientização do certo e errado, bem como a moral de que não se deve ser egocêntrico.

A segunda música, possui como título: Um, dois, feijão com arroz, que possui como autor o domínio público. Essa música pode ser trabalhada

nas aulas de matemática e cultura, onde a mesma pode trabalhar os números e junção silábica, podendo até mesmo ser utilizada para que os alunos possam melhorar sua refeição.

A terceira música, é a cobra, de autoria pública. Essa música pode ser trabalhada nas aulas de ciências, português e até alfabetização, pois, ela desenvolve uma história sobre a cobra, falando das características da mesma, além de das peculiaridades.

### **A importância das atividades musicais para o desenvolvimento infantil**

Escutar uma música, cantar uma canção, participar de brincadeiras de roda que envolvam música, aprender a fabricar brinquedos sonoros ou que possam produzir algum som, são algumas das atividades que podem ajudar a criança a desenvolver o gosto pela música, proporcionando a vivência de elementos estruturais dessa linguagem.

De acordo com os documentos do Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI):

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. (BRASIL, 1998, p. 45).

Com base nessas informações fornecidas pelo Referencial Curricular Nacional para educação infantil podemos dizer que a presença da música

no cotidiano do bebê e da criança acaba por proporcionar o início de um processo de musicalização intuitiva.

De acordo com Joly (2003, p. 116):

A criança, por meio da brincadeira, relaciona-se com o mundo que descobre a cada dia e é dessa forma que faz música: brincando. Sempre receptiva e curiosa, ela pesquisa materiais sonoros, inventa melodias e ouve com prazer a música de diferentes povos e lugares.

Com isso temos que assim como nos jogos e brincadeiras, na linguagem musical, a criança se expressa em sua totalidade como enfatiza Rosa (1990, p. 22-23):

A linguagem musical deve estar presente nas atividades [...] de expressão física, através de exercícios ginásticos, rítmicos, jogos, brinquedos e roda cantadas, em que se desenvolve na criança a linguagem corporal, numa organização temporal, espacial e energética. A criança comunica-se principalmente através do corpo e, cantando, ela é ela mesma, ela é seu próprio instrumento.

O professor consegue identificar a partir dessas atividades de musicalidade a personalidade de cada indivíduo, muitas vezes pode até mesmo entender uma dificuldade que o aluno esteja passando ou o entrosamento com o grupo e a falta deste, além de se beneficiar enquanto mediador do processo de aprendizagem. O benefício acaba se expandindo para ambos e melhor ainda, de forma prazerosa e divertida, criando uma linha de afeto entre os alunos e o professor.

Atenção especial deveria ser dispensada ao ensino de música no nível da educação básica, principalmente na educação infantil e no ensino fundamental, pois é nessa etapa que o indivíduo estabelece e pode ser assegurada sua relação com o conhecimento, operando-o no nível cognitivo, de sensibilidade e de formação da personalidade (LOUREIRO, 2003, p. 141).

Por esses fatores citados no parágrafo anterior que quando se utiliza atividades envolvendo a música na educação infantil, as crianças sentem muito mais prazer, pois aquele é um momento de alegria para elas.

A realização musical implica tanto em gesto como em movimento os diferentes sons que percebe. Os movimentos de flexão, balanceio, torção, estiramento etc., estabelecem relações diretas com os diferentes gestos sonoros (BRASIL, 1998, p. 61).

Com isso, fica evidente a importância da utilização da música no cotidiano das crianças, pois além de auxiliar as crianças a se transformarem em sujeitos que utilizam os sons musicais, criam, recriam e admiram a música, além de ampliarem por meio da música, ainda favorecem no desenvolvimento e na socialização, entre tantas competências.

[...] o objetivo central da educação musical é a educação para a música, que engloba vários aspectos do desenvolvimento humano. Entre estes, a autora cita, o desenvolvimento da manifestação artística e expressiva da criança, desenvolvimento do sentido estético e ético, desenvolvimento da consciência social e coletivo-ética, desenvolvimento da aptidão inventiva e criadora, busca do equilíbrio emocional e reconhecimento dos valores afetivos (CARVALHO, 1997, p. 13).



Praticando atividades com música dentro das escolas ajudará a criança a desenvolver sua linguagem oral, a conhecer novas palavras, a se enturmar cada vez mais com seus colegas e turma, e criar afeto pelos professores, além de aprender assuntos importantes para sua idade de forma divertida e prazerosa, promovendo também a oportunidade de o professor ter mais contato afetivo com cada um de seus alunos.

## **METODOLOGIA**

Tendo como principal objetivo buscar respostas e conseguir norteamento para as questões levantadas como objetivo exprobratório neste presente projeto, foi-se utilizado o método de pesquisa conhecido como de natureza descritiva, pois como afirma Freitas e Prodanov (2013), “uma pesquisa de natureza descritiva visa descrever características sobre o tema abordado e os estabelecimentos de relações entre variáveis.”

Já no que concerne em relação à forma de abordagem desenvolvida para obtenção das respostas aos objetivos que mapeiam este projeto, foi realizado uma pesquisa que se caracteriza e entende como qualitativa, em bancos de dados e artigos que tratem sobre o mesmo tema deste projeto, já no sentido do método, o mesmo “não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas, o processo e seu significado são os focos principais” (FREITAS; PRODANOV, 2013). Já a pesquisa bibliográfica:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se

estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Assim temos que esta metodologia de pesquisa, foram empregadas para que se fosse possível obter resultados validos e satisfatórios quanto ao desenvolvimento do trabalho.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através do que até aqui foi entendido é possível concluir que a música é um importante auxílio pedagógico utilizado para o desenvolvimento de forma geral. A criança pode ser entendida como um ser musical, pois cresce ouvindo música desde o útero materno. Isto faz com que a criança esteja constantemente em contato com a música, com o som, o ritmo, ou seja, ela tem necessidade de música, pois esta é uma das formas que ela estabelece a sua interação com o meio.

A música é também uma ponte entre as relações, pois aproxima corações, supera barreiras, além de ampliar e facilitar o desenvolvimento da criança.

Outro ponto forte de utilizar a música como uma metodologia é propiciar a criança uma transformação de comportamento e motora, ao ser estimulada na realização de canções, percussão corporal, construção de instrumentos, cantigas de roda, entre outras atividades musicais, as crianças se tornam mais soltas e participativas.

A utilização da música nos anos iniciais pode proporcionar o ensino e aprendizagem de forma lúdica além de ser um recurso no ensino de diversas disciplinas que devem ser contempladas nos anos iniciais, com base no que foi exposto fica evidente que as diversas áreas do conhecimento podem e devem ser contempladas com a prática da musicalização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário que os professores reconheçam que são mediadores da cultura e da história dentro do processo educativo, onde poderão se aproveitar dos meios disponíveis de ensino que tem em mãos para desenvolver novas formas de condições as crianças construir seus conhecimentos sobre música.

Assim quando a música é percebida pelo professor como fonte de ensino aprendizagem, as ações mais comuns realizadas no dia a dia se transformam em vivências capazes de estimular o seu desenvolvimento, mas para isto ocorrer deve haver uma consciência de que a música é tão importante quanto as demais áreas do conhecimento, portanto, torna-se parte fundamental para o processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, entendemos que as reflexões apresentadas neste artigo, podem nos auxiliarem a compreendermos melhor a relação música - aprendizagem - educação fundamental dos anos iniciais, além de aproximar os alunos de suas relações sociais e interações culturais. Com o que foi desenvolvido nesta pesquisa, foi possível evidenciar o quanto à utilização da música nas escolas pode modificar a forma de aprendizagem das crianças.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretária de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, volume 3.

BRÉSCIA, V. L. P. **Educação Musical**: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

BRITO, T. A. **Música na educação infantil**. São Paulo: Petrópolis, 2003.

CARDIM, F. **Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente (São Paulo), etc. desde o ano de 1583 ao de 1590, indo por visitador o P. Cristóvão de Gouveia**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1847.

CARVALHO, M. F. **Pré-escola da música**: musicalização infantil. Curitiba: Martins Fontes, 1997.

CASTAGNA, P. **A modinha e o lundu nos séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Instituto de Artes da UNESP, 2003. (Apostila do curso de História da Música Brasileira).

COSTA, S. B. **A importância da música para as crianças**. São Paulo: Abemúsica, 2002.

CUNHA, S. R. V. **Cor, som e movimento**: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 6. ed. [s.l.: s.n], 2006.

FREITAS, E. C.; PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Editora Feevale, 2013.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. (Apostila).

JOLY, I.; ZENKER, L. Educação e educação musical: conhecimentos para compreender a criança e suas relações com a música. In: HENTSCHKE, L.; DEL BEM, L. **Ensino de música**: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: moderna, 2003.

LOUREIRO, A. M. A. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

ROSA, N. C. S. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Ática, 1990.

TINHORÃO, J. R. A de culturação da música indígena brasileira. **Revista Brasileira de Cultura**, ano 4, n. 13, p. 9-26, 1972. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Conselho Federal de Cultura.

TINHORÃO, J. R. **História social da música popular brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

ZAMPRONHA, M. L. S. **Da música, seus usos e recursos**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.



# 2

## A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMILIA NA ESCOLA

GERLANE MATIAS VENANCIO  
ADRIANA MÔNICA OLIVEIRA



2

## A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA

Gerlane Matias Venancio<sup>3</sup> // Adriana Mônica Oliveira<sup>4</sup>

### INTRODUÇÃO

O presente estudo busca apresentar a importância da participação da família junto à escola, tendo como objetivo principal refletir sobre a relação entre escola e família e suas contribuições no desenvolvimento escolar e social da criança.

Ao longo do processo de aprendizagem as crianças passam por diversas fases visto que o desenvolvimento acontece o tempo inteiro de forma integral ao longo da vida, por essa razão a educação é vista como um processo de desenvolvimento permeando todos os meios em que a criança convive. Desta forma fica evidente que a família pode contribuir de forma significativa na aprendizagem dos alunos, considerando determinados fatores que a criança absorve no seio familiar e transcende no âmbito escolar.

A principal motivação e justificativa para a escolha desta pesquisa e seu referido tema se deu devido ao reconhecimento da importância da participação da instituição familiar na educação dos alunos. Na atual conjectura

---

<sup>3</sup> Graduanda em Pedagogia. E-mail: gerlanematias052@gmail.com.

<sup>4</sup> Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail: amwg\_2301@outlook.com.

imposta pela pandemia da Covid-19, a família teve sua importância reforçada devido à necessidade da colaboração da família para continuidade do ano letivo, dessa forma a pesquisa se justifica, pois se faz necessário abordar, expor e investigar como o impacto pode ser positivo no que diz respeito ao apoio da família e sua importância no ensino e aprendizagem dos alunos.

As instituições família e escola são muito importantes no processo de ensino-aprendizagem. A família por ser a primeira instituição, é considerada a base desse desenvolvimento, é nele que a criança começa a dar os primeiros passos para que o processo de socialização seja cumprido satisfatoriamente.

Portanto, a família vem se transformando com o passar dos tempos, acompanhando a globalização, portanto com essas mudanças as famílias foram se reformulando, se antes a responsabilidade era preparar os filhos para o mercado de trabalho, hoje essa responsabilidade recai sobre a escola, afinal de início as escolas surgiram para esse contexto, porém com tantas mudanças ocorrendo na sociedade contemporânea, ouve a necessidade de incluir os problemas da vida humana também no ambiente escolar.

Sendo assim o trabalho aqui descrito está dividido em revisão de literatura, metodologias, resultados e discussão, considerações finais e referências.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

A primeira vivência do ser humano acontece durante a família, onde logo durante seu nascimento existe o contato do bebe com os seus pais,

isto acontece independentemente da vontade da criança ou da constituição da família.

Segundo a NOB/SUAS 2005 (Norma Operacional Básica/ Sistema Único da Assistência Social) o conceito de família é: "Família: Grupo de pessoas, com laços consanguíneos e/ou de aliança e/ou de afinidade, cujos vínculos circunscrevem obrigações recíprocas, organizadas em torno de gênero e de geração." (NOB/SUAS, 2005, p.14).

Outro conceito de família encontra-se em nossa Lei Maior: a Constituição de 1988. Segundo ela: família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado. (...) é uma comunidade formada por qualquer um dos pais e seus descendentes." (CF: 1988, Cap. VII, art. 226, §4º).

É a família que dá nome e sobrenome a criança, que determina sua estratificação social, que lhe concede o biótipo específico de sua raça, e que o faz sentir, ou não, membro aceito pela mesma, além de ser o primeiro ponto de educação e cultura.

Portanto, a família é o primeiro espaço para a formação psíquica, moral, social e espiritual da criança, e precisamos entender a importância desta, na construção e desenvolvimento da educação da criança.

### **A função social da família e escola: breve contribuição histórica**

A ideia de origem da família está diretamente ligada à história da civilização e o conceito de sociedade, sendo estes conceitos estruturais primitivos, uma vez que surgiu como um fenômeno natural, fruto de uma necessidade do ser humano em estabelecer relações afetivas de forma estável,

principalmente na divisão de responsabilidades e afazeres dentro da função que se estabeleceu como sendo da família.

A família, então, tornou-se: "(...) fenômeno internacional e, até hoje, historicamente permanente. Em todos os grupos sociais, mesmo culturalmente diversos, encontramos a instituição familiar." (MEDINA, 1990, p. 13).

Mesmo diante disso, deixando de lado a família da antiguidade, em sua forma primitiva, é possível afirmar que a família brasileira tem como base a sistematização formulada pelo direito estabelecido durante o período do romano e pelo direito canônico de constituição familiar.

A família considerada como romana, era constituída por um conjunto de pessoas e coisas que estavam submetidas a um único chefe: o *pater familias*.

A sociedade romana reconhecia a família como totalmente patriarcal que reunia todos os seus membros em função do culto religioso, para fins políticos e econômicos, que se complementavam, onde os filhos seguiriam os paços dos pais, seja no trabalho ou perante a sociedade.

A passagem da família medieval para a moderna implicou numa lenta e insidiosa construção de um 'novo sentimento de família'. Essa transformação foi possível porque a família modificou suas relações e atribuições com a criança (MELMAN, 2002, p. 42).

Pereira (1991, p. 56), descreveu a estrutura da família romana neste estágio em que a religião e os fins políticos eram totalmente considerados como principais meios da sociedade:

Sob a *auctoritas* do *pater familias*, que, como anota Rui Barbosa, era o sacerdote, o senhor e o magistrado,

estavam, portanto, os membros da primitiva família romana (esposa, filhos, escravos) sobre os quais o *pater* exercia os poderes espiritual e temporal, à época unificados. No exercício do poder temporal, o *pater* julgava os próprios membros da família, sobre os quais tinha poder de vida e de morte (*jus vitae et necis*), agindo, em tais ocasiões, como verdadeiro magistrado. Como sacerdote, submetia o *pater* os membros da família à religião que elegia.

Com a devida ascensão do cristianismo, a Igreja católica assumiu a função de estabelecer a disciplina do casamento, considerando-o um sacramento.

Com isso passou a ser incumbência do direito canônico de reger o casamento, fonte única do surgimento da família.

No tempo de colonização e pós-colonização do Brasil, esta condição não causava inconvenientes uma vez que as pessoas que ocupavam o território nacional eram, em sua maioria, católicas.

Esta situação foi sendo modificada com o crescimento populacional decorrente, sobretudo, da imigração de pessoas, que fez aumentar a população de acatólicos. As pessoas que tinham outras convicções religiosas, ou seja, aquelas que não seguiam o catolicismo, estavam impedidas de contraírem o matrimônio, pois apenas católicos podiam se casar e constituir segundo esse direito, o entendimento de família.

Foi então que o Estado e a União decidiram intervir, criando o casamento misto pelo qual era possível a união de pessoas pertencentes a seitas, observando as prescrições religiosas respectivas.

Com isso, no Brasil, na época da colônia e do império, eram praticadas três modalidades distintas de casamento e matrimônio: O casamento



católico; o casamento misto (católico e acatólicos) e o casamento entre pessoas de seitas dissidentes.

O que se pode entender com esses períodos, é que tanto o direito canônico de casamento, por meio de suas normas de cunho moral, idealizadas e impostas pela igreja católica, quanto as outras regras estipuladas e moldadas pelos portugueses e imigrantes, mantinham todas as famílias sob intensa fiscalização e vigilância, fossem formadas por brancos, negros, índios ou advindas da fusão destes.

Com isso, a família se desenvolveu no Brasil, fruto de uma mistura de raças e culturas, sob a tentativa de um controle intenso e repressor realizado a pela igreja católica. Tal constatação mostra-se de suma importância para a compreensão da evolução da família. Nos dias atuais, a ideia de família mudou consideravelmente, principalmente na sua estrutura.

[...] Percebe-se o cuidado com a valorização da pessoa em um significado diferente daquele codificado anteriormente. Estas novas formas de constituição de família, assim como o casamento, são baseadas no desejo de estar junto, cujo principal fator é a própria comunhão de vida (CARVALHO, 2011, p. 08).

Mesmo indo de encontro ao que prega a constituição acerca da temática família, é possível perceber que aos poucos, a sociedade começa a ser formada por diferentes concepções e estruturas familiares, sustentadas pelo princípio de que o mais importante numa família é o amor e o desejo de estar junto, independentemente da sua configuração.

## Novas estruturas familiares no século XXI

Com as diversas e grandes mudanças sociais, a família também iria passar por meio delas com advento de novas configurações, estruturas e formas de família.

Nas últimas décadas, com as modificações e interações psicossociais das novas gerações com o meio, no ocidente, a família passou a ter novos significados culturais e sociais, formando-se novas identidades de arranjos parentais (HOUZEL, 2004, p. 08).

O que ganha um grande destaque, e também uma certa responsabilidade sobre essas novas estruturas familiares no século atual, é justamente o devoto a alguém ou existe alguma coisa.

Se desde a infância, a criança e também sua família passarem por difíceis processos para obter suas conquistas, neste contexto não será diferente o que a criança passara, e como essa irá crescer.

Como vimos na seção anterior, a visão que se tinha de uma família formada por homem e mulher (configuração romana), estava se abrindo para outras vertentes e possibilidade.

Quando tratamos de temas como a família, sabemos que há um grande tradicionalismo à frente dela. No entanto, com o passar dos anos e com as mudanças que a sociedade veio a adquirir, a família também obteve progressos e novas estruturas.

Em resumo, os princípios constitucionais gerais asseguram a convivência harmônica entre as diversas espécies de entidades familiares existentes na sociedade brasileira atual,

independentemente de sua previsão expressa no texto constitucional, conferindo-lhes indistintamente o mesmo nível de reconhecimento e de proteção (CARVALHO, 2011, p. 36).

Embora essas novas configurações familiares, com suas estruturas não sendo consideradas pela constituição federal, a mesma já demonstrava uma certa visão sobre o assunto.

Vale salientar que essas mudanças não devem ser vistas como tendências negativas, ou indício de crise.

A provável desorganização da família é uma das concepções da reestruturação que ela vem sofrendo, os valores sociais atribuídos entre o homem e a mulher tendem a se transformar não só no lar, mas também no trabalho, na rua, no lazer e em outros âmbitos da atividade humana.

Ao tratar dessas novas estruturas familiares, demarcamos a relação homoafetiva, caracterizada por pessoas do mesmo sexo (dois homens ou duas mulheres). Sabemos o quão impactante é respeitar esse novo modelo de união, pois em outros tempos poderíamos afirmar a inexistência de famílias como essas, além da conquista da união legal e também do direito aos seus descendentes, quando realizada pelo exercício da inseminação artificial, ou de uma outra prática comum como a perfilhação.

Mesmo com o direito ou não à união matrimonial, esse novo modelo de família existe.

A permissão da união do casamento homossexual e as alterações do conceito de família na Lei federal de 1988 do código civil, que entrou em vigor no ano de 2002, tem por intuito, acompanhar as dinâmicas culturais, padronizar leis recentes, como o divórcio, e dispositivos constitucionais referentes à família. Assim, entende-se que a família não é

mais aquela que, com denominação de “legítima”, é constituída pelo casamento e forma o eixo central do direito da família (IAMAMOTO, 2004, p. 14).

Com ele, vem também o que é necessário para o crescimento da família: Os filhos. Essas crianças podem vir de adoção (o que é muito comum sendo uma das grandes conquistas destes casais), da inseminação artificial ou em vitro.

Essa realidade é reflexo de novas ressignificações dos valores familiares impulsionados pela sexualidade que passou a ser uma necessidade individual. Também, a possibilidade de gerar filhos sem a união sexual faz com que surjam novas experimentações de vivências sociais (CASTELLS, 2003, p. 19).

Diversos desafios são encontrados para se viver como as famílias heterossexuais, e, embora tenha se tenha percebido algumas mudanças, percebe-se que, quando o “casal homossexual fala em ter filhos, a situação é tratada como antinatural” (CARVALHO, 2011, p. 09).

Ao analisar o texto “Notas sobre a família no Brasil” (ALMEIDA, 1987), podemos fazer uma ligação entre momentos históricos e características relacionadas a este modelo de família:

**Figura 01** – Evolução da estrutura familiar

ANTIGÜIDADE CLÁSSICA	CRISTIANISMO	RENASCIMENTO/ REFORMA E ILUMINISMO
<p>PAI- o homem</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Patrimônio do "pater familias": esposa e filhos, escravos, gado, agregados e todos os outros bens móveis e imóveis.</li> </ul>	<p>MULHER/HOMEM</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Obediência/dominação</li> <li>• Privado/público</li> <li>• Passividade/liberdade</li> <li>• Castidade/experiência</li> <li>➤ Casamento é um sacramento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Novas formas de viver as relações: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Homem X Mulher</li> <li>- Adulto X Criança</li> <li>- Sexo X Comer X Produzir.</li> </ul> </li> </ul>

**Fonte:** ALMEIDA, Â. M. "Notas sobre a família no Brasil", 1987

Devido às mudanças sociais tão comentadas em outros momentos, vemos o quanto o público, advindo dessas novas famílias crescem no cenário educacional. Todo ser humano, possui o direito de viver da forma que achar melhor, além de que, para se alcançar os seus desejos, diversos direitos passaram a ser conquistados pelo homem e pela mulher dentro da sociedade.

### **A responsabilidade familiar na educação de acordo com aspectos legais**

O artigo 2º da LDB (lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) traz que:

A educação é direito de todos e dever da família e do Estado cabendo aos pais, na idade própria, matricular seus

filhos na rede escolar, cumprindo ao Estado a responsabilidade de oferecer vagas e condições adequadas de ensino (BRASIL, 1996, p. 01).

O dever da família com o processo de escolaridade e a importância de sua presença no contexto escolar também é reconhecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que no seu artigo 1º traz o seguinte discurso: "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais". (BRASIL, 1996, p. 01).

Embora a legislação seja clara e forneça todo o embasamento legal no que tange à inclusão familiar no contexto escolar, isso não tem sido suficiente para superar o grande atraso do sistema educacional uma das questões cruciais de educação de sociedades contemporâneas que perseguem um sistema que assegure a otimização de uma tarefa essencial em suas destinações históricas (NOGUEIRA, 2002).

### **Qual a importância da família na escola?**

A família é a instituição mais importante da sociedade, devendo ser considerada como a estrutura da mesma e como a preparação das gerações seguintes. Um núcleo familiar bem estruturado pode ser uma forte influência no processo de aperfeiçoamento da criança seja na vida pessoal, profissional ou escolar. "A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a



escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos” (REIS, 2007, p. 6).

Desta forma a relação família-escola é de fato significativa para o desenvolvimento de cada estudante, essa parceria sempre foi imprescindível para que o processo de ensino aprendizagem pudessem acontecer de forma eficaz, onde a escolar nunca estará sozinha no sentido de que a educação ocorre de maneira conjunta com a família ou responsáveis do educando, onde a escolha por essa parceria se inicia desde a escolha da instituição em que será recebido este aluno e vai pelo resto da vida escolar do mesmo.

Como afirma Piaget ao dizer que: “[...] Se toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem, se não educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos” (PIAGET, 2007, p. 50).

A escolar por sua vez tem como função auxiliar a resolução de conflitos e fazendo com que os seus alunos sejam capazes de desenvolver habilidades e competências necessárias de variados tipos de conhecimentos.

Uma de suas tarefas mais importantes, embora difícil de ser implementada, é preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 25).

Entendemos que a família é um lugar de construir valores e virtudes de acordo com suas particularidades, e a instituição de ensino é outro meio social onde são apresentadas novas maneiras de construções de saberes,

onde novas visões de mundo são ampliadas e saberes culturais são assimilados.

### **Família e escola: parceria importante para o desenvolvimento da criança**

A parceria entre as famílias e as instituições de ensino pode ser dividida em dois âmbitos, onde o primeiro é a educação formal e a segunda à técnica, de qualquer forma quando a família e a escola estão ambos unidos em um único objetivo, que é, formar cidadãos conscientes da sociedade em que habitam, com valores éticos e morais e com uma perspectiva de um futuro promissor, pode-se chegar a um trabalho coletivo que pode concluir-se com esse fim.

A família pode participar de várias maneiras na vida educacional do estudante, Freitas, Maimoni e Siqueira (1994, p. 37), elas podem: “acompanhar tarefas e trabalhos escolares, verificar se o filho fez as atividades solicitadas pelo professor, estabelecer horário de estudo, informar-se sobre matérias e provas, entre outras.”

É evidente que há vários modelos de famílias, onde não existe somente um tipo de família na sociedade brasileira, mas existem singularidades entre elas. É possível afirmar que cada família possui sua identidade e estão em constante evolução, constituídas com o intuito básico de prover a subsistência de seus integrantes.

Segundo Ackerman (1986, p. 17):

o momento histórico em que nos encontramos, tem alterado a configuração da vida familiar e tem abalado os

padrões estabelecidos de Indivíduo, Família e Sociedade. [...] Seres humanos e relações humanas foram lançados em um estado de turbulência, enquanto a máquina cresce muito, à frente da sabedoria do homem sobre si mesmo. A redução do espaço e a intimidade forçada entre as pessoas vivendo em culturas em conflito exigem um novo entendimento, uma nova visão das relações do homem com o homem e do homem com a sociedade.

Em relação às perspectivas da família com relação à escola e com seus filhos, encontram-se várias ideias de que a instituição escolar “eduque” o filho naquilo que a família não se julga capaz e que ele seja preparado para obter êxito profissional e financeiro.

A família não é o único canal pelo qual se pode tratar a questão da socialização, mas é, sem dúvida, um âmbito privilegiado, uma vez que este tende a ser o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora. A família constitui uma das mediações entre o homem e a sociedade. Sob este prisma, a família não só interioriza aspectos ideológicos dominantes na sociedade, como projeta, ainda, em outros grupos os modelos de relação criados e recriados no próprio grupo (CARVALHO, 2006).

Logo, deve haver um estreitamento das relações entre família e escola em busca de uma qualificação com mais qualidade, evitando uma confusa transferência de responsabilidades entre ambas as partes para alcançar um bom desenvolvimento saudável dos educandos. O primeiro passo para a interação positiva entre a escola e a comunidade é, sem dúvida, o conhecimento da própria comunidade por parte da escola. Para um considerável afunilamento desta relação, seria necessária toda a comunidade escolar, não somente educadores ou gestores, analisar instrumentos que facilitassem o

intercâmbio entre as partes, favorecendo uma relação de confiança e respeito para com os envolvidos.

## **METODOLOGIA**

Para esta pesquisa foi utilizado como recurso metodológico uma pesquisa bibliográfica com foco qualitativo, onde se considera como instrumento de coleta de dados pesquisas em sites, revistas, livros, artigos e outros meios disponíveis na internet. Segundo Ferreira (2002), considerando que pesquisas e estudos desenvolvidos nesta área se amplificaram nos últimos 20 anos e atualmente é um campo de pesquisa atuante em diversas áreas do conhecimento.

Medeiros (2000, p. 40) ainda relata sobre o que é uma pesquisa bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica constitui-se em fonte secundária. É aquela que busca o levantamento de livros e revistas de relevante interesse para a pesquisa que será realizada. Seu objetivo é colocar o autor da nova pesquisa diante de informações sobre o assunto de seu interesse. É um passo decisivo em qualquer pesquisa científica, uma vez que elimina a possibilidade de se trabalhar em vão, de se despendar tempo com o que já foi solucionado.

Este tipo de estudo tem ajudado na troca de conhecimento e intercâmbio entre pesquisadores e instituições a fim de otimizar a pesquisa e a pluralidade de conhecimento em vários aspectos desta forma buscando atualização por base em novas pesquisas e trabalhos disseminados no meio educacional que enfoquem o tema abordado.

O método de pesquisa com enfoque qualitativo, pode ser descrito como:

A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 124).

Esses métodos de pesquisa bibliográfica com foco qualitativo dos dados, foi a metodologia escolhida para conjunção e elaboração deste artigo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fica explícito que um núcleo familiar bem estruturado pode ser uma forte influência para o processo de aprendizagem da criança seja ele na vida pessoal, profissional e claro escolar, assim a escolar e a família devem estar unidos durante todo o processo de aperfeiçoamento da criança na vida escolar.

Diante disto, Sanders e Epstein (1998, p. 17) destacam: "é necessário planejar e programar ações que assegurem as parcerias entre estes dois

ambientes, visando a busca de objetivos comuns e de soluções para os desafios enfrentados pela sociedade e pela comunidade escolar.”

A parceria entre família e escolar é muito importante, pois visa a qualidade no ensino e o sucesso na vida escolar dos alunos, sendo essencial na sociedade em que estamos atualmente inseridos.

Família e escola devem estar em constante comunicação sobre como está a evolução de cada aluno e pensarem juntos em estratégias para melhoria do estudo tanto em casa quanto na escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mediante o exposto consideramos que a relação entre família e escola ficou ainda mais evidente durante a pandemia, pois a escola teve que rever as suas estratégias de ensino e de aprendizagem no formato a distância com a reformulação de materiais, dinâmicas de aulas e preparação dos professores e a família teve que reformular a sua rotina e organização domiciliar para as crianças poderem acompanhar as aulas.

Desta forma a parceria entre família e escola se tornou essencial, sendo primordial na educação básica brasileira, e fundamentada pelos documentos oficiais do Ministério da Educação e essa união continuará sendo importante também após a pandemia, com diálogo e participação.

Os pais, familiares, professores poderão discutir sobre a continuidade das aulas presenciais, tendo em vista os protocolos de saúde, e o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pensando nas dificuldades encontradas durante o percurso, como também o estado emocional dos alunos, que são indicativos importantes para o replanejamento das aulas



presenciais pois perante o cenário atual de mudanças e incertezas devido à pandemia, é preciso proporcionar para crianças e adolescentes uma rotina positiva em relação aos estudos, garantindo: Segurança, continuidade dos estudos e equilíbrio emocional.

Todavia, o envolvimento dos pais e professores como uma rede de apoio mútuo é fundamental. Este momento de crise é oportuno para transformar esta relação e aprofundar os diálogos, suscitando uma visão mais abrangente que visa não só o desenvolvimento acadêmico, mas também o desenvolvimento social e emocional dos alunos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. de. Notas sobre a família no Brasil. *In*: ALMEIDA, A. M. de (org). **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394 de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

CARVALHO, S. A. P. de. **União Estável Homoafetiva**. Fortaleza, 2011. Monografia (Especialização em Direito de Família, Registros Públicos e Sucessões) – Universidade Estadual do Ceará, Escola Superior do Ministério Público.

CASTELLS, M. **Il potere della identità**. Milano, It: Università Bocconi Editore, 2003.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “Estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Ano XXIII, nº 79, agosto/2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2022.

HOUZEL, D. As implicações da parentalidade. *In*: SOLIS-PONTON, L. (org.). **Ser pai, ser mãe Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

IAMAMOTO, M. V. Família na Contemporaneidade. *In*: SALES (Org.). **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. São Paulo: Cortez, 2004.

NOGUEIRA, R. A. Mudanças na sociedade contemporânea. *In*: **Mundo Jovem**, São Paulo. Fev. 2002.

MEDEIROS, J. B. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. São Paulo: Atlas, 2000.

MEDINA, C. A. Família ontem, hoje e amanhã: Debates sociais- nº especial, **CBCISS e Rede**, RJ, 1990, p. 13-27.

MELMAN, J. **Família de doença mental**: repensando a relação entre profissionais de saúde e familiares. São Paulo: Escrituras, 2002.

PEREIRA, A. P. **A nova Constituição e o Direito de Família**. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação?**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

REIS, R. P. **Mundo Jovem**, nº. 373. Fev. 2007, p. 6.

SANDERS, M. G.; EPSTEIN, J. L. **International perspectives on School, Family and community Partnerships**. ChildhoodEducation, 1988.

TRIVIÑOS, A. N. S. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: \_\_\_\_\_. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.



3

## A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ivana Ravena de Mendonça Pinheiro<sup>5</sup> // Adriana Mônica Oliveira<sup>6</sup> //

Valdete Batista do Nascimento<sup>7</sup>

### INTRODUÇÃO

A Educação Infantil ao longo dos anos, e através das leis e diretrizes, é considerada como fundamental para o desenvolvimento integral e preparatório da criança. Possuindo como principal método o ensino em creches e instituições escolares, que possuem o dever de: oferecer aos seus alunos momentos prazerosos que venham satisfazer as necessidades básicas de ensino e aprendizagem dos mesmos, proporcionando atividades que imergem os alunos em fatos e atividades de seu cotidiano, um exemplo disto, são os jogos e brincadeiras infantis que resultem na aprendizagem da criança, descobrindo suas habilidades e propiciando seu desenvolvimento motor e cognitivo.

Através do contato da criança com os jogos e brincadeiras, ou seja, com o lúdico, é possível adentrar a construção de um novo mundo, de uma

---

<sup>5</sup> Graduanda em Pedagogia. E-mail: ivana\_ravena@hotmail.com

<sup>6</sup> Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail: amwag\_2301@outlook.com.

<sup>7</sup> Mestra em Ciências da Educação, área de especialização em Educação de Adultos, pela UMINHO-PT.

realidade rica de significados e repleta de possibilidades auxiliadas ou coordenadas pelos educadores, para serem significativas para a educação e para o aprendizado contínuo dos mesmos.

Com a missão de esclarecer a importância da utilização dos jogos e brincadeiras como um facilitador metodológico na Educação Infantil e para cumprir com os objetivos deste trabalho.

Tendo o conhecimento da grande importância que os jogos e brincadeiras exercem na aprendizagem das crianças é que este projeto visa apresentar uma proposta de trabalho de conclusão de curso que analisa a partir da pesquisa bibliográfica e compressão de bacos de dados, dando ênfase a leituras que contemplem o quanto é necessário a utilização do brincar no dia a dia das crianças em seu processo de aprendizagem nas instituições de ensino.

Com base nessa missão e visando explicar a importância do lúdico para a Educação Infantil, temos que este artigo foi estruturado da seguinte forma: Introdução. Revisão de literatura, metodologia, resultados e discussão, considerações finais e referências.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

Por meio dos jogos e brincadeiras as crianças interagem umas com as outras desenvolvendo suas habilidades, suas relações afetivas, coordenação motora e cognitiva, ampliando assim seu intelecto sem ter a “obrigação” de aprender, de forma que tudo acontece de forma espontânea. Com isto os jogos e brincadeiras permitem que as crianças desenvolvam a sua



imaginação de modo que elas possam vivenciar situações críticas e aprender conforme tais situações.

### **Breve histórico da educação infantil no Brasil**

Aqui traçaremos uma linha evolutiva na qual informará as importâncias e benefícios encontrados nesse caminhar, sabemos dos reais valores e contribuições trazidos por esse processo evolutivo que bonifica aos envolvidos, desse que seja planejado e bem instruído quando for posto em ação, pois não basta apenas traçar metas, devemos sim, alcançar esse objetivo independente das dificuldades, as quais já devam estar previamente calculados.

Num primeiro momento a educação voltada para as crianças no Brasil foi dividida em fases, as quais podemos exemplificar a seguir: A primeira fase começou em meados de 1974, onde segundo Farias (2005), as Câmaras Municipais do Brasil passaram a destinar uma quantia monetária ao acolhimento de crianças negras, mestiças ou brancas que eram abandonadas, as chamadas crianças enjeitadas.

Esse acolhimento como era chamado era uma forma de escola e por assim ser voltada às crianças fazia o papel de creche, onde seu intuito inicial era educar essas crianças, já que até esse momento, o papel do educar era atribuído para as mães, e está desde então já se encontravam atreladas as tarefas de casa além de muitas vezes estarem sobrecarregadas por serviços extras, momento em que eram chamadas para trabalharem também em fábricas servindo como mão de obra necessária para estas, e sendo assim conseguiriam contribuir com o sustento da casa.

Diante disso e analisando essas dificuldades que muitas vezes excluía as crianças até mesmo do meio familiar, por isso que se fala em crianças abandonadas e enjeitadas, uma vez que a necessidade era maior do que os lucros obtidos por meio das forças de trabalho e estes menores que já eram abandonados pelas políticas sociais (que não existiam) não proporcionando educação, saúde, e lazer, que só foram possíveis a partir da constituição de 1988, onde passou a serem ofertadas de forma obrigatória por parte das políticas governamentais e assistenciais vigentes.

Ainda durante essa chamada primeira fase teve a chegada dos jesuítas com ensino voltado para o lado religioso, os quais queriam educar acreditando que as crianças eram uma forma de quadro em branco e que qualquer saber necessário que eles tivessem de obter seria através deles, nesse tempo também houve uma diferenciação entre crianças pobres e crianças da "casa grande".

Desde então nota-se a diferenciação e forma vexatória e excludente a que infelizmente ainda existem nos dias atuais, gerações que ficaram marcadas pelo descaso repassado e tratado como normal, nisso foi apoiado e não gerava estranheza, uma vez que quem se prejudicava eram as classes sociais mais baixas que não tinham direito a aprender nem tampouco reivindicar melhorias, uma vez que o sistema manipulava e conduzia para aquele caminho.

Com relação à segunda fase, conforme Rizzine, (1997) o educar deixou de ter cunho religioso e o sistema passou a se preocupar mais com as crianças, tratando tais como o futuro e dando mais ênfase e importância para que a nível social existisse uma melhoria significativa, nessa perspectiva os olhares deixaram de entender os pequenos como seres secundários e

que sua educação serviria apenas para “desocupar” as famílias arraigadas e sobrecarregadas e passaram a vê-las como objeto principal para um futuro brilhante e valioso. “De acordo com lógica evolucionista e positivista da época, vigiar a criança para evitar que ela se desvie é entendido como parte de uma missão eugênica, cuja meta é a regeneração da raça humana” (RIZZINI, 1997, p. 03).

No final do século XIX, o Estado começou a chamar para si a responsabilidade do cuidar e do zelar pela criança, no que diz respeito a sua integridade física, social e até para suprir a falta ocasionada e comumente evidenciada pela distância da família, não por culpa desses, mas sim devido as condições adversas nas quais muitas vezes a família estava inserida.

A autora Rizzini (1997) aponta também para o surgimento da pediatria, com a finalidade de evidenciar ainda mais essa postura inovadora assumida pelos governantes, momento em que se preocupavam com as crianças que eram então tidas como o futuro da nação, criando juntas médicas para trabalhar juntos às famílias a melhor forma de cuidarem da saúde das crianças, uma vez que nessa fase da infância era determinante para o crescimento saudável e assim estimular o crescimento pessoal desses e uma maior garantia de sucesso por parte de todos os sujeitos envolvidos nesse processo na busca por uma melhor qualidade de vida de forma bem ampla, compreendendo desde o lado social, o cuidado com a família e forma pela qual a criança obtivesse um melhor aproveitamento de todas as formas imagináveis, desde a saúde até a educação.

Justamente nesse período do final do século XIX, em que passava o Brasil que segundo Pardal (2005) a construção das primeiras ideias a respeito da creche no Brasil. Creches que a princípio serviam como simples

depósito de crianças enquanto suas mães precisavam trabalhar para contribuir com o sustento familiar (não era o que apontava no papel, apenas a simples realidade), elas chegaram ao Brasil seguindo os padrões franceses tendo em vista uma política de “valorização da criança” em que nosso país tinha adotado, visando oferecer mais suporte às famílias, principalmente as menos favorecidas de recursos financeiros e saberes educacionais.

Em sua origem a palavra creche significava e trazia:

Uma sociedade beneficente é estabelecida entre pessoas caridosas que desejam concorrer e fundar uma creche para crianças pobres de menos de dois anos, cujas mães trabalham fora do seu domicílio e tenham uma boa conduta (PARDAL, 2005, p. 61).

Chegando assim para dar um suporte para as classes mais desfavorecidas, mas sua chegada trouxe também um dilema, pois estas eram destinadas exclusivamente para as famílias pobres por esse motivo surgiram também os jardins de infância que eram destinados aos filhos de classes sociais mais elevadas

Segundo Kuhlmann (1998, p. 22), “[...] o Sentimento de infância não seria inexistente em tempos antigos ou na Idade Média [...]”.

Dessa forma, podemos observar que desde o princípio já fora pensado em inserir as crianças nas redes de socialização motivada pela educação, fosse na idade antiga, ou seja ela nos tempos atuais, possa ser que naquele tempo não tivéssemos os recursos metodológicos que temos hoje, no entanto o saber devia ser pensado e repassado diante do existente e dentro da metodologia de época.

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre essa fase da vida. É preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las como produtoras da história (KUHLMANN, 1998, p. 30).

Quando falamos em aceitar as crianças em suas condições, significa ouvi-las, dar condições e espaço para que elas sejam seres que constituirão seu saber, ver elas como seres ativos que podem construir seu próprio saber como, por exemplo, utilizando sua Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), diferenciando-se do que pensavam alguns autores, Vygotsky (1978) propõe como satisfatório a forma de aprendizagem constituída através da zona de desenvolvimento proximal, nesta a criança ainda não faz em sua totalidade os processos de compreensão e razão pela qual, precisa espelhar-se em uma criança mais velha ou mesmo um adulto que já tem saberes suficientes para atingir determinado objetivo proposto e dessa forma possa seguir seus passos para obtenção de êxito em determinada tarefa, seria basicamente seguir os passos daquele detentor de mais experiência específica que possa empregar na realização daquela ação.

Nas teorias Vygotskianas a aprendizagem mais satisfatória acontece num processo ao qual seja chamado de "aprendizado de mão dupla", esse modelo reafirma o posicionamento de que nenhuma criança em nenhum momento de sua vida, muito menos em sua chegada na escola terá uma mente vazia, o que comumente chama-se de um quadro branco, toda criança tem entrelaçada a sua vivência a cultura a que foi recebida por parte de seus familiares em escala evolutiva e mais uma vez ocasionado pela proximidade, confiança nas conversas e contações de histórias.

Através desse pensamento de “aprendizagem de mão dupla” também verificamos que nenhum professor é detentor de todo o saber, pois por maior que seja a sapiência de determinada pessoa, está ainda terá muito que aprender com o outro, e justamente essa humildade que fortalece os sistema de ensino, razão pela qual são dados ouvidos e a atenção ainda maior dada ao saber adquirido, onde o professor questiona e tira proveito a enriquece ainda mais seu saber, momento em que transforma conhecimento que na metodologia tradicional era imposta, para a atualidade que utiliza o diálogo como ponte de conhecimento de forma ativa e benéfica para todos os sujeitos inseridos nesse minucioso processo de aquisição de conhecimento.

A consideração da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) possibilita uma proposta de “boas aprendizagens”, que são as que conduzem a um avanço no desenvolvimento (Vygotsky, 1978). Como desenvolve Freire (2001, p. 12): “[...] um ser finito, limitado, inconcluso, mas consciente de sua inconclusão. Por isso, um ser ininterruptamente em busca, naturalmente em processo”.

Segundo Freire (2001), o ser humano é um sujeito ativo em seu conhecimento e na busca pelo mesmo, fazendo ênfase e salientando de que precisa apenas de si para ir buscar novos saberes, que indagado pela figura central, inovadora e incentivadora atribuída ao professor, este ser irá lucrar sucesso em sua vida.

O ser humano é um ser que sempre evolui independentemente da situação em que esteja situado, unindo a esse pensamento a forma de agir que sempre fora implantada por Vygotsky (1978).



Assim teremos uma forma de ensino mais aproximada e defendida por muitos autores e até mesmo por educadores, qual seja a educação de cunho dinâmico, enfatizando a liberdade de expressão muitas vezes de forma satisfatória executada e guiada pelos caminhos da ludicidade atrelada ao saber de Freire que afirma que o homem aprende independente do espaço, isso é, o ensinar mais aproximado com o qual é tratado na atualidade seja uma miscelânea destes dois grandes autores que unem a zona de proximidade aliada ao lúdico tendo a certeza que o saber não acaba, e sempre se reinventa e nos traz cada vez mais prazer em aprender dessa forma satisfatória.

### **Leis e diretrizes da educação infantil**

Na Educação Infantil, a criança detém em sua trajetória a incorporação de ser ensinada e de aprender através de diversos tipos de metodologias, onde uma das quais se detém na utilização de jogos e brincadeiras como uma oportunidade de desenvolver e ampliar suas relações sociais, interações, formas de comunicação e seu senso crítico, com base nisso é necessário entender e privilegiar o contexto social em que a criança está inserida e o seu redor, reconhecendo a diversidade de conhecimentos que essas crianças têm e quais as possibilidades de jogos e brincadeiras elas podem usufruir e serem ensinadas através deles. Como afirma Carvalho e Pontes (2003, p. 48) sobre a importância da brincadeira:

A brincadeira é uma atividade psicológica de grande complexidade, é uma atividade lúdica que desencadeia o uso da imaginação criadora pela impossibilidade de satisfação

imediate de desejos por parte da criança. A brincadeira enriquece a identidade da criança, porque ela experimenta outra forma de ser e de pensar; amplia suas concepções sobre as coisas e as pessoas, porque o faz desempenhar vários papéis sociais ao representar diferentes personagens.

Nessa perspectiva, a Educação Infantil tem como principal fundamento buscar a união do educar e do cuidar em torno do sentido de aprendizagem, “compreendendo o aluno como um ser integral que necessita desenvolver-se em seus aspectos: motores, cognitivos, sociais e afetivos (CABRAL, 2005).

A Educação Infantil no Brasil é reconhecida e considerada como a primeira etapa da educação básica brasileira, ou seja, como o primeiro pilar da educação contínua e formadora, como descrito no Título V, Capítulo II, Seção II, art.29 da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, onde a mesma possui como finalidade: “favorecer o desenvolvimento da criança” (BRASIL, 1996).

Entretanto, foi a Constituição Brasileira (BRASIL,1988) que definiu em seu dispositivo legal, artigo 208, inciso IV, a necessidade da oferta como uma obrigação do atendimento em creche e pré-escola, às crianças de 0 a 06 anos de idade:

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade. Criou uma obrigação gratuita para todo o sistema educacional, que teve que se equipar para dar respostas a esta nova responsabilidade, a qual foi confirmada pela LDB (BRASIL, 1996, p. 02).

Uma das maiores preocupações dos educadores na Educação Infantil é a necessidade de propiciar ou conseguir, a todas as crianças, um desenvolvimento integral e dinâmico. Porém, para que isso ocorra é necessário que: “Brasil é um país que tem por necessidade modificar a concepção de Educação Infantil, no entanto essa modificação implica em atentar para várias questões que ultrapassam seus aspectos legais” (OLIVEIRA, 2000, p. 15).

Esta preocupação de conseguir de alguma forma propiciar a todas as crianças um ensino dinâmico e de qualidade foi e ainda é durante anos, uma das principais discursões dos pesquisadores infantis, sendo até mesmo repassado para a discussão sobre como as crianças aprendem, a compreensão dos processos que levam as crianças a construir seus conhecimentos, bem como sobre o que elas são capazes de aprender ou adquirir, ou seja, a relevância dos conteúdos a serem socializados, tornou-se a questão central para os profissionais que lidam com esse segmento educativo (OLIVEIRA, 2000).

A partir destes conhecimentos de que as crianças necessitam de um ensino dinâmico, de qualidade e com as preocupações que surgiram em junho de 2006 foi então sancionada a Lei nº 11.274 que reformulou o ensino fundamental para nove anos e visa assegurar às crianças maior convívio escolar, maiores oportunidades de aprender e com isso, uma aprendizagem com mais qualidade.

### **Ludicidade como instrumento de aprendizagem**

O ser humano nasceu para aprender, para descobrir e apropriar-se dos conhecimentos, desde os mais simples até os mais complexos, e é isso que lhe garante a sobrevivência e a integração na sociedade como ser

participativo, crítico e criativo. Em todas as fases de sua vida, o ser humano descobre e aprende coisas novas pelo contato com seus semelhantes e pelo domínio sobre o meio em que vive. Independente de cultura, raça, credo ou classe social, toda criança brinca. Todos os seus atos estão ligados à brincadeira e aos jogos.

A infância é a idade das brincadeiras e jogos. Acreditamos que, por meio delas, a criança satisfaça seus interesses e necessidades particulares. O lúdico é uma palavra que vem de origem latina "*ludus*" e possui como significado brincar, assim estão incluídos os jogos, brinquedos e as brincadeiras. Amarilha (1997, p. 88) em sua fala diz que "na verdade, a atividade lúdica é uma forma de o indivíduo relacionar-se com a coletividade e consigo mesmo".

O lúdico é uma palavra de origem latina: "*ludus*", que significa "jogo". Poderia significar somente jogar, mas com a sua evolução tornou-se o que hoje podemos definir como uma forma de desenvolver a criatividade e o conhecimento através de jogos, brincadeiras, músicas (ALMEIDA apud VENTURINI, 2016, p. 13).

O lúdico sempre esteve presente em todas as fases da humanidade, independente de classe social ou cultural e permanece até os dias atuais, compreende-se que a ligação do lúdico com a educação ocorre desde a Antiguidade. Desta forma, Platão apud Silveira (1998, p. 04) traz a importância do jogo para a educação ressaltando que:

Brincando, aprenderá, o futuro construtor, a medir e a usar a trena; o guerreiro a cavalgar e a fazer qualquer outro exercício, devendo o educador esforçar-se por dirigir os

prazeres e os gostos das crianças na direção que lhes permita alcançar a meta a que destinarem.

Por meio de atividades que envolvam a ludicidade o relacionamento existente entre os alunos pode ser melhorado e por vezes fortalecido, assim como viabiliza diversas oportunidades para que os alunos aprendam de forma mais ativa. Segundo Pozas apud Venturini (2016):

A brincadeira projeta a criança em um universo alternativo excitante, no qual ela não só pode viver em situações sem limitações, mais também com menos riscos". Afirma ainda que a brincadeira requer a tomada de decisão, para as crianças a brincadeira não é inata, não é natural, porque produz relações entre elas próprias com outras crianças e supõe-se que tenha uma aprendizagem social. (POZAS apud VENTURINI, 2016, p. 15)

Pode-se afirmar que por meio da ludicidade a criança passa a interagir, a compartilhar, tomar decisões e a cumprir regras. A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

Não queremos uma escola cuja aprendizagem esteja centrada nos homens de talentos, nem nos gênios, já rotulados. [...] Precisamos de uma escola que forme homens, que possam usar seu conhecimento para o enriquecimento pessoal, atendendo os anseios de uma sociedade em busca de igualdade de oportunidade para todos (RESENDE, 1999, p. 42- 43).

Percebemos com isso que se o professor tiver conhecimento e satisfação, existirá maior probabilidade de que os demais professores se utilizem desse "modelo" na sua sala de aula. Nóvoa (1991, p. 21) afirma que o sucesso ou insucesso de certas experiências marcam a nossa postura pedagógica, fazendo-nos sentir bem ou mal com esta ou aquela maneira de trabalhar na sala de aula.

### **Jogos e brincadeiras na educação infantil**

Os jogos e as brincadeiras auxiliam as crianças a vivenciarem diferentes situações no seu cotidiano com regras já preestabelecidas. Elas desenvolvem a auto avaliação, a relação do ganhar e do perder e entre outras, fortalecendo assim vínculos e a autoestima.

Através dos jogos e brincadeiras, a criança molda sua personalidade, autonomia, criatividade, locomoção e tantas outras áreas. O importante é que as crianças se sintam livres para criar, reformar e construir tendo um pleno contato com a natureza, em que o mesmo aprenderá brincando, construindo sempre um respeito para com suas limitações e para com o ciclo natural da vida (LACERDA, 2005. p. 15).

Os jogos e brincadeiras no ambiente escolar é muito significativo e necessário. Devendo considerar o papel do brincar, onde não é somente um passatempo mais sim um importante recurso que deve ser utilizado na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos especialmente na Educação Infantil.



O uso do brinquedo/jogo educativo com fins pedagógicos remete-nos para a relevância desse instrumento para situações de ensino-aprendizagem e de desenvolvimento infantil. Se considerarmos que a criança pré-escolar aprende de modo intuitivo adquire noções espontâneas, em processos interativos, envolvendo o ser humano inteiro com cognições, afetivas, corpo e interações sociais, o brinquedo desempenha um papel de grande relevância para desenvolvê-la (KISHIMOTO, 1997, p. 36).

Fica evidenciado que a brincadeira e os jogos são instrumentos significativos e de suma importância para a aprendizagem e desenvolvimento infantil, onde a criança aprende e se desenvolve de forma espontânea, e assim sem nenhum tipo de pressão, ela nem percebe que está aprendendo. Sendo assim podemos então acreditar que o uso de jogos e brincadeiras na Educação Infantil, pode ser utilizado como um estimulante nos alunos ocorrendo de forma comum e bastante agradável, além de despertando o interesse para futuras relações de conhecimento.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo de conclusão de curso foi realizado através de uma metodologia que se entende como um levantamento bibliográfico e documental, onde por meio de bancos de artigos foi possível identificar a importância e a contribuição dos jogos e brincadeiras no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil.

Durante seus estudos Cechinel *et al.* (2016), analisa que uma pesquisa documental se baseia em:

[...] inicia-se pela avaliação preliminar de cada documento, realizando o exame e a crítica do mesmo, sob o olhar, dos seguintes elementos: contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto e conceitos-chave. Os elementos de análise podem variar conforme as necessidades do pesquisador. Após a análise de cada documento, segue-se a análise documental propriamente dita [...] (CECHINEL *et al.*, 2016, p. 4).

Já no que se refere a pesquisa bibliográfica, temos que:

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Podemos salientar que este estudo foi realizado a partir da leitura de artigos encontrados na internet em bancos de dados, foram revisadas as bibliografias dos autores, Oliveira, Cabral, Carvalho e Pontes, que apresentaram muitas contribuições para esta pesquisa, foi utilizado também materiais disponíveis em sites e acervos da internet. Segundo Gil (1991, p. 44), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Não se pode definir de imediato que material deverá ser consultado. A experiência, porém, demonstra que é muito importante buscar esclarecer acerca dos principais conceitos que envolvem o tema de pesquisa, procurar um contato com trabalhos de natureza teórica capaz de proporcionar

explicações a respeito, bem como com pesquisas recentes que abordam o assunto.

A pesquisa então tomou os rumos de natureza qualitativa por conter abordagens bastante relevantes, que proporcionam ao pesquisador ter um entendimento mais detalhado dos significados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De forma geral esta pesquisa evidenciou diversos fatores concernentes ao desenvolvimento e alfabetização da criança onde é possível dizer que através dessa pesquisa, pôde-se alcançar o objetivo proposto que foi perceber a importância dos jogos e brincadeiras no ensino infantil, além de demonstrar a contribuição dos jogos e das brincadeiras como recurso metodológico em sala de aula, analisar a construção histórica envolta dos jogos e brincadeiras, e seu uso em instituições de aprendizado, compreender o uso desta metodologia para unificar os principais saberes através da mesma e como esses recursos são utilizados pelos educadores em sala de aula.

O lúdico encoraja e quebra a barreira da timidez da criança, ela passa a reconhecer os seus limites de competir, as atividades lúdicas, mostram que as crianças demonstram que desenvolveram habilidades importantes, para que possam explorar e exercitar suas próprias ações, enriquecendo a sua capacidade intelectual e sua autoestima.

As relações entre o brincar e o aprender é um grande motivo para que professores e crianças possam fazer do espaço escolar, um especial e educativo lugar para brincar, sonhar, interagir e agradavelmente

aprender, para a construção do conhecimento desenvolvendo regras para um convívio social favorável, que a acompanhará no seu processo de crescimento e na sua formação pessoal e profissional.

É evidente que para educar uma criança é necessário proporcionar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizados, o respeito, acolhimento e a viabilidade na rotina de sala de aula, promovendo coletivamente compreendendo o melhor com suas atividades da autoestima das crianças.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o fim deste artigo foi-se possível compreender que através dos estudos, pesquisas e documentos que os jogos e brincadeiras são fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, jogar, brincar e a utilização dos brinquedos são atividades importantes para o desenvolvimento emocional, afetivo, cognitivo, motor, crítico, sensitivo e social dos alunos.

Pôde-se, ainda, constatar o impacto do quanto as brincadeiras e os jogos têm perdido espaço para uma alfabetização precoce.

Através desta pesquisa pude compreender melhor a contribuição do lúdico para o desenvolvimento do aprendizado da criança, facilita a linguagem e estimula os movimentos corporal, comportamento, adição, habilidade expressiva e dramática da criança são alguns caminhos que o brincar proporciona para a infância da criança.

Em algumas pesquisas também foi possível perceber que, os familiares e as próprias instituições de ensino cobram muito do professor,

como para que seu filho saia da Educação Infantil totalmente alfabetizado, onde não percebem que por vezes isso é prejudicial para a criança, além de que a pressão no educador pode acabar agravando a continuidade do trabalho do mesmo, gerando uma incapacidade de desenvolver novas atividades e até mesmo culminando em uma regressão da turma. As crianças cada vez mais cedo são obrigadas a trocar brinquedos por livros e os livros pelo mercado de trabalho.

A partir do que foi estudado como referencial teórico, esse estudo constatou que os jogos e brincadeiras tradicionais e culturais são atrativos para os alunos e que os jogos e brincadeiras tem uma função essencial no desenvolvimento da criança.

Utilizar o lúdico como recurso pedagógico e suporte de intervenção requer um compromisso maior do educador em relação aos conteúdos trabalhados, que precisam ser significativos e fazer sentido para as crianças e para os educadores.

## REFERÊNCIAS

AMARILHA, M. **Estão Mortas as Fadas?**: Literatura Infantil e Prática Pedagógica. Rio de Janeiro: Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da educação**. nº 9394 de dezembro de 1996.

CABRAL, A. C. F. C. **Formação de Professores para a Educação Infantil**: um estudo realizado em um Curso Normal Superior. Belo Horizonte, 2005.

CARVALHO, A. M. A.; PONTES, F. A. R. Brincadeira é cultura. *In*: CARVALHO, A. M. A.; MAGALHÃES, C. M. C.; PONTES, F. A. R.; BICHARA, I. D. (Org.). **Brincadeira e cultura**: viajando pelo Brasil que brinca. (pp.15-30). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CECHINEL, A. Estudo/Análise Documental: uma revisão teórica e metodológica. Criar Educação. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – UNESC**. Criciúma, SC, v. 5, n.1, p.1-7, jan./jun, 2016.

FARIAS, M. Infância e educação no Brasil nascente. *In*: VASCONCELOS, V. M. R. (Org.). **Educação da infância**: história e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 33-49.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

KUHLMANN JUNIOR, M. O jardim de infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX. *In*: MONARCHA, Carlos (Org.). **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p. 3-30. (Coleção educação contemporânea).

KUHLMANN JUNIOR, M. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.



LACERDA, J. H. V. **Ludicidade**: jogos e brincadeiras na educação infantil. 2005.

NÓVOA, A. **Formação contínua de professores**: realidades e perspectivas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

OLIVEIRA, Z. M. R. (org.). **A criança e seu desenvolvimento**: perspectiva para se discutir a educação infantil. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PARDAL, M. V. C. O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista. *In*: VASCONCELOS, V. M. R. (Org.). **Educação da infância**: história e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 51-72.

SILVEIRA, M. J. M. **O Ensino e o Lúdico**. Santa Maria: Multiprees, 1998.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RESENDE, C. A. **Didática em perspectiva**. São Paulo: Tropical, 1999.

RIZZINI, I. **O século perdido**: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. Rio de Janeiro: Petrobrás-BR: Ministério da Cultura: USU Ed. Universitária: Amais, 1997.

VYGOTSKY, L. S. Mind in Society. **The Development of Higher Psychological Processes**. Cambridge MA: Harvard University Press, 1978.

VYGOTSKY, L. S. **Política e Educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

# 4

## A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

JÉSSICA FERNANDA DA SILVA ARAÚJO  
ADRIANA MÔNICA OLIVEIRA



4

## A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Jéssica Fernanda da Silva Araújo<sup>8</sup> // Adriana Mônica Oliveira<sup>9</sup>

### INTRODUÇÃO

Na Educação Infantil, a utilização de brincadeiras, ou seja, do lúdico em aulas, é uma possibilidade de compreender o desenvolvimento da criança pela forma e pela linguagem lúdica específicas da infância, ou seja, através da utilização do lúdico como metodologia, é possível direcionar e entender a comunicação que as crianças possuem ao se expressar e assim auxiliar os seus sentidos em colaboração com o processo de ensino e aprendizagem.

Porém, antes de utilizar o lúdico como metodologia didática é necessário conhecer o significado de brincar e conceituar os termos principais utilizados sobre o brincar para ser possível interpretar o universo lúdico e reconhecer os elementos básicos da ludicidade, dos quais a criança se comunica com o seu mundo pessoal e com o outro, em forma de interação e relações afetivas.

---

<sup>8</sup> Graduanda em Pedagogia. E-mail: araujojessicafernanda92@gmail.com.

<sup>9</sup> Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail: amwag\_2301@outlook.com.

Para embasar teoricamente este trabalho, podemos compreender através de Vygotsky (1998), onde o mesmo defendeu a ideia de que o educador em seus sentidos de ensinar, poderá se utilizar do uso de jogos, brincadeiras, histórias e outros mecanismos culturais para que através do lúdico a criança possa se sentir estimulado a pensar e a resolver situações-problemas, tendo como principal finalidade entender as reações críticas e sociais do seu dia a dia. Todavia este trabalho possui como principal objetivo o de esclarecer a importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil.

Em sua estruturação este trabalho contempla as seguintes partes: a revisão de literatura contendo, contexto histórico da Educação Infantil no Brasil, breve história das brincadeiras na Educação Infantil, Contribuições das brincadeiras para o desenvolvimento global da criança, brincadeiras como ferramentas significativas aos processos de ensino e de aprendizagem, seguido das descrições das metodologias utilizadas, resultados e discussão, considerações finais e referências.

O presente trabalho científica é composto por introdução, revisão de literatura uma breve distorção sobre o contexto histórico da educação infantil no Brasil e um breve história das brincadeiras na educação infantil, também falamos sobre a contribuições das brincadeiras para o desenvolvimento global da criança, e as brincadeiras como ferramentas significativas aos processos de ensino e de aprendizagem. Na oportunidade apresentamos a metodologias trabalhada e os resultados e discussão obtidos. Concluímos com as considerações finais e as. Referências bibliográficas utilizadas.

## REVISÃO DE LITERATURA

A educação através do lúdico é algo que envolve o mundo das brincadeiras e isso se torna mais evidenciado na Educação Infantil, onde estes assumem um papel de recurso pedagógico na qual a sua principal função é de auxiliar o educador no processo de ensino-aprendizagem. Com isso o presente trabalho relata diversas contribuições, tanto históricas quanto motoras e cognitivas que são esperadas quando se utiliza a brincadeira como uma metodologia.

### Contexto histórico da educação infantil no Brasil

Durante as décadas de 70 e 80 a realidade da Educação Infantil começou a mudar com o surgimento de estudos e concepções sobre a infância. O primeiro grande marco na história da Educação Infantil veio na constituição de 1988, que reconheceu pela primeira vez a creche e a pré-escola como parte do sistema educacional no Brasil.

Kramer (2009) analisa um pouco do contexto atual que envolve as políticas e pesquisas a respeito da Educação Infantil da seguinte forma.

[...] as pesquisas sobre educação infantil têm caminhado em paralelo com os avanços das políticas públicas em relação (1) à democratização do acesso (expresso de modo concreto no aumento do número de matrículas) e (2) à melhoria da qualidade empreendida pelos sistemas municipais e estaduais de ensino (alguns mais do que outros), mobilizados graças ao impacto dos movimentos sociais e das mudanças legais e institucionais, engendradas também pelo governo federal. A elaboração de diretrizes e a definição de critérios de qualidade, a recente aprovação do

Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) e a ampliação do ensino fundamental para nove anos abrem perspectivas de mudanças (KRAMER, 2009, p. 12-13).

A autora ressalta algumas mudanças que ocorreram nos últimos 30 anos no Brasil, no que se refere à Educação Infantil, e apontando desafios e conquistas na área:

A situação da cobertura se alterou muito nos últimos 30 anos no Brasil, com avanços mais visíveis em relação às crianças de 4 a 6 anos, mas com um panorama ainda preocupante em relação àquelas de 0 a 3, nas creches. No que diz respeito à qualidade do trabalho realizado, os debates teóricos, os embates dos movimentos sociais e os esforços das políticas públicas (secretarias municipais, secretarias estaduais e Ministério da Educação) têm-se dirigido especialmente à busca de consenso sobre os critérios de qualidade para a educação infantil, o delineamento de alternativas curriculares e a formação de professores. Persistem inúmeros desafios: da concepção de políticas à implementação de propostas pedagógicas e às práticas, muitas são as conquistas a obter, tanto em termos teóricos quanto curriculares (KRAMER, 2009, p. 13).

Em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reafirma os direitos constitucionais, que em seu art. 4º traz que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Em 1994 o Ministério da Educação (MEC) publicou o documento “política nacional de Educação Infantil” que estabeleceu metas como expansão



de vagas e políticas de melhoria da qualidade no atendimento as crianças (MEC/SEF, 1997).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) sancionada no ano de 1996 regulamenta a Educação Infantil, definindo-a como primeira etapa da Educação Básica e indicando no seu art. 24. Como sua finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Ainda no que se refere à legislação presente nas políticas públicas, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução CNE/CEB de 1999), que possuem caráter mandatório, são observadas na elaboração das propostas pedagógicas de cada estabelecimento.

Tais Diretrizes foram revogadas dentro da Resolução CNE/CBE n. 5, de 17 de dezembro (BRASIL, 2009b), que instituiu novas diretrizes para esta etapa da Educação Básica. Esta Resolução foi publicada no Diário Oficial de 18 de dezembro de 2009, na Seção 1, página 18.

### **Breve história das brincadeiras na educação infantil**

No início dos tempos em que se tem conhecimento sobre a educação brasileira, as crianças não tinham digamos, benefícios, na verdade nada se fazia por elas, crianças não tinham garantia de assistência à saúde, ao lazer e devidos as condições precárias em que muitas famílias estavam condicionadas, muitos dos pequenos não tinha sequer direito à dignidade e à vida segundo Kramer (2003, p. 48) comenta que, do descobrimento até 1874,

“pouco se fazia no Brasil pela infância desditosa, tanto do ponto de vista da proteção jurídica, quanto das alternativas de atendimento existentes”.

Desta forma observa-se a maneira injustificada em que as crianças eram tratadas, hoje muito se diz que as crianças são o futuro do Brasil, imaginem o que pensar sobre esse tempo nebuloso em que não se tinha a mínima expectativa de crescimento para nenhum dos lados, o que pode se justificar pela menção anterior.

Fato esse também evidenciado pelo significado inicial que fora dado quando houve o surgimento das creches, qual seria que estas serviriam de depósito de crianças, isso mesmo, os filhos eram simplesmente colocados nesses lugares com o intuito de que seus pais pudessem trabalhar e tentarem um melhor sustento para sua família, muitos casos as mães também necessitavam de dispor de seus serviços visto, a renda per capita família muito baixa e não podiam cuidar de seus filhos, ainda assim tinham que educar seus filhos segundo as normas existentes e vigentes na época.

Isto é, realidade essa que era aplicada apenas aos filhos dos pobres que eram educados com a finalidade de dar prosseguimento ao que os pais, lavradores, agricultores e desta forma permanecer neste grande ciclo excludente existente ainda nos dias atuais, por outro lado, as classes dominantes tinham seus filhos educados por professores para assim perpassarem a continuidade dos lucros e serem a classe dominante dos poderes. Kuhlmann (1998, p. 78) afirma que em relação às crianças pobres:

[...] a creche, para as crianças de zero a três anos, foi vista como muito mais do que um aperfeiçoamento das Casas de Expostos, que recebiam as crianças abandonadas; pelo contrário, foi apresentada em substituição ou oposição a estas, para que as mães não abandonassem suas crianças.

Não bastassem as famílias que além de não terem tempo disponível, muito menos saber para repassar para seus filhos e serem obrigadas a mostrarem os caminhos da educação, justamente por toda essa dificuldade vemos a parte mais sombria, onde muitas crianças eram abandonadas, dessa forma foi implantada no final do século XIX, e seguindo os modelos franceses as creches no Brasil, onde de acordo com a política vigente, foi pensada como uma forma de reduzir esse abandono.

A chegada das creches no Brasil, se deu com o objetivo de diminuir esses entraves, problemas ocasionados e que sobrecarregavam ainda mais a figura das mães já dotadas de afazeres e com seu tempo esgotado para tal fato, o que gerava assim um estado de miséria para crianças e mães, ao contrário do real objetivo que estas tinham pelo mundo, momento em que era implantadas para servir de abrigo para as crianças durante o período em que suas mães eram recrutadas para trabalho de mão de obra em grandes fábricas, conforme cita Didonet (2001, p. 12):

As referências históricas da creche são unânimes em afirmar que ela foi criada para cuidar das crianças pequenas, cujas mães saíam para o trabalho. Está, portanto, historicamente vinculada ao trabalho extradomiciliar da mulher. Sua origem, na sociedade ocidental, está no trinômio mulher-trabalho-criança.

Vendo assim entendemos o motivo pelo qual surgiram as creches, demonstrando cada vez mais que desde o começo as crianças eram tratadas, digamos que, como um fardo a ser carregado por famílias e porque não citar os governos que não proporcionavam proteção e cautela, jogando-as juntamente que seus descendentes a se arriscarem a darem seus passos na

vida sem nenhuma base, ou ao menos os direitos mínimos os quais nos foram garantidos por meio da constituição de 1988.

Faltava interesse por parte dos governantes brasileiros no atendimento e atenção básica voltados para as crianças, principalmente no que diz respeito às crianças oriundas de famílias pobres.

Buscando suporte em pensamento de grandes pensadores que defendem a prática da ludicidade e sua importância para os anos iniciais, bem com, para que esse primeiro contato com a escola seja sadio e que a criança crie laços de afinidade com professores, colegas e demais figuras existentes na esfera escolar que encontramos Vigotsky (1998, p. 126): "É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não por incentivos fornecidos por objetos externos".

Em um dos grandes e lembrados momentos de sapiência que serve de inspiração na forma de lecionar até os dias atuais está uma celebre frase em que diz o seguinte: A brincadeira existe de maneira essencial na aprendizagem da criança, pois através dela a criança recria e vive um momento que antes existia apenas em sua imaginação, desta forma ela pode ser fator determinante e criar histórias, momentos em que pode ser tudo aquilo que um dia imaginou, dessa forma ela pode ser médica e consultar colegas e bonecos (as), engenheiro construindo os mais diversos prédios e cidades, cuidar de animais sendo assim um veterinário (a) dentre um grande leque de ramificações e de vitais importâncias para que sua imaginação trabalhe de forma ativa e que ela seja processo determinante e pensante dentro da perspectiva da criação pessoal e evolução gradativa da melhoria de qualidade da vida em sociedade.

As atividades lúdicas na educação infantil fazem com que as crianças tenham capacidade desenvolvem o ato de explorar e refletir sobre a cultura e a realidade em que vive podendo incorporar e questionar sobre as regras e sobre seu lugar na sociedade, pois durante tais atividades elas podem superar a realidade, e muda-la por meio da imaginação (VITAL, 2009, p. 11).

A ludicidade foi implantada na educação não por acaso. Através da brincadeira a criança aprende de forma espontânea e muitas vezes nem se dá conta do que está fazendo, ao mesmo tempo que esse saber já fica intimamente ligado à sua realidade.

Ao brincar a criança aprende noções de regras, direitos e deveres nos quais precisará para se inserir em sociedade, no simples fato de emprestar um brinquedo ao colega e receber outro para continuar arquitetando sua imaginação e dando asas a seu saber, nesse simples fato ele desenvolve noções de maior e menor, de cores, área e ambiente no qual sua diversão está inserida, tudo isso de forma natural e muitas vezes dispersa, o professor servindo como facilitador e indagando aos seus educandos sobre o motivo daquele pequeno gesto, induzindo-o aos caminhos mais satisfatórios dentro da educação com a finalidade de utilizar mais o brincar não apenas como passatempo e sim como instrumento para aquisição de conhecimento ativo.

Segundo Brenelli (1996), a utilização do lúdico no aprendizado da criança muito antiga, vem dos gregos e romanos e, de acordo com os novos ideais de ensino, o jogo deve ser utilizado para facilitar as tarefas escolares.

Observa-se então, que desde os primórdios dos tempos, o educar era pensado na forma de que o lúdico contribuísse de forma preponderante para que o saber ocorresse de forma harmônica e prazerosa, fato esse que se devia com o objetivo de diminuir a evasão e até mesmo rechaçar a

possibilidade de a criança entender o ambiente escolar como uma coisa monótona, isso é, a diversão na qual eles estavam inseridos e eram levados de forma quase que imperceptível em sua faixa etária era a metodologia pensada e executada de forma vitoriosa, gerando por conseguinte jovens, adolescentes que naturalmente iriam avançar no saber permanecendo dentro da escola e nos melhores caminhos do saber sempre buscando algo mais, tendo em vista que os mesmos tiveram suas bases sólidas ainda mais enraizadas na unidade de ensino.

Mas, como essa forma de ensino voltada para o lúdico pode contribuir para a melhoria da qualidade do ensino?

Brincar é coisa séria, também, por que na brincadeira não há trapaça, há sinceridade e engajamento voluntário e doação. Brincando nos reequilibramos, reciclamos nossas emoções e nossa necessidade de conhecer e reinventar. E tudo isso desenvolvendo atenção, concentração e muitas habilidades. É brincando que a criança mergulha na vida, sentindo-a na dimensão de possibilidades. No espaço criado pelo brincar nessa aparente fantasia, acontece a expressão de uma realidade interior que pode estar bloqueada pela necessidade de ajustamento às expectativas sociais e familiares (VIGOTSKY, 1994, p. 67 *apud* CORREA; BENTO, [s/d], p. 2).

O brincar deve ser ministrado de forma dinâmica facilitando o entender nas mais determinadas e variadas realidades na qual o educando esteja inserido, obvio que de forma controlada, padronizada e planejada para que a mesma não venha a tornar-se uma desordem prestando apenas para o lado da brincadeira, utilizar os recursos como jogos, brinquedos e criar formas divertidas que aglutinam e inserem até mesmo aqueles que por venturam possam vir a ter necessidades especiais.



A criança ao chegar na escola, por menor que seja, nunca deverá ser tratada como um quadro em branco, todos têm suas culturas já inseridas em seus dias, por mais simples e até oriundas dos lugares a famílias mais desprovidas de recursos financeiros e educacionais.

O jogo possibilita a aprendizagem, aguçando a criatividade, o pensar, raciocinar, descobrir, persistir, interagir, socializar, criar e recriar. Através de jogos é possível que a criança tenha uma dimensão de tempo, quantidade e compreensão da sequência. O jogo serve como forma de equilíbrio entre a criança e o mundo (CORREA; BENTO, [s/d], p. 2).

Mesmo assim elas já trazem consigo rastro do que foi repassado por seus pais, tios, familiares em geral, saberes esses que são levados em consideração para determinar a forma com será pensada e planejados os recursos para obtenção do saber, não trataremos, nem devemos pensar em igualdade, tendo em vista que os educandos vem dos mais variados lugares e diferentes realidades, religiões e até mesmo culturas, mas deve-se prezar pela equidade, partindo de pontos diferentes e serem tratados de forma igualitária na escola com o objetivo de partirem daquele ponto "X" qual seja a escola e juntos buscarem e atingirem os mesmos degraus na caminhada da vida buscando a obtenção da sapiência a nível educacional.

Nesse contexto o qual todos os alunos tem a capacidade de alcançar, basta agir de forma pensante ao mesmo tempo em que são desafiados a sentirem-se capazes de conseguir tudo aquilo que pensavam quando criança e maturaram durante a juventude e adolescência chegando ao significado do real motivo pelo qual está baseada sua existência.

## Contribuições das brincadeiras para o desenvolvimento global da criança

Utilizar o lúdico como um processo facilitador do ensino e da aprendizagem na modalidade da Educação Infantil, se tem atualmente como de fundamental importância, pois é uma metodologia de ensino que proporciona uma aprendizagem interativa e prazerosa para as crianças, pois através do mesmo, elas acabam por aprender brincando e isto advém desde os tempos mais remotos da humanidade, e está inserido no próprio sentido da palavra lúdico, como vemos a seguir:

O lúdico tem sua origem na palavra latina "ludus" que quer dizer "jogo". Se achasse confinado a sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo. O lúdico passou a ser reconhecido como traço essencial de psicofisiologia do comportamento humano. De modo que a definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo. As implicações da necessidade lúdica extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo (FERREIRA; SILVA RESCHKE, [s/d], p. 3).

O pensador Soares (2010, p. 18) vai um pouco além e esclarece que as atividades lúdicas são inerentes ao ser humano e estão presentes em todas as classes sociais, crianças de várias idades brincam, se divertem através da ludicidade, e isto não é uma individualidade da criança, mas sim de todas as idades e acompanha os homens em todos os seus períodos.

Já segundo os estudiosos Santos (2002, p. 12), a utilização do lúdico facilita "a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural," onde colabora ainda para uma "boa saúde mental," de forma que prepara os

indivíduos para um estado interior “fértil,” que facilita os processos de “socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento.”

Assim podemos conotar que ao se utilizar do lúdico na escola ou das instituições de ensino como uma metodologia, podemos obter a aprendizagem e favorecer o desenvolvimento físico, intelectual e social da criança, ou seja, possibilita um desenvolvimento real, completo e prazeroso, através de algo que a criança tem apropriação e domínio.

Atividade lúdica é muito viva e caracteriza-se sempre pelas transformações, e não pela preservação, de objetos, papéis ou ações do passado das sociedades [...]. Como uma atividade dinâmica, o brincar modifica-se de um contexto para outro, de um grupo para outro. Por isso, a sua riqueza. Essa qualidade de transformação dos contextos das brincadeiras não pode ser ignorada (FRIEDMANN, 1996, p. 43).

Através desta passagem é possível entender que as atividades lúdicas divertem, são prazerosas e mesmo assim proporcionam descobertas através de estímulos propostos pelo educador, onde se tem a instrução de regras e posicionamentos para desenvolver os jogos e brincadeiras de forma criativa e divertida, estimulando o lado criativo e crítica da criança.

### **Brincadeiras como ferramentas significativas aos processos de ensino e de aprendizagem**

O local onde a criança brinca naturalmente é um lugar de conforto e prazer, assim a escola pode ser vista pela criança como uma segunda casa, um local onde possa a criança possa se sentir à vontade sendo quem

realmente é, e o professor tem o papel de intermediador entre aluno e seu descobrimento sobre o mundo crítico.

[...] através do brincar a criança pode desenvolver capacidades importantes como a atenção, a memória, a imitação, a imaginação, ainda propiciando à criança o desenvolvimento de áreas da personalidade como afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade (FANTACHOLI, 2011, p. 3).

Como base no que o autor citou a brincadeira, ao ter um orientador para intermediar de forma coerente, sem tirar com isso, o significado da brincadeira, o momento de prazer em que à criança brinca pelo simples ato de brincar, ela estará trabalhando seu corpo, suas comunicações sociais e sua parte cognitiva.

Entretanto, pensando não só apenas na contribuição do saber cognitivo desenvolvido através de tais práticas, a criança irá construir uma relação na vida afetiva e social, uma vez que suas emoções são trabalhadas pela prática de tais atividades como a brincadeira em grupo, que além de ensinar regras e limites, desenvolve a integração com o outro, suas emoções e ações ao ganhar e perder, vivenciando alegrias e frustrações.

A utilização de procedimentos metodológicos que envolvem brincadeiras, jogos e brinquedos tende a contribuir com mais facilidade para o processo de ensino e aprendizagem da criança na formação de atitudes como: cooperação; socialização; respeito mútuo; interação; lideranças, criatividade, personalidade e autonomia, que favorecem a construção do conhecimento do educando (SANTOS, 2014, apud REIS *et al.*, p. 3).

Após estas breves reflexões a utilização das brincadeiras, temos então que considerar a importância destas na vida e na educação infantil, é relevante discutir que através das brincadeiras as crianças possuem a sua primeira interação com brinquedos e assim estilizando um paradigma com o mundo e as pessoas ao seu redor. O brincar possui funções no desenvolvimento da criança, podemos citar como exemplo as funções motoras, físicas, mentais ou cognitivas e de compressão da realidade, como afirma Piaget (1974, p. 13):

O indivíduo tende a um equilíbrio, que está relacionado a um comportamento adaptativo em relação à natureza, que por sua vez sugere um sujeito de características biológicas inegáveis, as quais são fonte de construção da inteligência. O desenvolvimento é caracterizado por um processo de sucessivas equilibrações. O desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e segue até a maturidade, sendo comparável ao crescimento orgânico: com este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio.

Ao se utilizar das brincadeiras como uma metodologia para auxiliar o desenvolvimento integral, fica mais fácil do professor se aproximar da criança, levando conhecimento da vivência da corporeidade do sentir e do relacionar-se.

## **METODOLOGIA**

De forma a concluir com os objetivos deste estudo, o panorama metodológico adotado neste desenvolvimento teórico onde foram consequentemente abordados os temas necessários para o desenvolvimento do projeto do trabalho de conclusão de curso, para isto foi realizado uma pesquisa

bibliográfica, em uma natureza metodológica que se tem conhecida como um levantamento bibliográfico sobre a importância do lúdico no desenvolvimento infantil: o lúdico e a aprendizagem.

A pesquisa bibliográfica, para Fonseca (2002), é realizada:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

A partir disto este trabalho visa apresentar uma breve discussão teórica de forma que esteja associado a delimitação do tema, os objetivos norteadores do trabalho, hipóteses possíveis, problemas e justificativas do trabalho em questão. Onde todos estes recursos servem também de base para a análise e interpretação dos dados coletados na fase de elaboração do trabalho de conclusão. Assim a metodologia aplicada neste trabalho foi baseada no levantamento bibliográfico realizado através de pesquisas em livros, revistas pedagógicas, sites da Internet entre outros, focando em uma pesquisa qualitativa.

1º) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2º) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3º) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; 4º) Os



pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; 5º) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa [...] (BOGDAN apud TRIVIÑOS, 1987, p. 128-130).

Essas metodologias são visando a interpretação dos dados de forma a entender e adquirir conhecimentos validos para argumentar e conhecer a importância do lúdico para o processo de desenvolvimento da Educação Infantil.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

É nítido que ao brincar a criança desenvolve suas aptidões físicas e cognitivas de maneira assertiva e mantendo uma conduta de crescimento para adquirir futuramente novos conhecimentos a partir do despertar da curiosidade e da troca de vivência entre seus colegas e a realidade que os cerca.

Temos então que brincando, as crianças conseguem estabelecer relações sociais, desenvolver e entender a sua autonomia, estabelecer e organizar as suas emoções, estimular a imaginação e a criatividade. Além disso, ao brincar a criança também desenvolve habilidades importantes para o seu desenvolvimento, bem como a sua coordenação motora.

Utilizar brincadeiras como recurso didático, é um processo de reconhecimento na educação e podem influenciar e aprimorar a educação brasileira, principalmente quando seu uso pode ser realizado de forma prazerosa e gradativa de crescimento, dando total foco na educação das crianças de maneira a aprimorar seus sentidos sociais, comunicativos, cognitivos e

metodológicos, e não apenas estes, mas também aprimorando os sentidos motores, físicos e funcionais das crianças.

Através desta pesquisa é esperada a compreensão das brincadeiras para o desenvolvimento do aprendizado da criança, onde facilita a linguagem e estimula os movimentos corporais, além de desenvolver o comportamento, a habilidade expressiva, e entre outros aspectos que circundam a evolução da criança, sendo estes alguns caminhos que o brincar proporciona para a infância da criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema principal deste estudo que serviu como base para o seu desenvolvimento foi à investigação da importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil como uma metodologia facilitadora da aprendizagem e do ensino dos alunos, de forma que está fosse entendida e demonstrada como fundamental no meio da prática didática escolar.

Assim para atingir tais objetivos e demonstrar esta importância foi realizado uma pesquisa bibliográfica através de um levantamento teórico/bibliográfico objetivando a compreensão do conceito do que o lúdico através dos jogos e brincadeiras procurando diagnosticar como os mesmos podem auxiliar na aprendizagem das crianças da Educação Infantil.

Através do desenvolvimento desta pesquisa ficou evidenciado que o lúdico, ao ser utilizado como metodologia formadora é capaz de promover na Educação Infantil uma prática educacional de conhecimento de mundo, oralidade, regras, críticas e socialização. Desta forma percebemos a importância da estrutura física, dos materiais e da forma como eles são

organizados para as crianças, proporcionam situações de ensino e aprendizagens significativas.

Acreditamos ainda que para uma prática pedagógica efetiva, no sentido de usar as brincadeiras como uma metodologia de ensino, temos que se faz necessário que os professores possuam em sua prática, o intuito de serem mediadores dos conhecimentos, dando espaço para que a criança possa ser o agente principal desta.

Tudo isso tem sua influência na mediação dos professores e deve ser levado em conta. Assim os professores das escolas precisam entender que o brincar é algo positivo para as crianças, acreditar na atividade como importante para as crianças, motiva, participa e faz com que os alunos se sintam importantes.

Os professores e até mesmo a escola precisam considerar o brincar como uma necessidade e direito das crianças, sendo uma atividade que cumpre bem seu papel de mediadora do aprendizado.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. N. **Educação lúdica**: técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo, SP: Loyola, 2008.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo, Atlas, 2009.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009b.

BRENELLI, R. P. **O Jogo como espaço para pensar**. A construção de noções lógicas e aritméticas, Campinas, SP: Papirus, 1996.

Breve histórico da educação infantil. **Pedagogia ao Pé da Letra**, 2012. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/breve-historico-da-educacao-infantil/>. Acesso em: 31 mar. 2022.

CORRÊA, L. S.; BENTO, R. M. L. **A importância do lúdico para a aprendizagem na educação infantil** [s/d]. Disponível em: [http://unijpa.edu.br/media/files/54/54\\_218.pdf](http://unijpa.edu.br/media/files/54/54_218.pdf) acesso em: 04 abr. 2017.

DIDONET, V. Creche: a que veio... para onde vai..., **Em Aberto**, Brasília, v.1, n.73, p.1-161, jul., 2001.

FERREIRA, J. F.; SILVA, J. A.; RESCHKE, M. J. D. **A importância do lúdico no processo de aprendizagem**. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/A%20IMPORTANCIA%20DO%20LUDICO%20NO%20PROCESSO.pdf> Acesso em: 31 mar. 2022.

FANTACHOLI, F. das, N. O brincar na educação infantil: jogos, brinquedos e brincadeiras – Um olhar psicopedagógico. **Revista Científica Aprender**, Minas Gerais, 5ª Ed, 12/2011. Disponível em: <http://revista.fundacaoaprender.org.br/index.php?id=148>. Acesso em: 02 mar. de 2022.

- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. (Apostila).
- FRIEDMANN, A. **Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- KRAMER, S. (Org.). **Profissionais de Educação Infantil: gestão e formação**. São Paulo: Ática, 2005.
- KUHLMANN JÚNIOR, M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- PIAGET, J. **Aprendizagem e conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.
- REIS, L. C.; CECOTTI, C. L. de O.; RANGEL, E. D.; LIMA, K. A. Brincadeira: a importância do brincar na educação infantil. **Revista acadêmica online**. Disponível em: <http://www.revistaacademicaonline.com>. Acesso em: 02 mar. 2022.
- RESOLUÇÃO CNE/CEB n.º 4, de 8 de dezembro de 1999. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico**.
- SANTOS, S. M. P. **O lúdico na formação do educador**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SNEYDERS, G. **Alunos Felizes**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- SOARES, E. M. **A ludicidade no processo de inclusão de alunos especiais no ambiente educacional**. [S.l.: s.n.], 2010.

VIOLADA, R. **Brincadeiras e jogos na educação infantil**. [S.l.: s.n.], 2014.

VITAL, J. M. **A Importância do Lúdico Para a Aprendizagem da Criança da Educação Infantil**. 2009. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação – PEDAGOGIA) – Sistema de Ensino Presencial Conectado, Universidade Norte do Paraná, Vitória-ES, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.







## 5

### O DESAFIO DO PROFESSOR NA SALA INCLUSIVA

**Joécia de Cássia da Silva<sup>10</sup> // Adriana Mônica de Oliveira<sup>11</sup> // Valdete  
Batista do Nascimento<sup>12</sup>**

#### INTRODUÇÃO

Este trabalho possui como propósito discutir e debater, por intermédio da literatura e bibliografia mais recente, o processo de inclusão educacional das pessoas com necessidades educativas especiais, objetivando proporcionar maiores esclarecimentos sobre esse assunto, principalmente no que se refere ao momento de pandemia que aconteceu e continua acontecendo no mundo e influenciou na área educacional de todo Brasil.

Com isso o estudo possui como finalidade e objetivo, compreender a trajetória histórica da educação inclusiva no Brasil, bem como seus desafios durante o momento de pandemia, destacando a contradição entre legislação e sua efetividade.

Além do que já foi destacado, este artigo pretende apontar algumas possibilidades e polaridades que permeiam a Educação Inclusiva no Brasil,

---

<sup>10</sup> Graduanda em Pedagogia. E-mail: joeciadecassia86@gmail.com.

<sup>11</sup> Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail: amwag\_2301@outlook.com.

<sup>12</sup> Mestra em Ciências da Educação, área de especialização em Educação de Adultos, pela UMINHO-PT.

com a pretensão de validar teoricamente as constatações que foram construídas a partir das concepções e estudos de vários teóricos que tratam desta temática.

Diante disso, procura-se destacar os principais problemas, dificuldades e impasses na trajetória da Educação Inclusiva no Brasil e que continuam existindo mesmo após tanto tempo. Ao traçar este panorama, é esperado que possamos apresentar um levantamento bibliográfico fundamentado a partir da abordagem qualitativa, tendo como foco os estudos em sites, artigos e documentos que possuam uma temática parecida ou idêntica ao que estaremos propondo como estudo.

O procedimento metodológico utilizado centrou-se em uma revisão bibliográfica feita a partir da releitura das obras que tratam do tema, com ênfase em bancos de dados digitais, fazendo ainda, uso de fontes secundárias impressas clássicas e contemporâneas. Contudo foram utilizados autores pertinentes para esta pesquisa como: Campelo (1990), Rosseto (2005), Mantoan (2003), Mantoan (2000) e Nascimento (2014).

O método de abordagem empregado foi o qualitativo, pois ao longo de toda a pesquisa os dados que foram coletados também foram lidos, analisados, interpretados e descritos. Com isso, procura-se destacar os principais problemas, dificuldades e impasses na trajetória da Educação Inclusiva no Brasil.

Com esta base, o presente estudo partiu da premissa de que as mudanças na educação, para pessoas com necessidades especiais, foram iniciadas a partir do final do século XX, uma época em que surge a Educação Especial, após um grande tempo de crise conceitual que acabou retratando o conflito entre as certezas vividas pelo modelo excludente e que não

permitia a educação para portadores de deficiências.

A justificativa de trabalhar este tema, surgiu a partir da constatação de que, apesar da legislação educacional estabelecer normas, leis e diretrizes para o atendimento dos portadores de necessidades especiais dentro da educação e das instituições educacionais, nem sempre isto tem sido efetivado na prática, onde a pandemia veio para agravar este cenário. Daí, a necessidade de pesquisar um tema tão atual e importante quanto esse.

Para cumprir com o objetivo principal deste trabalho, o mesmo foi estruturado com as seguintes seções: revisão da literatura, metodologias, resultados e discussão, considerações finais e por fim as referências bibliográficas utilizadas durante toda a escrita do trabalho.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

Ao falar da educação inclusiva é essencial resgatar a história de conquistas e lutas dessa modalidade do ensino brasileiro. Para tanto, pesquisamos sobre o histórico de lutas e desafios que a inclusão passou durante os anos, como também o conceito de inclusão e o que seria o perfil de uma escola inclusiva, além de expor quais são as dificuldades e os desafios da inclusão de uma instituição escolar.

### **Breve histórico da inclusão no Brasil**

No período da década de 90, a Organização das Nações Unidas (ONU) para a educação e movimentos sociais em apoio dos direitos das

peças com deficiência se mobilizaram em volta desse tema, assim desde a declaração das peças com deficiência em 2006, onde foi adicionado a Constituição federal na forma da lei brasileiro de inclusão, a inclusão ganhou espaço e vem tomando proporções crescentes dentro da educação.

As dificuldades enfrentadas no processo inclusivo, podem ser: arquitetônicas (portas estreitas, banheiros não adaptados, entre outros) urbanísticas (calçada desnivelada, falta de piso tátil e sinais sonoros em semáforos, entre outros) nos transportes (ausência de rampas e corrimão) e na comunicação (ausência de libras, legendas, textos alternativos, entre outros). Além destas se formos resgatando a memória histórica da educação especial e inclusiva, teremos diversos momentos que terão dificuldades diferentes: teológico, metafísico, médico-psicológico, educacional e inclusivo.

Para retratar os três primeiros momentos, o estudioso Pessoti (2001) afirma que até a expansão do cristianismo em toda a Europa, os conceitos de ética e moral social vigente na época, garantia o abandono das peças com deficiências em orfanatos ou rua, onde posteriormente eram amparadas em asilos ou hospícios. Esse período da história foi chamado de estágio teológico, onde Deus passava a ser a explicação para a deficiência, por isso, só a religião podia dizer como tratar ou cuidar dessas peças.

Sobre esta questão onde somente a religião podia dizer como tratar ou cuidar dos deficientes temos que o estudioso histórico Campelo (1990, p. 81) comenta que:

Os doutores da igreja tinham um entendimento contraditório e minimizado das peças com deficiência. Enquanto Santo Agostinho atribuía à deficiência mental a culpa, a

punição e expiação dos antepassados pelos pecados cometidos são Tomás de Aquino, seis séculos mais tarde propõem outra explicação para a deficiência, ou seja, é uma espécie de demência natural não é absolutamente um pecado.

A passagem do modelo teológico para o modelo metafísico acabou trazendo uma mudança substancial para a inclusão de pessoas na sociedade, onde foi dado um lugar específico e especial ao diagnóstico clínico e ao tratamento médico para os portadores de deficiências. No início do século XX surgiram os ideais de educação para todos, onde foram acompanhadas de leis de obrigatoriedade escolar para todas as pessoas.

É importante evidenciar e enaltecer que durante esse período da história existiam algumas situações de não inclusão, que advinham da dificuldade de algumas crianças de classe popular que não tinham os mesmos instrumentos de avaliação ou de inclusão pretendidos pelo referencial da classe média e/ou burguesa, mas com muita facilidade, com os testes padronizados e todo referencial do modelo médico psicológico diagnosticava-se, como afirma Smolka (apud MENDES, 2006, p. 40):

[...] distúrbios neurológicos, fonoaudiológicos, psicológicos. Tanto do ponto de vista científico como do ponto de vista do senso comum, há uma aceitabilidade tácita e generalizada quanto à questão dos distúrbios e das dificuldades. Diagnósticos e prognósticos apresentados pelos profissionais conhecedores do assunto eram aceitos, assimilados e repassados pelos pais, pelas famílias, pelas próprias crianças. Nos diagnósticos e nos prognósticos havia uma legitimação dos fatos e nessa legitimação, uma cumplicidade.

Fica evidente a partir do citado acima, que as deficiências, auditiva,

física, visual, mental e/ou múltipla, ficavam atreladas aos limites segregativos e excludentes. Ou seja, ao metafísico: de um lado, o homem, do outro, a sociedade.

Sendo assim, durante esse momento, a questão fundamental do ensino era repensar o modelo de educação que deveria ser oferecido a àqueles que apresentassem algum tipo de dificuldade para os estudos.

A partir da década de 70, o Modelo Médico psicológico foi substituído por um novo modelo, o “Modelo educacional ou Modelo Diagnóstico Prescritivo” que defendia a escolha de procedimentos, métodos e técnicas de ensino, partindo da dificuldade própria de cada aluno. Dentro das instituições de ensino, ou seja, a escola, a intervenção era sistemática e direta. Nesta proposta, a ênfase não era dada ao diagnóstico profundo, mas, à observação minuciosa do educando relativa às suas dificuldades e capacidades, de acordo com o que se queria que ele aprendesse (CAMPELO, 1990).

No Modelo Educacional ou Prescritivo, temos um momento que privilegia o ensino. Onde através desse, procurava-se intervir diretamente sobre problemas de comportamento e de aprendizagem. O estudioso Playne (apud CAMPELO, 1990, p. 44) afirma que:

A correção deve ser vista como resultado final do processo diagnóstico e de prescrição. Sendo o diagnóstico um conjunto de informações que permitem o delineamento das características das crianças; a prescrição envolve o processo de determinação de que estratégias de ensino, métodos e materiais irão ajudar melhor a ensinar ou a modificar seu comportamento.

Verifica-se que a educação especial se originou de uma crise



conceitual que trazia a tona o conflito entre as certezas vividas pelo modelo segregativo e excludente e a imprevisibilidade do modelo inclusivo que se baseia exatamente nas incertezas, naquilo em que não sabemos ou desconhecemos.

Contemporaneamente, a educação especial e inclusiva passou a cumprir um duplo papel de complementaridade da educação regular. Ou seja, atende, por um lado, à democratização do ensino, na medida em que responde às necessidades de uma parcela da população que não consegue usufruir dos processos regulares de ensino e por outro lado, responde ao processo de segregação da criança "diferente", legitimando a ação seletiva da escola regular (BUENO, 1993).

### **Inclusão: o que dizem os autores?**

Para entender as relações e os significados da inclusão de indivíduos para ambientes escolares, é necessário fazer uma retomada do que seria a inclusão de forma geral e como esta é vista ou compreendida pela sociedade.

É possível visualizar que a inclusão se trata de um reconhecimento ou a possibilidade de inserir um indivíduo em determinada atividade ou ambiente possuindo um olhar com mais profundidade a pessoas que possuem algum tipo de deficiência, esta que é uma luta incansável pelos direitos e valores de um grupo que através dos anos teve que ser privado dos mesmos, pois em um mundo que se tem inclusão em algum momento se houve exclusão, seja ela social ou educacional.

[...] em determinadas circunstâncias, lhes são atribuídas características especiais para dirigir-lhes tratamento, proteção e assistência, (mas ao mesmo tempo), criar ao seu redor uma rede de relações de dominação e depoder, na qual o indivíduo tratado, protegido e assistido é inferiorizado e normalizado por conta de sua a normalização que justifica a criação desta estrutura (ROSS, 2000, p. 255).

Ainda sim para entender o íntimo desta palavra e seu sentido, é necessário iràs origens da língua portuguesa que advém parcialmente da língua latina ou como é comumente conhecida, da língua latim, onde a palavra Incluir é derivada diretamente da sonografia do latim *includere*, que significa ao ponto mais próximo do significado direto o entendimento de compreender, abranger; conter em si, envolver, implicar; inserir, intercalar, introduzir, fazer parte e pertencer com outros em um mesmo ambiente ou lugar.

No entanto, ao ir ao profundo desta tradução ou deste significado é possível entender que incluir não se trata de pessoas iguais, mas de assumir que a diferença faz parte do mundo, onde essa mistura é o que proporciona diferentes construções de conhecimento.

A busca por uma sociedade igualitária, por um mundo em que os homens gozem de liberdade de expressão e de crenças e possam desfrutar da condição de viverem a salvo do temor e da necessidade, por um mundo em que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os seres humanos e da igualdade de seus direitos inalienáveis é o fundamento da autonomia, da justiça e da paz mundial, originou a elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que representa um movimento internacional do qual o Brasil é signatário (FACION, 2008, p. 55).

A partir disto e entendendo que existe uma necessidade de eficiência

no processo de inclusão, seja no âmbito social, seja no intuito educacional, é necessário que haja mudanças nas práticas escolares, onde seja possível assegurar o direito de todos no acesso a uma educação de qualidade, possuindo conhecimento que ao estar no ambiente escolar o aluno se apropria de novos conhecimentos e de novas ideias críticas que fazem parte do ambiente e das vivências escolares como nos transmite Rosseto (2005, p. 42) que diz:

[...] a inclusão é um programa a ser instalado no estabelecimento de ensino a longo prazo. Não corresponde a simples transferência de alunos de uma escola especial para uma escola regular, de um professor especializado para um professor de ensino regular. O programa de inclusão vai impulsionar a escola para uma reorganização. A escola necessitará ser diversificada o suficiente para que possa maximizar as oportunidades de aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais.

A partir disso os âmbitos de compreender os fundamentos da inclusão é primeiramente ter em mente o devido respeito a diferença, atribuindo valores ao outro e direitos a todos, de forma que tenham uma mentalidade de crescimento intelectual.

Pois, é compreensível que a diversidade traz contribuições consideráveis para uma pessoa, sociedade, comunidade e um mundo que muitas vezes se mostra seletivo, assim dando valor a uma diversidade de indivíduos únicos e que possuem suas individualidades também únicas. "As escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades" (MANTOAN, 2003, p. 24).

## Perfil da escola inclusiva

O comprometimento de uma educação que se propõem universal deve ser o de incluir a desigualdade fugindo de modelos estabelecidos que não respeitam as realidades dos estudantes. Desta forma devemos criar questionamentos do tipo: como transformar nossa escola excludente, discriminadora, numa escola inclusiva?

Para responder o questionamento acima, é preciso atentar para as possibilidades de inclusão de pessoas com deficiência e não para as dificuldades que se tem nesse processo de inclusão, para com isso construir uma sociedade mais digna para todos, com ou sem deficiência. Nascimento (2014, p. 13) afirma que "isso só será possível quando cada cidadão, cada um de nós, entendermos que o movimento pela inclusão não é algo que está distante; o movimento pela inclusão é algo que deve fazer parte do nosso cotidiano".

Quando todas as pessoas estão envolvidas no contexto educacional, temos a possibilidade que criar uma escola inclusiva, esta que apresenta a característica de ajudar os alunos que sozinhos não conseguem solucionar problemas devido a sua deficiência, e superar assim os seus limites. Faz-se necessário esforço contínuo tanto dos professores, da família, quanto da comunidade escolar como um todo, onde com a finalidade de colaborar com o outro, é possível criar uma escola inclusiva.

Dentro esse esforço que se é necessário para criar uma escola inclusiva, temos que se não houver outra utilidade para a escola, adaptar esta, bem como as turmas para incluir todos significa dizer, implicitamente, "a escola pertence a todos". Qualquer cultura que diga "você é importante"

aumenta a probabilidade de seus membros serem capazes de dizer o mesmo uns para os outros e para si mesmos (STAINBACK, 1999, p. 404).

É claro que a ideia de escola inclusiva perpassa por uma concepção de que deve haver algumas adaptações a serem realizadas para incluir a acessibilidade de alguns alunos, sendo estas a criação de rampas, corrimãos, salas e banheiros adaptados, bem como instrumentos que possam facilitar o ensino e a aprendizagem desses alunos com deficiências.

Mantoan (2000, p. 8), discorre que as escolas consideradas abertas à diversidade são elas:

[...] em que todos os alunos se sentem respeitados e reconhecidos nas suas diferenças, ou melhor, são escolas que não são indiferentes às diferenças. Ao nos referirmos a essas escolas, estamos tratando de ambientes educacionais que se caracterizam por um ensino de qualidade, que não exclui, não categoriza os alunos em grupos arbitrariamente definidos por perfis de aproveitamento escolar e por avaliações padronizadas e que não admitem a dicotomia entre educação regular e especial. As escolas para todos são escolas inclusivas, em que todos os alunos estudam juntos, em salas de aula de ensino regular. Esses ambientes educativos desafiam as possibilidades de aprendizagem de todos os alunos e as estratégias de trabalho pedagógico são adequadas às habilidades e necessidades de todos.

Além do papel da escola, temos o papel do próprio educador como sendo de suma importância, pois a instituição escolar por si só, não pode ser considerada como inclusiva, já que esta possui fatores como os professores e toda comunidade escolar que também devem ser agentes da inclusão. Com base nas pesquisas realizadas foram identificados quatro valores fundamentais, relacionados com o ensino e a aprendizagem, para o trabalho

de todos os professores dentro da educação inclusiva. Sendo eles de acordo com Mantoan (2003).

- Valorização da diversidade: A diferença é considerada um recurso e um valor para a educação;
- Apoiar todos os alunos: Os professores têm elevadas expectativas sobre os resultados a atingir por todos os alunos;
- Trabalho com outras pessoas: Colaboração e trabalho em equipa são metodologias essenciais para todos os professores;
- Desenvolvimento profissional e pessoal: O ensino é uma atividade de aprendizagem e os professores assumem a responsabilidade pela sua aprendizagem ao longo da vida.

Dentro destes quatro valores principais, temos as áreas de competência que cada professor da educação inclusiva deve ter, sendo compostas por três elementos: atitudes, conhecimentos (saberes) e capacidades (saber fazer).

Na primeira área da atitude, temos que se um professor que desenvolve um planeamento satisfatório, mas não se mantém em permanente estado de observação em relação aos seus alunos e corre o risco de não ter sucesso no seu trabalho.

Desta forma é preciso que o professor tenha como pressuposto que seu trabalho é preparado para o aluno, portanto, é este estudante que, de forma clara ou por meio de pistas, vai nos dizer se o planeamento feito para ele está adequado ou não, determinando a necessidade de replanejar tantas quantas vezes quanto for necessário. Um professor que consiga avaliar o aluno e seu próprio trabalho de forma contínua, tendo como base a avaliação de se o conhecimento está sendo construído, e se o aluno o está

construindo conforme os conceitos que estão sendo trabalhados em sala de aula, com certeza pode basear o ensino para a aprendizagem contínua.

Conforme Mantoan (2003, p. 97):

A educação inclusiva deve ser entendida como uma tentativa a mais de atender as dificuldades de aprendizagem de qualquer aluno no sistema educacional e com um meio de assegurar que os alunos, que apresentam alguma deficiência, tenham os mesmos direitos que os outros, ou seja, os mesmos direitos dos seus colegas escolarizados em uma escola regular.

Na segunda área, a do conhecimento, temos que o professor precisa ter um conhecimento bem construído em sua área de atuação, além de manter-se em permanente atualização, considerando o ritmo acelerado do conhecimento humano em geral.

Buscar informações e aprender a selecioná-las são novas habilidades que o professor não pode deixar de desenvolver, principalmente na educação inclusiva. Ser um "eterno aprendiz" garante ao professor a possibilidade de colocar-se na posição de aluno e, portanto, daquele que está em sua sala de aula. Estar em contato com seu modo de aprender, com sua singularidade, pode dar ao professor melhor acolhimento e compreensão das próprias individualidades de seus alunos e do processo de aprendizagem de cada um.

Segundo Mantoan (1988, p. 34):

Inovar não tem necessariamente o sentido do inusitado. As grandes inovações estão, muitas vezes na centralização do óbvio, do simples, do que é possível fazer, mas que precisa ser desvelado, para que possa ser compreendido por todos



e aceito sem outras resistências, senão aquelas que dão brilho e vigor ao debate das novidades.

Por fim na terceira área de competência, temos a capacidade. Nessa área, o professor deve entender a como aperfeiçoar o conhecimento específico da área e como atuar perante os alunos, assim é necessário conhecer teorias pedagógicas e técnicas didáticas bastante variadas, para que o seu ensino possa se adequar a possibilidade de inclusão que o aluno precisa para aprender.

Aqui, o professor não pode adotar o sentido de ter posições radicais defendendo o uso de uma ou outra metodologia, mas deve fundamentar seu ensino no objetivo de trabalhar com singularidades, utilizando a metodologia mais adequada a aquela que faz com que a aprendizagem aconteça.

Mantoan (1998, p. 3) propõe:

[...] uma verdadeira transformação da escola, de tal modo que o aluno tenha a oportunidade de aprender, mas na condição de que sejam respeitados as suas peculiaridades, necessidades e interesses, a sua autonomia intelectual, o ritmo e suas condições de assimilação dos conteúdos curriculares.

Relacionado estas três áreas temos que uma determinada atitude ou convicção requer um determinado conhecimento ou nível de compreensão e seguidamente capacidades (saber fazer) para implementar esse conhecimento numa situação prática.

## METODOLOGIA

Este trabalho possui como principal objetivo entender e compreender como ocorre os sentidos da inclusão de forma a expor as principais dificuldades encontradas no que diz respeito a inclusão no ambiente escolar, com isto foi-se utilizado o método de pesquisa conhecido como de natureza descritiva e bibliográfica, sendo a mesma necessária para descrever a realidade da inclusão nos ambientes escolares, segundo Trivinos (1987, p. 54) “a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade”.

Já no que se entende em relação ao método de pesquisa utilizado, tem-se que se deu na forma de uma abordagem qualitativa, através da análise dos dados coletados na pesquisa feita em bancos de artigos e teses. De acordo com Minayo (1994), a pesquisa qualitativa “responde a questões muito particulares preocupando-se com um âmbito da realidade que não pode ser quantificado”, pois:

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 227).

Para Andrade (2010, p. 25) a pesquisa bibliográfica é considerada como uma:

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo

para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Com base nisso, temos que esses métodos de pesquisa, serviram para embasar todo o presente trabalho.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As principais dificuldades de aprendizagem na escola apresentam-se sempre de forma contínua ou de forma acelerada, sendo constantemente vistas em situações leves e transitórias que podem se resolver espontaneamente no curso do trabalho pedagógico até situações mais graves e persistentes que requerem o uso de recursos especiais para a sua solução.

Atender a esse contínuo de dificuldades requer respostas educacionais adequadas envolvendo graduais e progressivas adaptações do currículo. Nessas circunstâncias, verifica-se a necessidade de realizar adequações significativas no currículo para o atendimento dos alunos e indicar conteúdos curriculares de caráter mais funcional e prático, considerando as suas características individuais (BRASIL, 2003, p. 50).

Com a pandemia da Covid-19 os desafios ficaram mais evidentes, o

qual a adaptação necessária para o modelo remoto foi bastante difícil, tendo em vista que o mesmo necessitou do empenho e dedicação, tanto dos professores quanto dos alunos, para diminuir esses problemas o Instituto Rodrigo Mendes promoveu uma série de webinário com enfoque nas práticas desenvolvidas de forma a auxiliar os professores no ensino de deficientes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este presente estudo demonstrou que a educação inclusiva é um direito de todos os indivíduos, sendo um caminho possível de inclusão com o meio social e educacional, e deve ser respeitado, independentemente das dificuldades ou deficiências do educando, pois é um direito seu.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, deverá ser promovida e incentivada, com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Com base nisso, a metodologia empregada para obtenção de dados e desenvolvimento deste trabalho, foi suficiente, tanto em termos de material estudado quanto em termos de qualidade, de forma que foi possível entender as dificuldades na educação inclusiva, tanto de forma histórica quanto de forma educacional e institucional.

Além disso, foi possível entender que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 tem se dedicado na asseguarção dos direitos da educação da pessoa portadora de necessidades educativas especiais, sendo dedicado todo o capítulo V à mesma, referindo-se à obrigação do Estado

em fomentar ações que possibilitem tal educação dentro da rede regular de ensino.

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 ainda busca através do artigo 58, oferecer serviços de apoio especializado, na escola regular para atender às peculiaridades da clientela da educação especial, e promover a utilização de professores especializados.

A educação tem, portanto, um grande desafio: garantir o acesso aos conteúdos básicos que a escolarização deve proporcionar a todos os indivíduos, inclusive àqueles portadores de necessidades educativas especiais.

Por fim, é importante acrescentar e dizer que a luta por uma educação de qualidade para os portadores de necessidades especiais deve estar centrada nos encaminhamentos políticos que são dados a educação como um todo, pois é a partir de uma escola de qualidade que não pode excluir nenhuma pessoa, mas ao contrário, tenta de todas as formas incluir, que a instituição saberá se apropriar dessa realidade para incluir todos numa só educação, onde todos são especiais pelo fato de serem humanos.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial.** Brasília: MEC/SEF, 1977.
- BRASIL. **Constituição (1988) da República Federativa do Brasil.** Brasília: SenadoFederal Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei 9394/96. Brasília:Ministério da Educação, 1996.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União,** Brasília, 16 jul. 1990.
- BARTALOTTI, C. C. **Inclusão social das pessoas com deficiência:**Utopia ou possibilidade?. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação.** São Paulo: abril Cultura; Brasiliense, 1985.
- CAMPELO, I. M. **Observação e análise da integração professor-aluno em classes de educação especial.** Rio de Janeiro: UERJ, 1990.
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA,** 1994. Disponível:  
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2022.

FAGUNDES, C. M. **Os novos desafios para a educação especial.** São Paulo: Ação Educativa, 2001.

FACION, J. R. **Inclusão escolar e suas implicações.** 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

NASCIMENTO, L. B. P. **A importância da inclusão escolar desde a educação infantil.** 2014. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Departamento de Educação – Faculdade Formação de Professores. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2014.

MANTOAN, M. T. E. **Compreendendo a deficiência mental:** novos caminhos educacionais. São Paulo: Scipione, 1988.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar:** o que é? Por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MENDES, F. O. O. **Deficiências:** mitos e preconceitos. São Paulo: Mercado Aberto, 2006.

MINAYO, M. C. S. et al. (Org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ROSSETO, M. C. Falar de inclusão... falar de que sujeitos? In: LEBEDEFF, T. B. P. **Educação especial – olhares interdisciplinares.** Passo Fundo: UPF Editora, 2005.

ROSS, P. R. O Normal e o Patológico na Sociedade Moderna Pós-Moderna. In: **Anais do III CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE SÍNDROME DE DOWN**

**INCLUSÃO COMO CUMPRIR ESSE DEVER,** Curitiba, Paraná, Curitiba: 2000.

PESSOTI, I. Sobre a gênese e evolução histórica do conceito de deficiência mental. **Revista Brasileira de Deficiência Mental**, Vol. 16, Nº 1. Florianópolis.

STAINBACK S.; STAINBACK W. **Inclusão:** Um guia para Educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.



TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

# 6

## A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DESAFIO PARA O PEDAGOGO

JOSEFA ANDREÍZE ARAÚJO DESIDÉRIO  
ADRIANA MÔNICA OLIVEIRA



6

## A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DESAFIO PARA O PEDAGOGO

Josefa Andreíze Araújo Desidério<sup>13</sup> // Adriana Mônica Oliveira<sup>14</sup>

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema o autismo na educação infantil. Sendo assim, a escolha do título foi feita pela necessidade de entender e possibilitar novos conhecimentos e informações sobre o autismo. O objetivo é mostrar as dificuldades que os autistas enfrentam no processo educacional, o autismo é uma inadequação de desenvolvimento apresentada de maneira grave durante toda a vida, isto costuma aparecer nos três primeiros anos de vida trazendo certa incapacidade para o indivíduo que a possui.

Como objetivos específicos temos os seguintes: observar o dia a dia de crianças com autismo nas escolas ditas inclusivas, levantar e identificar quais os conhecimentos que os professores detêm sobre a inclusão desses alunos e analisar como vem se desenvolvendo a prática docente junto ao aluno com autismo.

---

<sup>13</sup> Graduanda de Pedagogia. E-mail:

<sup>14</sup> Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail: amwag\_2301@outlook.com.

A pesquisa foi realizada através de pesquisas, em um colégio público, a rede atende os alunos do ensino infantil ao ensino médio, abrangendo uma grande quantidade de alunos. Conforme os relatos das professoras, nessa categoria pode-se identificar que estas sabem da importância do seu papel para o desenvolvimento de habilidades da criança autista na escola e no contexto social. [...]. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o qual sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens de nossos valores e sentimentos (MANTOAN, 2003, p. 12).

Neste sentido, a preparação destes profissionais educadores para o trabalho com alunos portadores é de suma importância, pois o educador é um dos agentes responsáveis não somente por transmitir conteúdos pedagógicos, como também transmitir valores e normas sociais que possam inserir a criança na esfera simbólica do discurso social. Sendo assim, o trabalho com os educadores deverá englobar, de forma permanente, programas de capacitação, supervisão e avaliação (SANT'ANA, 2005).

## **REVISÃO DE LITERATURA**

O presente trabalho tem como objetivo compreender a inclusão escolar de crianças autistas, identificar quais são os direitos legais que o autista tem de investigar os procedimentos que facilitam a inclusão escolar da criança autista na educação infantil, e observar se os educadores da educação infantil estão capacitados para receber os alunos.

## Aspectos históricos da educação infantil

Os autistas eram conhecidos como esquizofrênicos que viviam acometidos ao isolamento social. É somente em 1911, que o psiquiatra austríaco Eugen Brauwler. Inicia estudo na área. Ele é o primeiro a utilizar a palavra "Autismo", que deriva do grego "Autos", que quer dizer: "Voltar-se para si mesmo". Essa palavra surgiu devido às suas observações com pessoas esquizofrênicas.

Mais tarde foram surgindo novas pesquisas com crianças que desde o início de suas vidas já apresentavam isolamento extremo, tinham, portanto, traços diferenciados de outras crianças, pois não gostavam de mudanças na sua rotina, repetiam as falas das pessoas, tinham preferências por objetos inanimados ao invés das pessoas, entre outras características.

Mas é somente em 1943, que o psiquiatra infantil austríaco Leon Kaner, em meio às suas pesquisas de observação, relacionou essas características das crianças autistas ao comportamento e cuidados que as mães das mesmas lhes dedicavam, e criou o conceito da "mãe geladeira", referindo ao conceito dessas mães serem frias e pouco afetivas com suas crianças. Mais tarde, o autor veio a público para retratar-se de tal conceito, tendo em vista que o mesmo gerou muita controvérsia e sofrimento para as famílias (SILVA *et al*, 2012, p. 112).

Ano após ano, o então conhecido autismo deixou de ser considerado como forma esquizofrênica e passou a ter reconhecimento diferenciado. Mas, é somente na década de 80, que os estudos científicos ganham destaque e constroem bases mais sólidas a respeito do assunto. Maior cuidado com o diagnóstico e maiores critérios para se inferir sobre o tema são

evidenciados. Há uma distinção entre a esquizofrenia e o quadro autístico, sendo este tratado como um distúrbio do desenvolvimento.

### **Considerações sobre o Transtorno do Espectro Autista – TEA: o que dizem os autores**

O espectro foi descoberto pelo cientista inglês SIR ISAAC NEWTON (1642 - 1727), ele observou que a luz solar ao atravessar um prisma refrata um espectro de várias cores, denominado de arco-íris, sendo que cada cor é uma frequência e possui um comprimento de onda que vai do menor para o maior, são medidas em nanômetro simbolizando parte de um guarda-chuva, o TEA envolve situações de diferentes níveis de graduação que vai do mais leve ao mais alto grau de comprometimento, relacionado com as dificuldades de comunicação verbal e não verbal (SILVA; MARTINS, 2003).

O Transtorno de Espectro Autista é uma Síndrome que afeta o neurodesenvolvimento infantil, com dificuldade qualitativa chamada de tríade do comprometimento, repetitivo, podendo apresentar também sensibilidade sensorial, problemas gastrointestinais, preferências por alimentação líquida, medo de mudanças, etc.

No CID 10 (2000), este tipo de transtorno é o que se manifesta ou se mostra alterado antes da idade de 3 anos, apresentando perturbação de funcionamento dos três domínios: interação social, comunicação e comportamento focalizado e repetitivo. É um transtorno do neurodesenvolvimento envolvendo alterações na linguagem (verbal e não verbal), da interação social e do comportamento padrões repetitivos.



## O trabalho pedagógico com crianças com TEA

À medida que se conhece o TEA, se entende que alguns possuem um grau de hipersensibilidade bem elevado e isso lhe causa bastante sofrimento, pois, o que para nós é algo normal, para eles poderá parecer insuportável, como falar alto ou simplesmente tocá-lo. Por isso, na escola, os professores precisam estar atentos para esses sinais a fim de buscar diversas formas de promover a interação entre a criança com TEA e os demais da sala, propondo sempre atividades que favoreçam contato, sem forçar.

Os professores poderão sempre que possível, em meio às atividades de classe, introduzir figuras para facilitar o entendimento da criança com TEA, e para estreitar os laços entre professor e aluno. É válido inserir a criança com TEA nas atividades de rotina, bem como em todas as atividades programadas. No entanto, sem dispensar as adaptações.

O autismo não é mais considerado uma patologia que estigmatiza a criança para aprender, eles fazem parte do universo pedagógico junto das ditas crianças normais. O professor tem um papel bastante relevante pois ele classifica o aluno autista conforme seu grau de dificuldade para aprendizagem e criará conseqüentemente estratégias para a facilitação de forma que o aluno se sinta inserido no contexto escolar. [...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos (MANTOAN, 2003, p. 12).

Dessa forma, quando a criança chega à escola os professores devem ter em mente que além de conteúdos escolares a serem aprendidos pela criança é necessário que ele se torne independente, capaz de desenvolver



atividades do dia a dia por si só, pois muitas vezes os pais realizam tarefas que as crianças poderiam realizar sozinhas.

A Educação é o ato que proporciona para as crianças o desenvolvimento de suas capacidades, transmitindo valores e práticas culturais, que serão usados durante toda vida. A Educação passou a ser direito de todas as crianças, tendo o acesso à educação e exercendo a sua cidadania. A Educação infantil é a primeira etapa da educação básica, sendo oferecida em creches de zero a três anos e em pré-escolas para crianças de quatro a seis anos de idade.

Mostramos que a educação é um direito de todos, no entanto, para que esse processo ocorra depende de uma política educacional que inclua realmente todos os alunos no âmbito escolar, seja o aluno com qualquer tipo de deficiência ou transtorno.

Apesar da dificuldade, o professor necessita incluir os alunos, de forma que proporcione oportunidades da mesma maneira dos demais, para que as crianças com autismo sejam aceitas pela turma e por toda a sociedade. Entretanto, não é apenas a inserção nas escolas regulares, mas a busca da valorização desses alunos mesmo com suas limitações e respeitando suas diferenças. Por sua vez, é importante que as escolas desenvolvam atividades pedagógicas adequadas às necessidades dos alunos.

### **Possíveis causas da evasão escolar nos anos iniciais**

Os professores que tem em sua sala de aula alunos com TEA precisam conhecer outros métodos pedagógicos e psicológicos para dar suporte a qualquer eventualidade que a criança possa precisar. Para isso, o professor

não pode se sentir sozinho. A parceria família e escola são essenciais para o sucesso e aprendizagem da criança com TEA.

Nessa direção, entende-se por inclusão, a participação de todos os indivíduos em um processo de interação, linguagem e participação social. Apesar de um termo polissêmico (que contêm muitos significados), seu uso tem sido bem relacionado à questão escolar e é nesse sentido que utilizamos aqui.

A inclusão é relativamente recente, ouvindo-se falar pela primeira vez no Brasil nos meados dos anos 90. Mas, por seu sentido amplo pode ser facilmente confundida com a integração. Mas, enquanto a Integração defende com prioridade o direito das pessoas com deficiência, buscando a inserção parcial e condicional dessas pessoas, na inclusão se pressupõe o direito de todos, sem nenhuma condição ou restrição.

Desse modo, a inclusão da pessoa com TEA precisa ser compreendida na mesma direção. A inclusão do estudante com TEA pressupõe um processo que socializa, interage e desenvolve todas as habilidades do indivíduo, respeitando suas particularidades. Assim, esse processo de inserir as crianças com TEA dentro das salas regulares de ensino traz uma quebra de paradigma para as escolas conservadoras e tradicionais.

A inclusão escolar impõe uma escola em que todos os alunos estão inseridos sem quaisquer condições pelas quais possam ser limitados em seu direito de participar ativamente do processo escolar, segundo suas capacidades, e sem que nenhuma delas possa ser motivo para uma diferenciação que os exclua das suas turmas.

Segundo Ropoli (2010):

A inclusão escolar impõe uma escola em que todos os alunos estão inseridos sem quaisquer condições pelas quais possam ser limitados em seu direito de participar ativamente do processo escolar, segundo suas capacidades, e sem que nenhuma delas possa ser motivo para uma diferenciação que os exclua das suas turmas (ROPOLI, 2010, p. 8).

Segundo a Declaração de Salamanca que traz a concepção de inclusão no seu sentido amplo:

Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao gozo e exercício dos direitos humanos. No campo da educação, tal se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram proporcionar uma equalização genuína de oportunidades. A experiência em muitos países demonstra que a integração de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais é mais eficazmente alcançada em escolas inclusivas que servem a todas as crianças de uma comunidade (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 61).

A inclusão escolar dos alunos com TEA, não se resume apenas no aluno dentro da escola, mas espera que sua interação se dê num ambiente escolar que se estruture e se adéque não apenas às necessidades físicas do aluno, mas que ao incluir esse aluno na escola se produzam novas dimensões, atitudes e atividades em todo o corpo profissional da escola, bem como nas comunidades escolar como um todo.

São distintas as opiniões que recorrem sobre a inclusão escolar, no entanto, todas elas produzem a mesma opinião: que as escolas precisam estar preparadas para receber e ensinar os alunos. Para isso, os professores precisam estar preparados e conscientes de sua participação junto à escola para que essa inclusão aconteça. Ele é a ponte principal que fará com que o

aluno ultrapasse a barreira do anonimato, da incapacidade, para apresentar suas potencialidades.

### **Políticas escolares para a garantia da permanência dos alunos na escola**

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área.

De acordo com Santos (2008, p. 9),

[...] a escola tem papel importante na investigação diagnóstica, uma vez que é o primeiro lugar de interação social da criança separada de seus familiares. É onde a criança vai ter maior dificuldade em se adaptar às regras sociais, o que é muito difícil para um autista.

Diante de uma figura com vários detalhes, a pessoa com autismo tende a perceber apenas uma parte do todo ou, ainda, diante de um estímulo composto, por exemplo, visual e auditivo, um deles é aparentemente ignorado. Existe dificuldade em relacionar as partes e o todo. Essa problemática também aparece na integração de uma informação ao todo; por isso, existe a necessidade de reforçadores consistentes entre estímulo, respostas

e consequências, para que possam estabelecer esses vínculos e adquirir novos comportamentos.

Reforçadores sociais, como elogios e estímulos verbais, não são suficientes para a aquisição e manutenção de habilidades. Assim sendo, uma ação positiva pode ser retribuída e/ou reforçada com um objeto de seu agrado.

O docente deve observar seu aluno e incentivá-lo com entusiasmo, aproximando-se devagar e sempre com um objetivo traçado. A interação com a família é importante. Laço de companheirismo e solidariedade facilita o trabalho do educador. Muitas ideias vão surgindo quando se conhece e motiva o aluno. O processo pode parecer lento, porém, torna-se eficaz a partir de uma aula planejada e direcionada por metas e objetivos preestabelecidos.

## **METODOLOGIA**

Neste trabalho optamos por uma pesquisa qualitativa que fez entender e compreender o tema abordado. A pesquisa qualitativa é uma denominação que abriga opiniões de pesquisadores muito diferentes.

De acordo com Malheiros (2011, p. 188) “a coleta de dados qualitativos é um processo que exige muito rigor do pesquisador, porque a observação do fenômeno estará certamente empregada pela história pessoal daquele que observa”. Sempre em uma pesquisa qualitativa não a uma verdade única, sempre pode haver modificações nos resultados que são obtidos.

Para Malheiros “o trabalho qualitativo exige métodos rigorosos, que sejam capazes de explicitar que o investigador chegou o mais perto possível do fenômeno, portanto suas conclusões não se dão na base de suas crenças individuais” (MALHEIROS, 2011, p. 189).

Em uma pesquisa qualitativa o pesquisador é muito importante para que se possa realizar a pesquisa. Logo ele não pode se deixar levar apenas por aparências ou pelos preconceitos, mas sim ter como objetivos compreender os fenômenos em um todo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho apresentado vem sendo tratado a inclusão da criança autista no ensino regular, analisando o comportamento e a aprendizagem. E também como vem sendo a formação e preparação dos educadores em relação a educação especial, principalmente em relação aos alunos autistas.

Uma forma de integrar a criança com autismo na sala é convidá-la a ajudar em pequenas tarefas (como entregar folhas de papel para as demais crianças), uma vez que, essa pequena tarefa poderá trazer grande interação com os demais. Do mesmo modo, as crianças da turma precisarão ser sempre reforçadas a respeitar e ajudar a criança com autismo, para que a mesma possa se sentir acolhida no ambiente escolar (SILVA *et al*, 2012, p. 81).

Outra coisa que o professor precisa ficar atento é a maneira de explicar tais situações para que os alunos com autismo possam entender, uma vez que os mesmos não entendem palavras de duplo sentido ou metáforas. Dessa forma, toda explicação para o aluno com autismo tende a ser muito

bem explicada, para que essa situação não gere nele uma desorganização ou desentendimento (SILVA *et al*, 2012, p. 86).

Na alfabetização das crianças com autismo, se faz necessário o professor e equipe da sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), muita criatividade para estimular a criança e sua aprendizagem e para isso é preciso de adaptação. O uso de materiais concretos e visuais que possam ser inseridos junto à criança age como facilitador desse aprendizado. Além disso, é preciso respeitar as preferências das crianças sobre determinado assunto, que pode estar relacionado a trens, dinossauros, aviões, entre outros. Desse modo, de uma maneira interativa será possível proporcionar ao aluno com autismo, um aprendizado prazeroso e positivo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluindo esta pesquisa pode-se concluir que o processo de inclusão tem que fazer parte da realidade social, pois continua sendo um processo lento onde se deve ser necessárias as criações de novas leis onde tem que ter grandes modificações em valores e atitudes no que se diz respeito a educação, para que com isso as pessoas com necessidades especiais tenham seu espaço na sociedade, ser aceito com suas diferenças e não ser discriminado e excluído da sociedade, pois a sociedade é formada de pessoas diferentes, cada pessoa tem suas crenças e seus valores, na escola não pode ser diferente, pois como sempre é falado ninguém é igual a ninguém todos somos diferentes.

É importante que sejam criadas várias maneiras para transmitir melhor as informações e assim melhorar a prática pedagógica para que seja



adequada em sala de aula. Podemos ver que os profissionais que estão se formando tem uma grande dificuldade para se trabalhar com a inclusão com alunos autistas pois não tiveram uma formação que realmente abordasse as práticas educacionais necessárias para se ter uma verdadeira inclusão.

É muito importante sabermos como são as características do autismo, ele continua sendo um fator surpreendente apesar de tudo evidenciado, mas ainda incompreensível para a grande maioria da sociedade. É necessário buscar informações dia após dia, para que todos nós, como sociedade, acolhem este indivíduo com carinho, afeto, respeito, dignidade, entendendo as dificuldades como aluno e cidadão e que muitas vezes é necessário a intervenção de profissionais capacitados da área externa para auxiliar melhor este atendimento.

Na teoria, a escola é entendida como tendo o papel principal de educador para a vida social, em resumo, é muito importante que a mesma desenvolva, execute, realize competências pedagógicas de aprendizagens para os indivíduos independentes de suas limitações ou especialidades, possibilitando então um melhor acolhimento e compreensão para com todos os alunos com algum transtorno, em especial o que está em questão: o autista.

Assim o educador deve estar sempre buscando novas técnicas para ajudar no desenvolvimento da criança. E para que isso possa acontecer o professor precisa se capacitar pois é mais exigente em relação a especificidade do autismo que precisa de profissionais com interesse e que se comprometa com ele e busque conhecer o seu mundo para que assim possa ter a possibilidade de fazer o autista se desenvolver e poder participar e ser na sociedade em que vivemos.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Declaração da Salamanca**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2016.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão social**: o que é? Por quê? Como faz?. Ed. Moderna, São Paulo, 2003. (Coleção cotidiano escolar)
- MALHEIROS, B. T. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- ROPOLI, E. A. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: a escola comum inclusiva / Edilene Aparecida Ropoliet.al. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.
- SANT'ANA, I. M. Educação inclusiva: Concepções de professores e diretores. **Psicologia em Estudo**, 10(2), 227-234.
- SANTOS, A. M. T. **Autismo**: um desafio na alfabetização e no convívio escolar. São Paulo: CRDA, 2008.
- SILVA. A. B. B. **Mundo Singular Entenda o Autismo**. Rio de Janeiro: ED. Fontanar, 2012.
- SILVA C, M. R. **Teorias das cores de Newton**. 2003 <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/fisica/newton-as-cores.htm>. Acesso em: 15 maio 2022.



7

## A MÚSICA COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Josefa Jaianny de Pontes<sup>15</sup> // Adriana Mônica de Oliveira<sup>16</sup>

### INTRODUÇÃO

Não é de hoje que a educação brasileira passou e passa por mudanças gradativas que influenciam diretamente na educação, uma dessas mudanças foi a incorporação da cultura no ensino, de forma que objetos e saberes comuns do dia a dia pudessem ser aprendidos em colaboração com meio social que cerca os alunos, neste sentido a presença da música no contexto escolar se tornou um objeto fundamental no desenvolvimento da aprendizagem das crianças do Ensino Infantil.

Entender que a arte do ensinar é relevante para ampliar a capacidade do ser humano ao longo de sua vivência é mais que nítido, assim é necessário entender que a escola é lugar especial para buscar tais habilidades.

Tendo como firme base os modelos de PCN (Parâmetros curriculares nacionais) existentes atualmente na educação brasileira, nasceu a necessidade de pesquisar a contribuição da música no processo de aprendizagem

---

<sup>15</sup> Graduanda em Pedagogia. E-mail: jaiannypontes@hotmail.com.

<sup>16</sup> Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail: amwag\_2301@outlook.com.

das crianças e como esse instrumento permite compreender e valorizar os fatos histórico-culturais de uma sociedade, além de contribuir no desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo no ensino contínuo e de qualidade.

Assim este trabalho busca entender e apresentar os seguintes temas: compreender a influência da música como instrumento facilitador da aprendizagem na educação infantil e qual a sua importância para um ensino contínuo e respaldado nas leis e diretrizes sociais e histórico-culturais.

A música é considerada uma arte universal e democrática, que se faz presente na vida humana atreves das gerações, além de fazer parte da nossa cultura, do nosso dia-dia, com isto ela consegue mudar nosso comportamento diante da mensagem que ela representa a cada indivíduo.

Através disso é possível entender a aceitação e uso desse instrumento na sala de aula passaram a ser positiva, pois foi por este tipo de metodologia que mudou a estratégia de ensino mecânico e passou a exercer um papel mais dinâmico neste processo, em que a aprendizagem ocorre de forma mais significativa e lúdica. A pesquisa possuiu embasamento nos estudos de: Andrade (2012), Alves (2008), Fonseca (2002), Brasil (1998) e Hummes (2010).

Neste sentido o trabalho se justifica enquanto pesquisa, pois as crianças são acostumadas a escutar músicas desde cedo, ouvindo canções de ninar. Portanto, é criada uma associação de lazer e bem-estar que pode ser aproveitada pela escola e o presente trabalho retrata este aproveitamento evidenciando a música como recurso metodológico.

## REVISÃO DE LITERATURA

A música é riquíssima em inúmeros aspectos por emocionar e despertar o ser humano para vivenciar na aprendizagem o conhecimento, a expressão e socialização. Na Educação Infantil, a música pode favorecer descobertas que facilitam o desenvolvimento e o processo de formação global do aluno, desenvolvendo a capacidade de se expressar através de uma linguagem não verbal, além de deixar transparecer seus sentimentos e emoções, como também melhorar sua sensibilidade, seu intelecto, seu corpo e sua personalidade.

### A música na escola

Ao buscar formas e estratégias de ensino, a educação passou por adaptações e transformações temporalmente, onde dentro de um contexto pedagógico contemporâneo ou moderno, se faz possível encontrar inúmeros instrumentos didáticos que buscam auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem de um indivíduo, dentre os quais é possível destacar a música como um facilitar do ensino.

A música é cada vez mais usada para alfabetizar, resgatar a cultura e ajudar na construção do conhecimento de crianças carentes. Projetos que envolvem a música na integração social se espalham por todo o país e são exemplos de sucesso (KRAKOVICS, 2000, p. 5).

Porém mesmo com avanço das tecnologias digitais que facilitam o uso da música na escola, e com esta, possuindo um sentido acadêmico ou



didático, muitas vezes é compreensível o recuo dos educadores ao se utilizar desta ferramenta, sempre surgindo questionamentos como: por que usar esta metodologia? Ou qual o benefício que esta pode trazer que outras também não façam em igual modo ou melhor?

Para responder tais questões é necessário entender que a mesma tem sido usada na sala de aula como meio facilitador da aprendizagem e uma ponte entre a criança e seu cotidiano, visto que desde o útero materno a criança está envolvida na musicalidade de seu redor.

Segundo a Assessora de Comunicação do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), durante uma entrevista em Brasília, Florence Bauer (2000, p. 1):

A música atrai a criança, serve de motivação, deixa-a mais atenta e é um instrumento de cidadania, contribuindo para a elevação de sua auto-estima. A isso se deve ao grande número de projetos de educação através da música no Brasil e seu sucesso.

Com isto podemos entender que através da música, busca-se compreender a realidade diversificada cultural do mundo e os hábitos das sociedades que neste habita. Com base nesse entendimento Júnior e Cipola faz a seguinte proposta:

A música como auxílio para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e convívio social é incontestável. Quando bem trabalhada é capaz de facilitar o processo de ensino aprendizagem, pois ela chama à atenção das crianças, promovendo um ambiente agradável e satisfatório a aprendizagem do educando. Por isso, ela se transforma num excelente e dinâmico recurso didático (JUNIOR; CIPOLO, 2017, p. 136).



A música é fator inerente da cultura de um local ou ambiente, de aprendizagem e de conhecimento. Para Andrade a música funciona como:

Um instrumento facilitador no processo de aprendizagem, pois a criança aprende a ouvir de maneira ativa e reflexiva, já que quando for o exercício de sensibilidade para os sons, maior será a capacidade para ela desenvolver sua atenção e memória e ainda torna o aprendizado mais fácil de ser absolvido (ANDRADE, 2012, p. 11).

Ao trabalhar com a música como um instrumento é possível perceber a riqueza presente na diversidade musical e nas letras que as músicas trazem, além de uma melodia ou ritmo que envolve ao seu ouvinte. Com este tipo de entendimento, é evidente que a música ao ser inserida em sala de aula passa a funcionar como um auxílio pedagógico fundamental no processo de aprendizagem das crianças.

Na Educação Infantil, a música assume um diferente papel, uma diferente motivação no ato de ensinar, pois é possível estabelecer, na criança, a autoestima e o lúdico: aprender brincando é mais prazeroso. No cotidiano, costuma-se fazer rodas de conversas com as crianças da educação infantil; isso facilita a visualização e o convívio com todos, ao mesmo tempo, cantando ou dançando. A música proporciona diversos benefícios e, para as crianças, é uma grande aliada no desenvolvimento saudável (SIQUEIRA; BONFIM, 2017, p. 5).

Assim é possível compreender a importância do uso da música no ambiente escolar e nas instituições de ensino, pois, a música além de ser um bem cultural é um meio de ligação social presente a todo momento em nossas vidas; de forma que todos deveriam ter acesso a ela e utilizada para

fins educacionais. Todas as esferas o uso deste recurso passa a ser uma ferramenta positiva no processo de ensino-aprendizagem das crianças.

### **A música na educação infantil**

Ao olhar para o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998) é possível adentrar a uma análise de reflexão que diz respeito à relação com os materiais sonoros na infância e na educação infantil, é importante notar que nessa fase, as crianças conferem a importância de um ambiente sonoro e de seus instrumentos de forma que são atraídas por eles. Interessando-se pelos modos de ação e produção dos sons. Sendo que sacudir e bater em suas fontes são seus primeiros modos de ação. Assim as crianças ficam sempre atentas às características dos sons produzidos.

Improvisar é criar instantaneamente orientando-se por alguns critérios. Se para falar de improviso é preciso ter em mente o assunto, o domínio de um vocabulário, ainda que pequeno, assim como algum conhecimento de gramática, algo semelhante ocorre com a música (ALENCAR; FLEITH, 2003, p. 57).

Com isto é nítido que o que caracteriza a produção musical das crianças nesse estágio é a produção do som e suas qualidades, que são altura, duração, intensidade e timbre e não a criação de temas ou melodias definidas precisamente com ritmo e técnica.

A expressão musical das crianças durante essa fase é caracterizada pela ênfase nos aspectos intuitivos e afetivos, bem como pela exploração (sensório-motora) dos materiais sonoros.

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvam a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados (BRASIL, 1998, p. 47).

As crianças inserem a música as demais brincadeiras e jogos, ou seja, elas associam a música ao próprio lúdico: cantam enquanto brincam, acompanham com sons os movimentos de seus carrinhos, dançam e dramatizam situações sonoras diversas, criando personagens e mundos de imaginação com seus objetos sonoros ou instrumentos musicais e a sua produção musical.

Se analisarmos a proposta curricular do Ministério da Educação e Cultura para a Educação Infantil, podemos destacar as importantes características que forma destinadas a essa modalidade de ensino, tendo em vista que essa etapa da aprendizagem é fundamental no desenvolvimento cognitivo das crianças.

De qualquer forma o aprender a ler e a escrever também passa pelo brincar e o interagir na proposta de educação infantil através da socialização, do estímulo a autoestima, da comunicação, e entre outros pontos que são essenciais no processo da aprendizagem.

A música pode contribuir para a formação global do aluno, desenvolvendo a capacidade de se expressar através de uma linguagem não verbal e os sentimentos e emoções, a sensibilidade, o intelecto, o corpo e a personalidade [...] a música se presta para favorecer uma série de áreas da criança. Essas áreas incluem a 'sensibilidade', a 'motricidade',

o 'raciocínio', além da 'transmissão e do resgate de uma série de elementos da cultura' (HUMMES, 2010, p. 22).

Com base nisso a concepção pedagógica que temos hoje em dia, deve, entre outros ter o intuito de: "Promover a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e à possibilidade de vivência da infância" (MEC, 2010, p. 36).

Todas as etapas que englobam o ensino-aprendizagem requerem uma dedicação irrestrita do professor, pois é ele quem executa todas as atividades práticas e/ou teóricas com os educandos, quando restringimos esse processo de ensino-aprendizagem apenas para a educação infantil, temos que o professor, além de um mediador é também um exemplo para as crianças. Para o profissional de educação não é tarefa fácil ensinar e ser um exemplo, tendo em vista que nem sempre estão totalmente preparados para enfrentar as adversidades na sala de aula. Um exemplo dessa dificuldade enfrentada pelo professor na educação infantil é utilizar a música como instrumento de ensino.

A música faz parte da linguagem artística, e como tal deve englobar a dança, as artes cênicas, plásticas, a linguagem escrita e oral entre outras possibilidades, porém o Referencial destaca que devemos ficar atentos para não nos desviarmos de questões que são especificamente da área musical (VIANA; MONTEIRO, 2017, p. 27).

Quando temos como base a análise da influência da música na aprendizagem das crianças, realizada pelos autores Siqueira e Bonfim (2017) que destacam como é perceptível a evolução na alfabetização, na

coordenação motora, no cognitivo; “enfim, a criança se supera, em todos os sentidos, quando a música é inserida no cotidiano da sala de aula: as crianças se tornam mais participativas e comunicativas.”

De qualquer forma para que esse tipo de atividade na sala de aula tenha sucesso é necessário criar um ambiente favorável e colaborativo para que a criança desperte suas habilidades espontaneamente, para tanto, o professor pode e deve usar seu lado criativo para que os objetivos sejam alcançados.

Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntas as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes (ALVES, 2008, p. 56).

Com os adestramentos dos atos das atividades com o uso da música, temos que um dos fatores é a descontração e a improvisação que são fundamentais para esse processo de ensino, o que deixa as crianças mais espontâneas para realizar suas atividades. “A música é uma grande ferramenta muito importante para a assimilação dos diversos conteúdos na rotina dos alunos, pois transporta para o universo dos mesmos, de forma lúdica, os conceitos científicos de diversas matérias” (BUENO, 2012, p. 49).

Com base nisso, para utilizar a música de maneira coerente na educação infantil é necessário que exista uma maior valorização das ferramentas dentro do processo de desenvolvimento da criança, do qual seja

reservando um espaço maior em seu currículo e um maior investimento em formação musical para os educadores.

### **Exemplos de músicas para o ensino na educação infantil**

Algumas músicas e canções podem ser utilizadas em momentos de ensino para que as crianças possam aprender e continuarem seu processo de desenvolvimento, como por exemplo as músicas a seguir, que possuem autores desconhecidos, domínio público ou autores conhecidos.

A primeira música recomendada é brilha, brilha estrelinha. Essa primeira música, ajuda as crianças a melhorarem a junção silábica e a sua fala, principalmente por ser uma música rápida e que dente a se repetir, com isso é interessante que o professor utilize essa música durante a alfabetização das crianças, ajudando as mesmas a melhorar sua dicção e entendimento das sílabas.

A segunda música é os cinco patinhos. Essa música, busca desenvolver uma história, onde os alunos podem sentir apelo, emoção e afeto pelos personagens, além de serem ensinados sobre a moral da mesma, uma ideia para seu ensino na sala de aula é durante as aulas de matemática, onde os alunos podem contar os patos, e subtrair ou adicionar os personagens da música.

A terceira música é a casa do Zé, da autora Bia Bedran, essa música desenvolver o sentimento de afeto e responsabilidade, além do respeito que se deve ter ao adentrar em um recinto. Essa música pode ser utilizada durante as aulas de alfabetização, pois, além de melhorar o comportamento

das crianças, ensinando respeito e responsabilidade, também melhora dicção dos mesmos e a junção silábica.

A quarta música citada, é a sopa, de autoria da banda palavra cantada, essa música trabalha a ideia da alimentação, assim como os números e como devemos nos alimentar diariamente. Com isso essa música pode ser trabalhada nas aulas de matemática e português, além de cultura, pois possui uma dimensão de exploração bastante rica.

A quinta música é naturágua de autoria da banda palavra cantada, essa busca fala sobre a água e sua importância, assim, além de trabalhar o meio ambiente, também conscientiza sobre seu uso e como devemos fazer para poupá-la. Com isso essa música pode ser trabalhada nas aulas de ciências e cultura.

A sexta música é dorme de autoria da banda palavra cantada, onde essa música desenvolve a hora de dormir bem como a responsabilidade deste ato e de sua importância, dentro da educação infantil esta música pode ser trabalhada nas aulas de português e cultura.

Essas músicas citadas possuem o intuito de ensinar através delas, assim seu uso em sala de aula deve ser pensado e elaborado de forma a exercer tal função.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho, possui como pesquisa que teve como principal temática “a música como instrumento facilitador da aprendizagem na educação infantil”.



Os procedimentos metodológicos de pesquisa adotados neste trabalho foram segundo uma pesquisa de revisão bibliográfica além de um enfoque qualitativo, para um melhor embasamento e centralização dos conhecimentos e dos dados que seriam coletados durante toda a pesquisa.

Primeiro temos que a revisão bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e contribuir com a atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas.

Para o estudioso Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

A pesquisa bibliográfica, para o autor Fonseca (2002, p. 32), é realizada através:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas

científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Já a pesquisa qualitativa é a tratada por Bogdan (1982 apud TRI-VIÑOS, 1987, p. 128-130) onde se destaca a investigação do tipo fenomenológico e da natureza histórico-estrutural, dialética. O autor apresenta cinco características desse tipo de enfoque de pesquisa:

1º) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2º) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3º) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; 4º) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; 5º) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa [...].

Com isso, tanto o método de pesquisa através da revisão bibliográfica como o enfoque qualitativo, são os métodos de pesquisa que mais se encaixaram para obtenção dos objetivos deste artigo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola deve proporcionar ambientes cada vez mais ativos e dinâmicos que possam favorecer o desenvolvimento social e plural do indivíduo, onde seja possível desenvolver metodologias que possam facilitar o aprendizado e também o ensino.

A partir disso, o presente trabalho permitiu chegarmos a resultados significativos sobre o uso da música como um instrumento facilitador do processo de aprendizagem das crianças na educação infantil.

A pesquisa empregada para obtenção dos dados, que teve como método uma revisão bibliográfica em conjunto com o enfoque qualitativo de pesquisa, foi fundamental na compreensão da importância da música na vida dos educandos que possuem o uso da mesma em sala de aula, sendo então uma ferramenta muito importante que pode e deve ser utilizada como recurso metodológico nas aulas do ensino infantil.

A partir desses dados foi possível notar quanta riqueza pode ser encontrada no trabalho por meio da música, o qual o professor deve planejar de maneira significativa uma rotina que contemple a musicalização na educação infantil, para que os alunos possam além de enriquecer a sua cultura através da música também possam aprender brincando.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do atual cenário da educação nacional, compreender o papel da música na Educação Infantil, o espaço que essa ocupa atualmente e possibilitar ao educando a vivência dessa prática dentro de sala de aula, constitui alguns passos para que essa proposta de ensino possa começar a engatinhar.

Com isso o primeiro passo para a construção do fazer musical e do despertar cultural, é associar as principais informações necessárias ao desempenho da aprendizagem através da música, bem como de entender que esse instrumento pedagógico é uma parte fundamental no ambiente

escolar e no ensino, que através de seu uso, permite que o aprender deixe de ser uma ação mecânica, sem uma intencionalidade definida e passe a ser uma construção de significados que proporcionam o aprendizado.

Com esse trabalho, foi possível entender que o uso da música é um instrumento positivo na vida educacional das crianças, pois através desse mecanismo é possível compreender o valor sociocultural da sociedade em que vive.

Através da pesquisa foi possível constatar-se a evolução do processo cognitivo das crianças por meio da música no âmbito da educação infantil que soa como algo positivo e essencial na vida de cada indivíduo que dela se apropria e a transforma em elemento de aprendizado.

Diante de tudo isso, acredito que os professores que atuam na educação infantil podem e devem trabalhar com a música em suas atividades de docência, dando um sentido mais dinâmico e valorizando o verdadeiro valor da música como elemento auxiliar na formação do indivíduo.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. **Criatividade – múltiplas perspectivas**. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

ALVES, R. **Ensinar, cantar, aprender**. São Paulo: Papyrus, 2008.

ANDRADE, A. S. **A música como instrumento facilitador da aprendizagem na educação**. 2012. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual da Paraíba. Paraíba, 2012.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo, Atlas, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Ed. MEC/SEF, 1998.

BUENO, R. **Pedagogia da Música**. Jundiaí: Keyboard, 2012.

ADORNO JUNIOR, A. P.; CIPOLO, E. S. M. Musicalização no processo de aprendizagem infantil. **Revista científica unar** (issn 1982-4920), araras (sp), v.15, n.2, p.126-141, 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. (Apostila).

HUMMES, J. M. Por que é importante o ensino de música. **Revista da ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical**, Porto Alegre, v. 11. set. 2004.

KRAKOVICS, F. Música ajuda na alfabetização de crianças. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11, set., 2000, p. 4, Caderno cotidiano.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SIQUEIRA, C. A.; BONFIM, E. L. S. A música como estratégia utilizada na educação infantil e promotora da interdisciplinaridade: um olhar singular. **EFACEQ: Revista dos Discentes da Faculdade Eça de Queirós**, ISSN 2238-8605, Ano 6, Número 10, agosto de 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: \_\_\_\_\_. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANA, E; MONTEIRO, D. C. A linguagem musical na educação infantil: reflexões e Possibilidades. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v.19, n.2, p. 371-386, jul./dez. 2017. e-ISSN: 2594-8385 DOI: 10.30715/rbpe.v19.n2.2017.10999.







8

## TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES EM SALA DE AULA

Maria José Rodrigues Feliciano<sup>17</sup> // Adriana Mônica Oliveira<sup>18</sup>

### INTRODUÇÃO

Este estudo, partiu da necessidade de gerar subsídios que possam ajudar os profissionais da Educação a trabalharem com crianças e jovens com Transtornos Do Déficit de Atenção E Hiperatividade - TDAH em sala de aula. Assim este trabalho busca, também, indicar caminhos para o enfrentamento do distúrbio em vista de uma efetiva aprendizagem e de um contínuo aprendizado.

Assim, este tema possui relevância em seu estudo e apresentação, pois segundo a Associação Brasileira de Déficit de Atenção – ABDA o TDAH vem sendo apresentado de 3% a 5% nas crianças em idade escolar, com características mais predominas no gênero masculino, isso faz com que estes fatores como: inquietação, falta de atenção, mau comportamento, pouca concentração, dificuldade de aprendizagem que veem surgindo cada vez mais nas salas de aulas.

---

<sup>17</sup> Graduanda em Pedagogia. E-mail: mj26726@gmail.com.

<sup>18</sup> Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail: amwag\_2301@outlook.com.

Com isso, a principal problemática deste trabalho, é entender quais são os desafios e as possibilidades, encontradas em sala de aula para com alunos com déficit de atenção e hiperatividade. Assim busca-se evidenciar esses dois fatores que são enfrentados por alunos com TDAH. Para cumprir com os objetivos deste trabalho, temos que o mesmo possui como finalidade demonstrar a importância, as leis, diretrizes, valores e inclusão que cercam o déficit de atenção e Hiperatividade: desafio e possibilidades em sala de aula.

Considerando-se a pertinência do tema, optou-se por pesquisar sobre hiperatividade, déficit de atenção e aprendizagem, visto ser um tema de grande relevância na educação e que ao mesmo tempo é desconhecido, por muitos professores. Diante disto, a necessidade de estudo e aprofundamento sobre as reais implicações que a hiperatividade e o déficit de atenção causam no processo de aprendizagem e o papel do professor diante dessas implicações.

Julga-se então necessário encontrar meios para auxiliar o professor na superação desse desafio, onde de forma a tentar encontrar uma organização ideal para este trabalho, foi-se proposto a seguinte estrutura: revisão da literatura de forma a subsidiar toda a pesquisa, metodologia da pesquisa, para explicar os métodos e procedimentos realizados na coleta de dados, resultados e discussão, objetivando os resultados obtidos com os dados que foram coletados e por fim as considerações finais que foram entendidas com este trabalho.

## REVISÃO DE LITERATURA

Entender o que é o déficit e a hiperatividade conforme a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA, 2016) e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH, por ser o diferencial dentre uma boa inclusão e estratégia para ensinar e educar este grupo de alunos, com isto, podemos entender que o déficit de atenção e hiperatividade, é um transtorno que influi no comportamento tais como: desatenção, hiperativíssimo/impulsivíssimo e/ou apresentam estes de forma combinada.

### **Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade – TDAH: concepções e características**

Segundo dados e pesquisas da ABDA (2016) um dos principais fatores que o influenciam na sua detecção é a hereditariedade, visto que a probabilidade de uma criança o apresentar, é maior ao ter algum membro da família que apresenta os mesmos sintomas e detêm o mesmo. Com isto, este é um transtorno que vem sendo cada vez mais frequente em sala de aula e dentro das escolas, tanto públicas quanto privadas.

A educação vem se adaptando e mudando ao longo do tempo, estas transformações por vezes são decorrentes do atual momento de interpretação de outras áreas dentro da própria educação, um exemplo é a incrementação da Psicologia nas áreas educacionais, esta que visa entender como funcionada a mente e o estado criativo dos indivíduos voltados para o aprendizado.

As crianças com TDAH se caracterizam por terem muita dificuldade em se concentrar, principalmente em atividades que exijam muito tempo de estudo, o que acaba levando a criança a se distrair durante a atividade. Além disso, cumprir prazos e regras é algo extremamente difícil para essas crianças (BRUNA, 2012, p. 03).

Diante disto entre os assuntos mais discutidos na educação atualmente, destaca-se a diversidade do comportamento dos estudantes, bem como suas dificuldades no sentido da aprendizagem. A partir deste entendimento e neste contexto, a hiperatividade, uma componente do Transtorno de Déficit de Atenção, simplificada pela sigla TDAH, vem aumentando seu espaço nos ambientes escolares.

Entre outras características tendem a ter baixo rendimento na escola, falta de organização em seus estudos e em outros afazeres, dificuldade para reter algum conteúdo e concluir tarefas. O transtorno geralmente é identificado na escola, pois conforme a criança vai se desenvolvendo é cobrado mais dela, se espera que ela se comporte de forma comum como as outras crianças, ficando sentada, obedecendo as regras e cumpra as atividades. No entanto a criança com TDAH se caracteriza por não conseguir cumprir tais tarefas (BRUNA, 2012, p. 04).

Compreender o aluno com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade -TDAH em sala de aula é difícil, assim é necessário compreender as vertentes e atuações na sala de aula e como esses alunos que possuem esses transtornos se comportam, onde de acordo com a Associação Brasileira de Déficit de Atenção (ABDA, 2016) o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH se entende como um transtorno neuropsiquiátrico,

que possui causas genéticas que aparecem com maior frequência na infância e se desenvolvem e acompanham o indivíduo por toda sua vida.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, conhecido como TDAH, é um transtorno comportamental, onde o indivíduo encontra dificuldade em se concentrar em algo. Geralmente é descoberto quando a criança no ambiente escolar demonstra dificuldade em focar a atenção (GONÇALVES, 2010, p. 17).

Em um contexto histórico, o TDAH foi inicialmente conhecido pela primeira vez pelo médico pediatra inglês George Still, onde em uma experiência laboratorial observou um grupo de crianças que apresentavam comportamentos agitados. Até que o mesmo propôs a existência deste transtorno, antes desta interpretação por parte de George, as crianças eram vistas como sem limites ou até mal-educadas por “culpa” de seus responsáveis.

Para Amorim (2010, p. 1-2), existem diversos tipos de TDAH:

**Tipo Desatento:** Não enxerga detalhes ou faz erros por falta de cuidado, tem dificuldade em manter a atenção, parece não ouvir, sente dificuldade em seguir instruções, tem dificuldade na organização, não gosta de tarefas que exigem um esforço mental prolongado, frequentemente perde os objetos necessários para uma atividade, distrai-se com facilidade e tem esquecimento nas atividades diárias. **Hiperativo Impulsivo:** Inquietação mexendo as mãos e os pés ou se remexendo na cadeira, dificuldade em permanecer sentado, corre sem sentido ou sobe nas coisas excessivamente, sente dificuldade de se engajar em uma atividade silenciosa, fala sem parar, responde às perguntas antes mesmo de serem terminadas, age a 200 por hora, não consegue esperar sua vez e interrompe constantemente. **Combinado:** Este tipo é caracterizado pelos dois tipos juntos, o desatento e o impulsivo. Esses tipos de hiperativos só são diagnosticados quando têm mais de seis sintomas.

O pediatra George Still, diagnosticou alguns fatores que podem ajudar na análise da TDAH, citando ele a existência dos seguintes comportamentos. Inquietação, agitação, falta de atenção e pouca concentração.

Estes seriam então os vestígios deste transtorno, apresentado não só em crianças como também em adultos que chegam a ser prejudicados, quando não diagnosticados, em alguns aspectos pessoais e sociais. "O TDAH pode ter um impacto muito ruim na vida de algumas pessoas" (MATTOS, 2003, p. 30).

Por vezes, os próprios educadores ao se depararem com estudantes que possuem hiperatividade e não possuíram um âmbito formativo ou a prática de saber lidar com eles em sala de aula, acabam por fazer um pré-julgamento e confundindo erroneamente seu TDAH com mau comportamento, o que acaba prejudicando, de forma significativa, o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Por outro lado, alguns alunos que aparentam serem bastante ativos, acabam também sendo rotulados com este déficit, quando apenas possuem maior disposição ativa do que os demais.

Este tipo de consequência é considerado para a educação um fator preocupante, pois é no ambiente escolar que a maioria dos jovens tem contato com a leitura e a escrita, o que exige atenção e concentração.

### **TDAH: o diagnóstico dentro do trabalho pedagógico**

O diagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), ainda é difícil para ser concebido, principalmente dentro da sala de aula, mas é evidente que com estudos é possível apresentar dados que possam ser concebidos como um diagnóstico deste transtorno. "O assunto

ainda está sendo estudado, e suas possíveis causas ainda são incertas. Porém é fato que o TDAH seja o resultado de fatores genéticos, biológicos e ambientais” (MAIA; CONFORTIN, 2015, p. 23).

Nos atuais dias, o diagnóstico do Transtorno e Déficit e Atenção e hiperatividade – TDAH assumiu um papel principal que serve para justificar o aumento dos problemas de aprendizagem de nossas crianças, onde qualquer tipo de atraso ou falta de interesse, é rapidamente relacionado ao TDAH. Tornou-se então comum, o relato de mães, pais e professores ao se referir aos seus filhos e alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e problemas comportamentais, alegarem que eles são portadores da TDAH.

Atualmente, o diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDA/H) tem sido uma das descrições médicas mais utilizadas para dar vazão ao mecanismo de psicopatologização das dificuldades que compõem na infância, em uma concepção biologizante do desenvolvimento e do psiquismo humanos (LEGNANI; ALMEIDA, 2008, p. 5).

Entretanto, é comum que algumas crianças apresentem sintomas característicos do TDAH por um curto período de tempo ou durante a realização de atividade específicas, por exemplo, em atividades que não chamam a atenção da criança.

A causa desses sintomas e desinteresses pode ser relacionada a algum trauma psicológico pelo qual ela passou ou esteja passando. Por isso, para diagnosticar o TDAH, deve-se analisar minuciosamente o comportamento da criança por um período maior de tempo e com atividades



diversificadas, buscando um diagnóstico mais próximo da completude e analisando os diversos fatores que podem estar relacionado a esse transtorno.

Alguns Outros fatores importantes no diagnóstico do TDAH e que não podem deixar de serem observados, é referente aos locais onde ocorrem os sintomas ou o ambiente em que estes sintomas mais aparecem.

Um exemplo disso, é fato onde a criança se apresenta agitada somente no ambiente escolar e em casa se comporta normalmente, não pode ser diagnosticada como TDAH. Podemos ainda dizer que o mesmo acontece ao contrário.

Para ser diagnosticada com TDAH, é preciso que os mesmos sintomas de agitação, desatenção, dificuldades em cumprir regras, estejam presentes em todos os ambientes onde essa criança convive (ROHDE *et al.*, 2000).

Para Silva (2003), o comportamento e diagnóstico do TDAH nasce do que se chama trio de base alterada de sintomas, ou seja:

É a partir desse trio de sintomas – formado por alterações da atenção, impulsividade e da velocidade da atividade física e mental – que se irá desvendar todo o universo que, muitas vezes, oscila entre o universo da plenitude criativa e o da exaustão de um cérebro que não para nunca (SILVA, 2003, p. 20).

A autora ainda afirma que o sintoma mais importante para entender o comportamento do TDAH é o de alteração da atenção, uma vez que esta alteração é condição indispensável para se chegar ao diagnóstico

principalmente sendo este um desafio para os professores que devem inicialmente dar seu parecer dentro de sala de aula sobre a condição do aluno.

### **O currículo de ensino para alunos com TDAH**

Considerando os diversos contextos influenciam diretamente no desenvolvimento da criança, como a família, a escola, o trabalho e o lazer, Kelman afirma que “a família é certamente o principal e o primeiro contexto de desenvolvimento no qual o ser humano vive. Suas experiências dentro do seio familiar o marcarão por toda a vida” (KELMAN, 2010, p. 43).

O papel da família no contexto social para crianças com TDAH, no entendimento de Lévi-Strauss, é relevante pois:

De acordo com o contexto social, em cada sociedade e em cada época histórica, que a vida doméstica passa a assumir determinadas formas específicas, evidenciando que a família não é instituição natural, mas reforçando a compreensão de que ela é socialmente construída de acordo com as normas culturais (LÉVI-STRAUSS, *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 26).

Em um contexto histórico a ideia de família tradicional composta por pai, mãe e filhos, já não é tão comum hoje em dia. Mas, apesar disso, a família não deixou de existir e que os papéis continuam a ser desempenhados pelos integrantes dessa nova constituição familiar. O que não pode deixar de existir dentro da ideia familiar é a hierarquia, as regras, valores e, principalmente, o amor.

A família apresenta um papel ativo quanto à formação da personalidade da criança.

- Após o nascimento, a criança começa a sofrer influências familiares que aos poucos vão modelando seu comportamento, sendo a maior parte das influências exercidas pelos pais sobre os filhos, provavelmente inconsciente;
- A criança estrutura sua personalidade com base nas experiências infantis, sendo uma das mais importantes, o clima psicológico que os pais propiciam a ela;
- muitas vezes os valores adquiridos em família são ameaçados por outros contextos socializadores;
- Os pais têm certas maneiras características de se comportarem, e estas têm influências diferentes sobre os filhos, que podem desenvolver diferentes personalidades;
- A criança deve desenvolver um autoconceito positivo, sendo para isso, muito importante, as reações dos adultos (FONSECA, 1999, p. 15-16).

Diante do citado acima, é considerado a necessidade de verificar a contextualização familiar em que a criança está inserida. Por vezes, alguns sinais que a criança vem apresentando podem representar situações que a criança esteja vivenciando na família. Nesse caso, destaca-se então a importância do fortalecimento da família em seu papel para favorecer o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Em conformidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) o currículo voltado a inclusão é construído a partir do projeto pedagógico da escola, onde ele deve relacionar os princípios e operacionalizações, além de desenvolver um vínculo entre a teoria e prática, planejamento e ação.

Com isso o currículo pode ser visto como um guia sobre o que, quando e como ensinar; o que, como e quando se deve ter avaliações.

As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, no artigo 15º, afirma que:

A organização e a operacionalização dos currículos escolares são de competência e responsabilidade dos estabelecimentos de ensino, devendo constar de seus projetos pedagógicos as disposições necessárias para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos, respeitadas, além das diretrizes curriculares nacionais de todas as etapas e modalidades da Educação Básica, as normas dos respectivos sistemas de ensino (BRASIL, 2001, p. 01).

Como visto acima, o currículo é parte indispensável da escola, a partir dele, pode-se definir o fracasso ou sucesso da escola, com relação ao ensino. Por esse motivo é tão importante que o currículo esteja adequado com as necessidades dos alunos, principalmente dos alunos com TDAH.

O currículo deve, acima de tudo, atender as necessidades particulares de aprendizagem, sendo assim, a escola deve adaptar seu currículo, a partir das necessidades educacionais de cada aluno. "Sabe-se que as crianças com TDAH são capazes de aprender, mas têm dificuldades de concentração na escola devido ao impacto que os sintomas têm sobre um bom desempenho nas atividades" (SILVA, 2010, p. 09).

Ainda sobre as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, o artigo 17º, determina que:

Em consonância com os princípios da educação inclusiva, as escolas das redes regulares de educação profissional, públicas e privadas, devem atender alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, mediante a promoção das condições de acessibilidade, a capacitação de recursos humanos, a flexibilização e adaptação do currículo e o encaminhamento para o trabalho, contando, para tal, com a colaboração do setor responsável pela educação especial do respectivo sistema de ensino (MEC/SEESP, 2001).

Com base nos princípios previstos no documento citado anteriormente sobre a importância das adequações curriculares, cabe ressaltar que estas orientações devem ser observadas pelo professor que atua com o aluno diagnosticado com TDAH.

Onde este mesmo aluno diagnosticado com TDAH, segundo o mesmo documento citado, apresenta necessidades educacionais especiais. Considerando que ele compõe o quadro de aluno que apresentam dificuldades não vinculadas a uma causa orgânica específica.

Com base nisso entende-se que as adequações curriculares devem estar presentes nas práticas pedagógicas para os alunos com TDAH.

No espaço escolar estão presentes crianças de diferentes culturas, crenças e costumes. Cada ser é único e carrega consigo suas particularidades que formam o indivíduo. Cada criança traz consigo uma bagagem de saberes e experiências únicos.

Durante os momentos nas salas de aulas, temos reunidos uma diversidade de crianças, dentre esses alguns com comportamentos e atitudes diferentes: mais concentrados, agitados, distraídos ou impulsivos.

Para se acreditar que os saberes pedagógicos podem e devem existir é preciso verificar inicialmente que, prática educativa e prática pedagógica, são instâncias complementares, mas não sinônimas. A prática educativa pode existir sem o fundamento da prática pedagógica; existirá de forma espontaneísta, fragmentada, às vezes até produtiva, outras vezes não. Aquilo que transforma uma prática educativa em uma prática compromissada (práxis), intencional, relevante será o filtro e a ação dos saberes pedagógicos, transformados pedagogicamente em conhecimentos (FRANCISCO, 2006, p. 31).

Ao profissional de educação cabe a tarefa de orientar e proporcionar a todos a oportunidade de produzir seu próprio conhecimento, sem deixar ninguém para trás. Porém esse é um objetivo igualitário de todos os professores e membros da educação, sendo essa uma meta difícil, mas que pode ser atingida.

Dentro do espaço da sala de aula, é possível se deparar frequentemente com crianças que não se concentram nas atividades que estão sendo realizadas. Um exemplo, é quando o professor está explicando algum conteúdo, ao olhar no derredor da sala, é possível observar alguns alunos distraídos com objetos alheios à aula, ou olhando para fora da sala, ou até mesmo para o teto. “Os estudantes com TDAH são muito confundidos com alunos bagunceiros e com mal comportamento, esse cenário é cada vez mais comum nas salas de aula, o que leva o aluno ao prejuízo escolar” (MAIA; CONFORTIN, 2015, p. 06).

Os alunos com TDAH não aprendem porque não conseguem prestar atenção. O papel do professor nesses casos é de fundamental importância na vida educacional dessas crianças.

O saber pedagógico só pode se constituir a partir do próprio sujeito, que deverá ser formado como alguém capaz de construção e de mobilização de saberes. A grande dificuldade em relação à formação de professores é que, se quisermos ter bons professores, teremos que formá-los como sujeitos capazes de produzir ações e saberes, consciente de seu compromisso social e político (FRANCISCO, 2006, p. 36).

Um professor atento e dedicado a seus alunos pode dispor de estratégias que desenvolvam o aprendizado de forma efetiva.

Para um melhor aprendizado, algumas medidas, não acabam sendo tomadas, os alunos que são diagnosticados com TDAH devem preferencialmente sentar-se nas primeiras carteiras da sala, nunca perto da porta ou da janela, para evitar que se distraiam. “No início da vida escolar para os alunos com TDAH é normal ter dúvidas, falta de autoestima, rotulações, entre tantas outras coisas que contribuem de forma negativa para o quadro da criança” (LIMA, 2011, p. 17).

As atividades propostas pelo professor na medida do possível, não devem ser longas, para que não ultrapassem o tempo de concentração dos alunos. É importante procurar diversificar o método de ensino, deixando uma aula diferente da outra, a fim de motivar os alunos.

O professor ao criar oportunidades que prevaleçam aprendizagens exploratórias e investigativas, pode orientar-se com base em Farrel (2009, p. 37):

- Encorajar o estudante TDAH a explorar os mais variados materiais sobre um determinado conteúdo/assunto que será trabalho/ensinado em sala de aula, antes que o ensino ocorra. Assim é mais provável que o aluno seja capaz de responder as atividades propostas com mais autonomia e atinja o objetivo de finalizá-las integralmente;
- Assegurar o ritmo da aprendizagem é um aspecto importante da educação do aluno com TDAH, consideradas as suas características devidas o transtorno, terá aprendido no passado em um ritmo mais “acelerado” ou mais “lento” do que os outros alunos, o que pode ter o levado a níveis mais baixos de desempenho. Outro exemplo: ao aprender sobre eletricidade, a experiência prática de construir circuitos pode ser aplicada a um item funcional, como a campainha de uma porta, fazendo-se comparações com campainhas acionadas por bateria e por fios que conduzem eletricidade. Os alunos podem ler o mediador de eletricidade na escola e em casa. Podem ser estabelecidos vínculos com a



matemática (ler mostradores de recursos, números), geografia (visitar uma estação geradora ou ver torres que carregam eletricidade) e ter experiências práticas de situações em que é seguro usar eletricidade; • ajustar as lições propostas por estratégias de questionamentos, como uma mistura de perguntas abertas e fechadas, ou pela mescla de dados novos e difíceis com dados mais conhecidos a ser consolidados. Usar recursos e forma não comuns de apresentação dos conteúdos – crianças com TDAH gostam muito de novidades, de explorar o seu cotidiano. O professor pode fazer uso desse motivo para uma aula posterior ou mesmo criar um link entre o desejo, a curiosidade aguçada do estudante por novidades e o envolvimento “estimulado” na aula atual, esta prática costuma ser muito proveitosa.

Estas atitudes que o professor vai descobrindo no decorrer do seu trabalho podem trazer um ganho significativo para os alunos com TDAH. O professor deve estar atento aos seus alunos e de forma alguma deve fazer distinção entre eles, pois as crianças com TDAH tendem a sofrer de baixa autoestima, devido às dificuldades de aprendizagem e também de relacionamento com os colegas, sendo e suma importância fazê-lo acreditar em seu potencial de aprendizado e incentivá-lo sempre que possível.

## **METODOLOGIA**

Para a elaboração deste trabalho de pesquisa, utilizamos como procedimentos metodológicos as pesquisas bibliográficas, com abordagem qualitativa foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica. Ou seja, foi feito um estudo teórico sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e hiperatividade e a descrição das atuações dos professores na busca em compreender como detectar esta síndrome e como trabalhar com as crianças na

escola, fazendo com que os mesmos consigam superar suas dificuldades e alcançar níveis de desenvolvimento emocional e cognitivos adequados. sob a ótica de Prodanov e Freitas (2013, p. 54) a pesquisa bibliográfica:

[...]. É elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões (ANDRADE, 2010, p. 25).

Ainda no que se refere ao enfoque da pesquisa, temos que está se utilizou como método de investigação a pesquisa qualitativa. Segundo os estudiosos Maciel e Raposo (2010), em uma pesquisa qualitativa, o processo de construção do conhecimento ocorre através da interação entre o pesquisador e os dados que forma apresentados e coletados durante a

pesquisa, como esta pesquisa é bibliográfica, temos que os dados são documentos e artigos que possuem temas semelhantes a este.

Nessa perspectiva, a teoria é vista como uma construção sistemática que é permanentemente confrontada com a multiplicidade de ideias que aparecem entre aqueles que a compartilham, das quais resultam um conjunto de alternativas que se expressam na investigação científica e que seguem diferentes zonas de sentidos em seu desenvolvimento sobre a realidade estudada (MACIEL; RAPOSO, 2010, p. 81).

Numa pesquisa qualitativa, as hipóteses não são pré-definidas pelo pesquisador, mas vão sendo construídas durante todo o processo de escrita do trabalho. A metodologia de pesquisa bibliográfica com foco qualitativo não se explica por uma técnica de conhecimento pronto e acabado, mas por um processo de construção. Assim o presente trabalho está em constante desenvolvimento, os conhecimentos e saberes adquiridos se unem às diferentes e novas possibilidades, gerando novas indagações e construindo futuras investigações.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do exposto cabe ao professor e a comunidade escolar conhecer todos os aspectos que envolvem a aprendizagem do seu aluno, para definir e planejar as adequações que irão atender às necessidades educacionais dos alunos. Pois, não tem receita pronta, cada aluno é um ser único, com estilo de aprendizagem, potencialidades e necessidades educacionais específicas.

No decorrer da vida escolar a criança hiperativa é aquela que lança desafios aos professores, aos pais, aos profissionais da saúde, para que estes reflitam e mudem seus breves conceitos de pensamentos, de intervenção e de interação, pois esta criança, não aceita ser vítima de métodos padronizados principalmente de ensino, entretanto, as mesmas têm os mesmos desejos das demais crianças, ou seja, de conviverem com as mesmas atividades que as demais, de receberem elogios por suas conquistas e, sobretudo de serem respeitadas como sujeitos capazes de serem responsáveis por seu processo de aprendizagem.

Embora diversas práticas utilizadas dentro e fora de aula muitas vezes não são suficientes para que aluno com este tipo de dificuldade de aprendizagem venha a sanar as mesmas. Uma interessante opção para estes alunos é levar em consideração a individualidade de cada um, pois eles apresentam ritmos de aprendizagem diferentes.

O TDAH fica bastante evidente no período escolar, quando é preciso aumentar o nível de concentração para aprender. Por isso, atribui-se a escola um papel primordial no diagnóstico do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Porém com vimos no decorrer deste trabalho apresentar um diagnóstico definitivo sobre esta problemática é muito difícil, onde é necessário mais estudo e talvez o acompanhamento de um médico ou profissional da área, para que então seja possível apresentar um relatório de caso eficiente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento deste trabalho foi possível perceber que o tema de pesquisa Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH representa nos dias atuais uma preocupação tanto para a família dos alunos quanto para a própria escola e professores.

O TDAH está associado a sintomas tanto de ordem organizacional, que podem ser vistos como fatores apenas patológicos e não como possibilidades de um bom desenvolvimento das crianças quando identificada e trabalhada de maneira correta, pois muitas vezes se tem na sociedade crianças talentosas, com intuição, criativas e que não são valorizadas.

Com base em tudo isso, espera-se que este trabalho possa contribuir com as reflexões da família, escola e também da sociedade. É evidente que o diagnóstico da origem do distúrbio é difícil de determinar, tentar atribuir culpas, tampouco é uma boa saída, uma vez que o comportamento da criança é fruto da união de vários fatores culturais e educacionais que são presentes diariamente na vida das crianças, dentre os quais destacam-se os fatores familiares e individuais. Portanto, é necessário observar a interação da criança com o meio em que ela está inserida.

Neste sentido, pode-se dizer que o profissional da educação desempenha papel importante no diagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade nas crianças em idade escolar, pois a mesma fica mais evidente neste período, quando se exige que o nível de concentração seja maior para realizar as atividades propostas. Por fim é importante ressaltar que o professor possui um elo com a família e os especialistas, deste modo, é possível compreender a TDAH para poder acompanhar e desenvolver

ações que possam auxiliar a aprendizagem do aluno e contribuir com a sua inserção na sociedade sem preconceito ou discriminação.

## REFERÊNCIAS

- ABDA. Associação brasileira de Déficit de Atenção (2016). **Home Page**. Disponível em: <http://www.tdah.org.br/>. Acesso em: 08 fev. 2022.
- AMORIM, C. **IPDA Instituto Paulista de Déficit de Atenção**. 2010. Disponível em: <http://www.dda-deficitdeatencao.com.br/ tipos/desatento.html> . Acesso em: 08 fev. 2022.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 2/2001. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001.
- BRUNA. M. H. V. **Déficit de atenção/hiperatividade (TDAH)**. 2012. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/deficit-de-atencao-e-hiperatividade-tdah/>. Acesso em: 15 de mar. de 2021.
- CAMARA, J. D. **Crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade**. Paraná: Universidade tecnológica federal do Paraná, Medianeira, 2012.
- FARREL, M. **Dificuldades de Aprendizagem moderadas, graves e profundas**: guia do professor. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FRANCISCO, M. A. S. Saberes Pedagógicos e Prática Docente. In: Org. SILVA, A. M. M. et al. Educação formal e não formal, processos formativos e saberes pedagógicos: desafios para a inclusão social. **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Recife: 11º ENDIPE, 2006.
- FONSECA, N.G. **A influência da família na aprendizagem da criança**. São Paulo: CEFAC/ Curso de Especialização em Linguagem, 1999. Disponível



em: [www.cefac.br/library/teses/ab197be20bb61cc49ca2e591c0171417.pdf](http://www.cefac.br/library/teses/ab197be20bb61cc49ca2e591c0171417.pdf)  
. Acesso em: 15 de mar. 2022.

GONÇALVES, S. C. **O TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) no contexto escolar**: Uma visão psicopedagógica. Niterói, 2010.

LEGNANI, V. N.; ALMEIDA, S. F. C. **A construção diagnóstica de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade**: uma discussão crítica. Brasília: Universidade Católica de Brasília (UCB), 2008.

LIMA, F. A. O. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade**: entendendo melhor a criança com TDAH no contexto da escola pública. Brasília: Universidade aberta de Brasília, 2011.

KELMAN, C. A. **Sociedade, educação e cultura**. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. (Orgs.). **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

MACIEL, D. A.; RAPOSO, M. B. T. **Metodologia e construção do conhecimento**: contribuições para o estudo da inclusão. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

MAIA, M. I. R.; CONFORTIN, H. **TDAH e aprendizagem**: um desafio para a educação. Rio Grande do Sul, 2015.

MATTOS, P. **No Mundo da Lua**: perguntas e respostas sobre Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Lemos Editorial, 2003.

OLIVEIRA, N. H. D. Contexto da família. *In*: \_\_\_\_\_. **Recomeçar**: família, filhos e desafios. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

ROHDE, L. A. et al. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 2000.

SILVA, A. B. B. **Mentes inquietas: TDAH**: desatenção, hiperatividade e impulsividade. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2010.

SILVA, M. O. E. **A análise de necessidades na formação contínua de professor**: Um contributo para a integração e inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais no ensino regular. São Paulo: AVERCAMP, 2003.

# 9

## OS DESAFIOS DAS AULAS REMOTAS NA PANDEMIA DA COVID-19

MARIA LIDIANE DA SILVA FIRMINO  
ADRIANA MÔNICA OLIVEIRA  
ANDREZZA MARIA BATISTA DO N. TAVARES



9

## OS DESAFIOS DAS AULAS REMOTAS NA PANDEMIA DA COVID-19

**Maria Lidiane da Silva Firmino<sup>19</sup> // Adriana Mônica Oliveira<sup>20</sup> //**

**Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares<sup>21</sup>**

### INTRODUÇÃO

O principal encorajamento para a elaboração deste projeto de pesquisa, reside na importância que o assunto possui para a sociedade atual. O tema ainda é considerado embrionário, embora seja repleto de desafios. É possível afirmar que, aprofundar-se na pesquisa a respeito dos desafios das aulas remotas em meio a pandemia da COVID-19 proporcionará a compreensão das novas estruturas de ensino e, também, da importância desta tendência na elaboração de novas políticas públicas voltadas para a educação.

O enredo promove o desenvolvimento do pensamento crítico em relação aos desafios, da mesma forma que propõe a reflexão acerca da evolução e do aprimoramento para a realização das aulas remotas.

A transição mundial, sucedida entre os anos de 2019 e 2020 é apontada como um importante marco histórico, que certamente será

---

<sup>19</sup> Bacharelanda em Pedagogia. E-mail: marialid25@Outlook.com.

<sup>20</sup> Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail: amwag\_2301@outlook.com.

<sup>21</sup> Pós-doutora pela Universidade do Minho, em Portugal e pela UFPI, e-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

estudado pelas próximas décadas. Isso se deu após o surgimento do Coronavírus (SARS-CoV-2), na China. No dia 08 de dezembro de 2019, a revista médica britânica *The Lancet* expôs os primeiros casos de contaminação em humanos, com média de letalidade, de aproximadamente, 5% e o alto grau de contaminação devido à sua alta velocidade de propagação pelas gotículas no ar.

Essas e outras características permitiram que o vírus da COVID-19 desencadeasse uma das maiores pandemias já registradas na história, afetando diretamente todos os países do mundo através do rigoroso isolamento social que foi imposto como medida de enfrentamento.

No Brasil, três meses após a notificação dos primeiros casos da COVID-19, pôde-se perceber o início de uma mudança radical nas relações humanas ditadas por meio de decretos nacionais. Aos poucos se desencadeou um pânico mundial, fruto do aumento desenfreado do número de infectados e mortos pela COVID-19.

O ineditismo deste fato ainda não permite tecer considerações a médio ou longo prazo sobre como será o novo padrão educacional. Entretanto, está claro que novos hábitos estão sendo criados e/ou aprimorados com enfoque em uma nova rotina, como é o caso do ensino de forma remota.

Conforme Oliveira (2020), uma das principais dificuldades encontradas na educação durante a pandemia da COVID-19 é a falta de habilidade dos professores com o Ensino à Distância (EAD) e a utilização das tecnologias como potencial educativo. Infelizmente, muitos professores não tinham a prática do método EAD e/ou não tiveram tempo hábil para realizar o treinamento de ambientação nas plataformas de ensino. Como consequência, os índices de ausência dos estudantes nas aulas remotas aumentaram.

A gravidade da pandemia da COVID-19 também trouxe à tona as atuais deficiências nas instituições de ensino. Xiao e Li (2020), afirmam que, apesar do crescente desenvolvimento da internet, poucas instituições de ensino, entre todos os níveis educacionais, cultivaram a capacidade de incorporar ensino e aprendizagem online em seus currículos. A escassez de investimentos em aplicativos ou software e as crescentes demandas não atendidas resultaram em interrupções nas atividades de ensino públicas ou privadas.

Portanto, é possível compreender até o presente momento, frente a nova realidade da pandemia da COVID-19, que a escola, por se configurar como um espaço de formação de novas gerações, em sua integridade social, cultural e econômica, não pode dispensar as práticas vinculadas ao uso e apropriação de tecnologias digitais. Caso contrário, a tecnologia torna-se apenas um paliativo no atendimento de situações emergenciais.

Partindo desta perspectiva, este breve estudo tem como objetivo geral identificar as principais dificuldades dos professores, alunos e pais em relação a modalidade remota ofertada pelas instituições públicas e privadas de ensino.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

Em decorrência da rápida disseminação do vírus da COVID-19 por todos os continentes, no dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou formalmente o estado de pandemia mundial. No Brasil, a Portaria nº 188/GM/MS, de 03 de fevereiro de 2020, declarou



Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana no território brasileiro (BRASIL, 2020).

De acordo com o site do Ministério da Saúde (2020), o vírus da COVID-19 pode desencadear quadros assintomáticos, infecções respiratórias graves e morte em poucos dias. Sabe-se que, infelizmente, a COVID-19 propagou-se rapidamente por todos os continentais, causando um número alarmante de óbitos em poucos meses.

Segundo o boletim epidemiológico nº 108, publicado no site do Governo Federal, até o dia 09 de abril de 2022, foram confirmados 498.260.608 casos de covid-19 no mundo, e no Brasil já foram 30.145.192 de casos da COVID-19. Em relação aos óbitos, foram confirmados 6.176.746 óbitos no mundo e 661.220 óbitos no Brasil decorrentes da infecção pelo vírus.

Conforme as recomendações da OMS, o isolamento e o distanciamento social são algumas das medidas preventivas eficazes contra a disseminação do vírus e, conseqüentemente, da doença (BRASIL, 2020). Em vista disso, foram adotadas medidas legais de distanciamento social pelas diversas esferas governamentais.

O Decreto nº 10.282, publicado no dia 20 de março de 2020, definiu os serviços essenciais para o resguardo e manutenção da sobrevivência, da saúde e da segurança humana no país. No entanto, as atividades de ensino não foram enquadradas como necessidades inadiáveis para a população brasileira (BRASIL, 2020).

É indispensável ressaltar, que a pandemia gerou um cenário nunca visto de isolamento social, com rápida transição das aulas para o ensino remoto, o que tem causado um impacto enorme no aspecto emocional de milhões de estudantes, educadores e famílias ao redor do mundo. Além de



expor as fragilidades históricas dos sistemas educacionais, que são suscetíveis a situações de crises e/ou fatores que afetam diretamente o cumprimento do ano letivo e as possibilidades de aprendizagem dos estudantes (como greves, enchentes, situações de insegurança pública entre outros).

Diante disto, instauraram-se grandes dilemas, pois necessitava-se preservar a vida humana, porém, por outro lado, o isolamento e as medidas adotadas sobre as suspensões das aulas presenciais poderiam comprometer o direito a uma educação de qualidade para os estudantes em todos os níveis de ensino e de todas as classes sociais.

Na tentativa de minimizar os possíveis danos causados ao processo de ensino e aprendizagem no decorrer desse período, que já se entende por vinte e quatro meses, as redes e instituições educativas adotaram novos mecanismos de ensino.

A exibição de aulas em canais abertos de televisão e a entrega de atividades escolares nos domicílios dos alunos, uso de aplicativos e plataformas digitais, redes sociais passaram ser fortes aliados para garantir o que preconiza o art. 205 da Constituição Federal de 1988, que diz: "a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

Hodges *et al* (2020), explicam que o trabalho educacional remoto requer paciência e ao mesmo tempo criatividade, pois, apesar de ser aplicado a distância, deve preconizar a transmissão em tempo real das aulas, promovendo constante contato entre educador e o estudante. A dificuldade dos pais em orientar as atividades escolares, considerando o nível de

escolaridade familiar, especialmente os pais dos alunos da rede pública, também se constitui um entrave nesse momento, a grande diferença está nos recursos disponíveis para os familiares e alunos.

É importante ressaltar, que o processo de escolarização dos estudantes de diferentes níveis será afetado por esse momento de latência. E ao retornar, especialmente aqueles que estão com as aulas remotas, precisarão dar conta de conteúdos que não foram aprendidos, gerando frustração e insatisfação a todos os envolvidos no processo.

Ainda nessa perspectiva, temos um outro grupo de excluídos que, embora não seja objeto de estudo deste artigo, não pode ser excluído. São os alunos que apresentam algum tipo de deficiência e que, além das questões já pontuadas acima, tem diversas dificuldades que podem comprometer diretamente o seu processo de aprendizagem.

#### Desafios das aulas remotas

A adequação ao modelo de ensino remoto, conforme já relatado no texto, tem sido desafiadora. Para os professores, estas dificuldades estão presentes desde o planejamento até a execução das atividades, contando severamente com decisões estratégicas por parte da gestão das escolas por todo o mundo.

Segundo Betto, Boff e Cortella (2018), o momento em que os indivíduos têm que viver reclusos devido à saúde ameaçada, remete a um novo tipo de convivência que traz alguns desafios e até perturbações em alguns casos. São eles: Adequar o aprendizado, que significa ter o foco na aprendizagem do que é mais importante, desenvolver as competências

socioemocionais previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reorganizar conteúdos de acordo com a nova realidade educacional, rever e adaptar objetivos.

Vale ressaltar a importância do desenvolvimento das competências socioemocionais previstas na BNCC para a formação do indivíduo enquanto cidadão integral, preparado para agir de forma responsável e ativa. São elas: Criatividade, Resiliência, Pensamento Crítico, Comunicação, Colaboração, Atenção Plena, Curiosidade, Coragem, entre outros.

Avaliar e criar estratégias de recuperação da aprendizagem dos alunos, disponibilizar meios tecnológicos e outros recursos de complementação da aprendizagem tem sido o lema da educação. Afinal, é preciso estabelecer metas de aprendizagem diferentes para crianças com níveis de aprendizado distintos.

O envolvimento da família nas aulas remotas proporciona transformações, no que se refere à atuação destes pais de maneira efetiva para que os filhos participem das aulas. Ferreira (2020), aponta que se deve considerar positivamente a participação efetiva dos pais na vida dos filhos, e que, além de possibilitar uma visibilidade maior às aulas remotas, promove algo que até o momento passava despercebido.

Como consequência da correria do dia a dia, a maioria destes pais não tinha familiaridade com esta modalidade de ensino, nem com a realidade do processo de ensino e aprendizagem de seus filhos. Enquanto acompanhavam as aulas remotas, foram associadas responsabilidades de cunho pedagógico a estes pais. Esta experiência oportunizou a empatia no que diz respeito à atuação do professor, ou seja, promoveu-se um olhar mais atento a importância do professor.

As práticas de educação remota cresceram a patamares espantosos no mundo todo por conta da pandemia da COVID-19 e se caracterizam por atividades mediadas através de plataformas digitais assíncronas e síncronas, com encontros frequentes durante a semana, seguindo o cronograma das atividades presenciais realizadas antes do distanciamento imposto pela pandemia.

Na educação remota, se predomina uma adaptação temporária das metodologias utilizadas no regime presencial, como as aulas, que são realizadas nos mesmos horários e os mesmos professores que são responsáveis pelas disciplinas presenciais.

Os professores estão customizando os materiais para a realização das atividades, como por exemplo: slides, vídeos, entre outros. Esses recursos ajudam os alunos na compreensão e participação das atividades. Entretanto, nem sempre a qualidade destes materiais atende aos objetivos desejados. A modalidade a distância é regida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (BRASIL, 1996) e suas portarias, o ensino remoto foi uma alternativa emergencial escolhida para o momento da pandemia.

As tecnologias, nas práticas de ensino presencial, são usadas para ampliar os espaços de interação para além das salas de aula físicas. Serve para estimular a aprendizagem por meio de plataformas digitais, para contribuir com o letramento digital, entre outros objetivos.

A sociedade globalizada é marcada por sua interdependência econômica, política e social. Atrelado a estes fatores, está a propagação das novas tecnologias da informação e da comunicação que possibilita que o mundo fique interdependente e cada vez mais conectado.

Os impactos da pandemia na educação afetam diretamente os índices educacionais do País. A exemplo: a evasão Escolar, que segundo uma pesquisa divulgada pela C6 bank/Data Folha, cerca de quatro milhões de Estudantes brasileiros, com idade entre 6 e 34 anos abandonaram a escola no ano de 2020. As taxas de abandono escolar, em virtude das aulas remotas é de 16,3% no ensino superior, 10,8% no ensino médio e 4,6% no ensino fundamental. Entre as causas relatadas, estão as dificuldades encontradas nas aulas remotas, bem como questões socioeconômicas, considerando que as classes mais baixas lideram estes índices.

Outro dado alarmante, é que a falta de internet contribuiu diretamente para que muitas crianças e jovens ficassem sem acesso as aulas no último ano. São 47 milhões de pessoas ainda não tem acesso à internet, segundo Comitê Gestor de Internet no Brasil.

De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a infância (UNICEF), entre os Estados Brasileiros que adotaram o ensino remoto, apenas 15% distribuíram dispositivos aos alunos e menos de 10% subsidiaram acesso à internet. A consequência disto é que cerca 3,7 milhões de alunos matriculados não tiveram oportunidade de estudar em casa. Para Santos (2020, p. 21),

A quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam. Acontece que tais assimetrias se tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a ele.

Os reflexos negativos da pandemia na Educação já começam a aparecer nas primeiras avaliações diagnósticas de desempenho dos estudantes

realizados pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Os números apontam que as aulas remotas provocaram um grande estrago nos indicadores de aprendizagem escolar. Através destas pesquisas, é possível expor os fatos e afirmar que o Brasil corre o risco de regredir em até duas décadas no acesso à educação.

#### Tecnologias para a educação remota

As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICS), diz respeito às máquinas e programas que geram o acesso ao conhecimento. Elas consistem no tratamento da informação, articulado com os processos de transmissão e de comunicação, que propiciam novas linguagens no espaço educacional, no qual a intencionalidade tem um significado ao que se refere sua potencialidade.

Dessa forma, de acordo com a perspectiva construtivista da aprendizagem, é possível então construir o conhecimento a partir do que já sabemos e do que somos capazes de fazer, utilizando os recursos das novas tecnologias.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), acredita que as TICS mais utilizadas na educação são as plataformas digitais, pois elas apresentam diversas funcionalidades, sendo a mais comum a distribuição do conteúdo.

Através delas, o professor consegue gerenciar o processo de ensino e aprendizagem, acompanhando a evolução e o desenvolvimento do aluno, de forma personalizada, podendo contribuir para o acesso universal a educação, a equidade, a qualidade de ensino e aprendizagem, o

desenvolvimento profissional de professores, bem como melhorar a gestão, a governança e a gestão educacional ao fornecer a combinação certa e organizada de políticas, tecnologias e capacidades no atual estado pandêmico que vivemos.

Na pandemia, os aparelhos móveis (smartphones, tablets etc.) estão transformando o modo pelo qual nós nos comunicamos, vivemos e aprendemos. No cenário educacional, as TICS são recursos que precisam estar inseridos no cotidiano escolar. Sua utilização, como ferramenta de ensino e como instrumento de apoio às matérias e aos conteúdos lecionados torna-se indispensável, pois estimula o desenvolvimento dos processos de ensino.

Os aparelhos móveis têm sido a TIC mais onipresente e bem-sucedida da história. Eles existem em grandes quantidades, até mesmo em lugares onde livros e escolas são escassos. Em menos de uma década, as tecnologias móveis se espalharam para os lugares mais longínquos do planeta e contribuem de forma significativa para a educação remota.

## **METODOLOGIA**

O trabalho de abordagem qualitativa foi desenvolvido a partir da revisão bibliográfica disponível nas plataformas digitais. A referida pesquisa versa sobre as dificuldades das aulas remotas no período da pandemia da COVID-19, a participação da família no processo de ensino e aprendizagem e o uso de novas tecnologias como instrumento mediador de ensino em virtude do distanciamento imposto pela pandemia do coronavírus. Esta metodologia oportuniza a identificação de tendências, recorrências e lacunas. Compreende-se que a pesquisa bibliográfica é:



[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Por fim, para a pesquisa de dados, utilizou-se principalmente o ambiente virtual, tendo como objetivo a busca de trabalhos na forma de artigos, livros, revistas, periódicos, sites confiáveis e outros, que tratassem da mesma temática abordada no presente artigo.

Considerando o cenário devastador da pandemia ocasionada pela COVID-19, superar as dificuldades e dar continuidade as aulas é um plano desafiador para todos os envolvidos no contexto escolar, porém é necessária a superação de todas as dificuldades para que novos caminhos sejam trilhados.

Espera-se que haja a implementação de ações educacionais em um futuro próximo, voltadas para o uso das tecnologias como principais aliadas no desenvolvimento. Alguns profissionais discordam dessa ideia, principalmente no que tange a alfabetização e os anos iniciais. Contudo, é possível afirmar que os desafios atuais estão sendo marcantes em todos os envolvidos e os impactos ainda não estão claros, porém, é sabido que já existem bons resultados e avanços no campo da educação.

A escola deve ser um lugar agradável, de alegria e bem-estar. Apesar das responsabilidades, o lúdico (jogos, brincadeiras, músicas etc) deve estar

sempre presente. O professor é uma figura fundamental, é o que está mais próximo fisicamente e emocionalmente da criança, é ele que ela irá recorrer ao sentir-se insegura ou desconfortável. Este, deve estar sempre atento ao comportamento dos seus alunos, bem como ao desempenho escolar, e se necessário, trabalhar junto à família e/ou encaminhar para profissionais que poderão ajudá-los.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o cenário devastador da pandemia ocasionada pela COVID-19, superar as dificuldades e dar continuidade as aulas é um plano desafiador para todos os envolvidos no contexto escolar, porém é necessária a superação de todas as dificuldades para que novos caminhos sejam trilhados.

Espera-se que haja a implementação de ações educacionais em um futuro próximo, voltadas para o uso das tecnologias como principais aliadas no desenvolvimento. Alguns profissionais discordam dessa ideia, principalmente no que tange a alfabetização e os anos iniciais. Contudo, é possível afirmar que os desafios atuais estão sendo marcantes em todos os envolvidos e os impactos ainda não estão claros, porém, é sabido que já existem bons resultados e avanços no campo da educação.

A escola deve ser um lugar agradável, de alegria e bem-estar. Apesar das responsabilidades, o lúdico (jogos, brincadeiras, músicas etc) deve estar sempre presente. O professor é uma figura fundamental, é o que está mais próximo fisicamente e emocionalmente da criança, é ele que ela irá recorrer ao sentir-se insegura ou desconfortável. Este, deve estar sempre atento ao

comportamento dos seus alunos, bem como ao desempenho escolar, e se necessário, trabalhar junto à família e/ou encaminhar para profissionais que poderão ajudá-los.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se propôs a compreender, ainda que sucintamente, como se organizam as representações sociais das famílias sobre suas dificuldades e estratégias utilizadas nas aulas remotas oferecidas aos seus filhos, em tempo de distanciamento social.

É sabido, que no primeiro trimestre de 2020, se iniciou no Brasil e na maioria dos países do mundo, o distanciamento social, como estratégia de combate ou disseminação do vírus da COVID-19.

Na conclusão deste estudo, as escolas no Brasil encontram-se retomando suas atividades presenciais, quase que em sua totalidade, tanto nas redes privadas como públicas. Hoje, as aulas remotas funcionam como um apoio e suplementam as aulas presenciais, vale ressaltar que elas já são defendidas como uma solução plausível por muitos.

A retomada das aulas presenciais, também se apresenta como um desafio para os educadores e para os estudantes de todo o País. O primeiro ponto a ser considerado é o momento de acolher os alunos, com todos os seus sentimentos.

A retomada das aulas presenciais não é visto como um retorno de férias, mas sim como um regresso de uma experiência, que pode ter deixado vários impactos negativos, não somente na aprendizagem, mas também no

desenvolvimento socioemocional causado pelo distanciamento social e escolar.

Neste primeiro momento, é imprescindível que os sentimentos sejam acolhidos e a maneira como isso será feita é primordial, pois muitos destes estudantes passaram por experiências de luto e estas perdas familiares precisam ser tratadas de maneira especial.

Ainda existe o medo da contaminação pelo coronavírus e a insegurança dos pais influenciam diretamente as crianças, portanto é necessário que haja um preparo emocional e sociais para lidar os com diferentes níveis de ansiedade, traumas, medos. Afinal, a criança trará uma bagagem extra que foi adquirida no período da pandemia da COVID-19.

A maneira adequada de acolher os estudantes neste retorno é ajudá-los a compreender os próprios sentimentos e emoções, através da conversa, seja individual ou em grupo, sempre zelando pela saúde e segurança de todos.

## REFERÊNCIAS

BETTO, F.; BOFF, L.; CORTELLA, M. S. **Felicidade Foi-se embora?**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2018.

BORTOLAZZO, S. F. Nascidos na era digital: outros sujeitos, outra geração. **Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE)**, v. 16, p. 2-13, 2012.

BRASIL. Governo Federal. **Decreto nº 10.282**, de 20 de março de 2020. Brasília. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=10282&ano=2020&ato=da6UTQU1EMZpWTd0f>.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394/96** de 20 de dezembro de 1996. LDB – Lei de Diretrizes e Bases. 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, de 05.10.1988**. Brasília, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm#:~:text=I%20%2D%20construir%20uma%20sociedade%20livre,quaisquer%20outras%20formas%20de%20discrimina%C3%A7%C3%A3o](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm#:~:text=I%20%2D%20construir%20uma%20sociedade%20livre,quaisquer%20outras%20formas%20de%20discrimina%C3%A7%C3%A3o).

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica para uso dos estudantes universitários**. In: Metodologia científica para uso dos estudantes universitários. 1973.

COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO, DE CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. **Repercussões da pandemia de Covid-19 no desenvolvimento infantil**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2020.

CNN BRASIL. **Pandemia aumenta evasão escolar, diz relatório UNICEF**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pandemia-aumenta-evasao-escolar-diz-relatorio-do-unicef/>.

FERREIRA, P. T. Uma Realidade das Escolas Particulares Perante a Pandemia da COVID-19. **Revista Gestão & Tecnologia**, Goiânia, v. 1, n. 30, p. 38-40, jan./jun. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes Necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, J. C. **Educação**: Pedagogia e Didática: O campo investigativo da pedagogia e da didática no Brasil: esboço histórico e buscas de identidade epistemológica e profissional. São Paulo: Cortez, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Educação e Coronavírus – Quais são os impactos da pandemia?** Sae Digital, 2022. Disponível em: <https://sae.digital/educacao-e-coronavirus/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

MINISTERIO DA SAÚDE. Governo Federal. 2022. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA**. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/coronavirus>.

SANTOS, B. S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

UNESCO. **Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura**. A UNESCO reúne organizações internacionais, sociedade civil e parceiros do setor privado em uma ampla coalizão para garantir a #Aprendizagem Nunca Para. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/unesco-reune-organizacoes-internacionais-sociedadecivil-e-parceiros-do-setor-privado-em-uma>.

VYGOTSKI, L. S. A formação social da mente. **Psicologia**, v. 153, p. V631, 1989.

XIAO, C.; LI, Y. Analysis on the Influence of the Epidemic on the Education in China. In: **2020 International conference on big data and informatization education (ICBDIE)**. IEEE, 2020. p. 143-147.

XINHUA NEWS AGENCY. **China Focus:** Schools start online courses as epidemic control postpones new semester. fev. 2022.



# 10

## INCLUSÃO DIGITAL NAS ECOLAS PÚBLICAS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

PAULO RICARDO DA ROCHA SOUZA  
ADRIANA MÔNICA DE OLIVEIRA  
ANDREZZA MARIA BATISTA DO N. TAVARES



## 10

# INCLUSÃO DIGITAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

**Paulo Ricardo da Rocha Souza<sup>22</sup> // Adriana Mônica de Oliveira<sup>23</sup> //**

**Andreza Maria Batista do Nascimento Tavares<sup>24</sup>**

## INTRODUÇÃO

O reflexo da atualidade em transparência ao lado da evolução digital e do atual cenário de globalização no mundo, nos envolve em um paralelo da importância do uso de tecnologias para o ensino e aprendizagem, ou seja, o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação — TIC, contribuiu para que se ocorrem mudanças na forma ao qual o mundo se comunica, e isto refletiu nas escolas, na identificação e apropriação de novas metodologias na sala de aula, seja elas com uso tecnológicos ou digitais, ou simplesmente apropriações investigativas do conhecimento.

Com isto podemos identificar a ocorrência de uma espécie de “revolução digital” que ocorreu com o advento das novas TICs, principalmente, com o uso de aparelhos tecnológicos, como o computador e os meios de comunicação global, como a “internet”, estes, que não apenas trouxeram

---

<sup>22</sup> Graduando em Pedagogia. E-mail: paulo.ricardo94@yahoo.com.

<sup>23</sup> Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail: amwag\_2301@outlook.com.

<sup>24</sup> Pós-doutora pela Universidade do Minho, em Portugal e pela UFPI, e-mail: andreza.tavares@ifrn.edu.br.

novas formas de colaborar para aquisição de informação, mas também mudaram profundamente a maneira como as pessoas pensam, atuam, se comunicam e trabalham, com novas maneiras de criar conhecimentos, educar e assimilar saberes. No Brasil, desde os anos 90 vem sendo implementado programas que possuem como intuito desenvolver a informática de forma colaborar educativamente nas escolas públicas.

Estas iniciativas serviram de base para a criação do Programa Nacional de Tecnologia Educacional — Proinfo, criado em 1997, que possui como finalidade promover “o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica”, onde coordenado pelo Ministério da Educação, o programa foi reformulado dez anos depois, no Plano de Desenvolvimento da Educação — PDE, do Governo Federal que funciona de forma descentralizada, por meio das coordenações estaduais do Proinfo e dos Núcleos de Tecnologia Educacional — NTE nos municípios atendidos.

Assim a elaboração deste trabalho se justifica, tendo em vista o atual momento educacional, onde as tecnologias digitais da educação e informação (TDCI’s) vem tomando um espaço bastante importante para a construção de conhecimentos, porém é evidente que ainda existe desafio e dificuldades da inclusão dessas tecnologias em sala de aula. Com base nesse pensamento de que a inclusão da tecnologia na escola pode ser uma dificuldade como também um desafio, o trabalho possui como problemática a seguinte pergunta: Quais as possibilidades e desafios encontrados na inserção da inclusão digital nas escolas públicas? bem como a questão que ainda estamos vivenciando no contexto da pandemia onde os recursos tecnológicos ficaram mais frequentes suas utilizações.

Desta forma este trabalho possui como finalidade demonstrar os âmbitos, a importância, as leis e diretrizes que cercam a inclusão digital na escola pública, do qual este trabalho está dividido da seguinte forma: Revisão da literatura, metodologias, resultados e discussão, considerações finais e referência.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

É nítido que a inclusão das tecnologias, teve seu início após a difusão da globalização da informação, onde o professor pode optar por utilizar uma forma diferente de conteúdo em suas aulas, sendo possível o uso de filmes, vídeos, músicas e até áudios, com o passar dos anos essa mesma globalização apresentou novas formas de conseguir informações de forma rápida e prática, na forma de celulares, computadores e principalmente da internet, isto que invade as atuais salas de aulas sendo até mesmo um fator de distração dos alunos ao utilizarem essas tecnologias de forma indevida.

Para isso o professor pode se adequar e buscar inserir em suas aulas as TDCI's, porém isto não é algo simples ou fácil, e demanda que o professor busque se atualizar e entender a melhor forma de utilizar essas tecnologias.

### **Inclusão digital**

O pensador suíço Perrenoud (2000) em sua obra intitulada "Dez competências para ensinar" enfatiza que a sociedade se transformou e mudou ao longo do tempo, e a escola como espaço catalisador de tanto de

formação social como de preparado para a vida também precisa acompanhar essas mudanças.

Talvez, esse seja o maior problema que enfrentamos quando traçamos um elo entre tecnologia digital e escola, é claro se consideramos que a forma de ensinar vem lentamente sendo transformada, pelo menos na rede pública de ensino, com a criação de leis e debates sobre a educação.

Vários fatores interferem diretamente para esse problema entre a tecnologia digital e a escola, desde a carência dos recursos tecnológicos no âmbito escolar, até a ausência de formação continuada que contemple o uso das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TDIC's) na prática docente, que cada vez mais encontra dificuldades em manter-se atualizado sobre essas tecnologias e mídias.

Dentre as competências para ensinar desenvolvidas por Perrenoud (2000), a que se envolve para as tecnologias é a oitava competência, que diz respeito a "utilização das novas tecnologias no ensino", considerando que a escola não pode ignorar o fato de que as crianças já nascem em um mundo cercado pela tecnologia, sendo inseridos ao mesmo cada vez mais jovens. Dessa forma é evidente que essas mesmas crianças não aceitam um modo de aprendizagem diferente, que não valoriza esse novo mundo. O autor ainda acrescenta:

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação (PERRENOUD, 2000, p. 128).

Formar em acordo com essa nova realidade é com toda certeza uma proposta desafiadora, principalmente quando consideramos que a maioria dos professores são de certa forma “novos nas mídias digitais”, e que não tiveram a instrução necessária durante o curso formador para usar efetivamente de a tecnologia em sala de aula e durante as suas aulas, sendo estas situações diferentes.

Nessa perspectiva, Gatti (2010) aponta em seus estudos sobre formação de professores e currículo das licenciaturas que “os saberes relacionados a tecnologias no ensino estão praticamente ausentes”.

Moran (2006) discorre que os docentes são diariamente desafiados a utilizar as tecnologias no ensino, e mesmo diante das dificuldades muitos se arriscam e tentam fazer da melhor forma possível para lecionar, mas a falta de hábito e de apropriação tecnológica acaba fazendo com que muitos professores mantenham uma postura de desconfiança, seguindo um manual e por vezes repetidoras. Alguns até tentam mudar essa postura ou o hábito de repetir a receita, mas não se sentem preparados para a utilização das tecnologias de forma segura, como podemos analisar nas palavras dos autores:

O fato é que as tecnologias digitais chegaram à escola e o desafio posto por elas é enorme, principalmente para os professores que necessitam de formação para conhecer melhor as características dessa cultura, que tem adentrado os espaços educativos e que muitas vezes ficam em desuso por falta de conhecimento necessário para o uso eficaz dos recursos tecnológicos disponíveis no contexto educativo (FRIZON *et al*, 2015, p. 10).



Moran (2006, p. 32) destaca que “é importante diversificar as formas de dar aula, de realizar atividades e de avaliar”. Os pensadores Santos e Santos (2017, p. 37), corroboram nessa mesma perspectiva quando afirmam que “mesmo o aluno sendo autônomo diante do processo de ensino e aprendizagem, a mediação é feita pelo professor.”

### **A inclusão digital nas escolas da rede pública: uma realidade para todos?**

Um fator preponderante para alavancar os processos educacionais ficou cada vez mais evidenciado com a chegada do mundo globalizado e as tecnologias trazidas e impostas por ele.

Antes a utilização dos meios tecnológicos eram vista como algo que atrapalhasse a rede de ensino, pois não se tinha uma política específica voltada para essa realidade, dessa forma ela era apenas utilizada como passa tempo e simples objeto de comunicação e sendo assim não se configurava como algo que incrementasse em lugares, como por exemplo, uma sala de aula, comumente víamos educadores retirando da circulação do ambiente escolar, os celulares utilizados por normalmente, jovens oriundos de melhores classes sociais, como forma de punição e para mostrar que aquele meio era improprio e inoportuno, sendo muitas vezes, devolvido apenas para os pais destes alunos.

Mas o avançado e aglutinador mundo globalizado, mostrou que tal processo tecnológico viria a melhorar as condições e favorecer sempre a melhoria do saber,

Segundo Area (2006, p. 153) afirma que:



Os recursos tecnológicos da era moderna podem ser considerados pelo professor como um facilitador da aprendizagem, a aquisição do conhecimento a partir das ferramentas tecnológicas. Nesse cenário da era digital, é interessante que professores percebam que o mundo evoluiu e que o jeito de fazer educação hoje não é o mesmo de outrora. Diante desta realidade, eles precisam trabalhar em conjunto com a tecnologia, contribuindo de forma significativa com o aprendizado dos alunos.

Uma das grandes dificuldades que ficou ainda mais evidenciada com a chegada dessa fase tecnológica na rede escolar foi o desnivelamento social existente dentro dos grupos sociais, bem como o despreparo dos professores que não estão adaptados e que em sua maioria não dispõe de cursos preparatórios com a finalidade de administrar e lecionar de forma específica diante dessas dificuldades adquiridas e descobertas nessa forma tão repentina.

Esses processos de educação mediados pelas políticas globalizadas ficaram ainda mais excludentes, quando da chegada da pandemia do novo corona-vírus, quando em meados de 2019 ouvia-se de forma muito superficial o perigo potencial de sua possível chegada em nossa realidade, muito se falava e pouco se efetivava para planejar e traçar ações que minimizassem a o problema que surgiria com sua chegada. Escola “perderam” um precioso tempo de se preparar e atualizar os conhecimentos para repasses de informações entre docentes e discentes.

Excludente, pois existe um imenso abismo quando nos referimos às tecnologias, isso é, não podemos dizer que as famílias mais tradicionais e menos favorecidas de conhecimentos, de recursos financeiros e que fixam suas moradias mais distantes dos grandes centros urbanos, tenham a

mesma acessibilidade aos meios digitais, até mesmo pela localização geográfica onde as redes digitais ainda não estão inseridas:

As tecnologias encontram-se tão incorporadas aos atuais modos de vida que quando nos defrontamos com menções à sociedade tecnológica quase que imediatamente somos remetidos ao computador, à Internet, aos robôs. Este mundo, entretanto, ainda é compartilhado por poucos e específicos segmentos da população (BRASIL, 2007, p. 3).

Observamos assim, que a facilidade e acesso às redes tecnológicas varia de lugares e regiões nas quais determinada parcela esteja inserida, outra grande dificuldade existente foi a partir do modelo de ensino híbrido adotado em meados de 2019, o qual fora motivado pelo avanço da pandemia da corona vírus, período esse em que os pais tiveram que se desdobrar com a finalidade de auxiliar a seus filhos e dependentes nos acessos à essas tecnologias oriundas dos processos de globalização.

De acordo com Araújo (2005, p. 23-24):

O valor da tecnologia na educação é derivado inteiramente da sua aplicação. Saber direcionar o uso da Internet na sala de aula deve ser uma atividade de responsabilidade, pois exige que o professor preze, dentro da perspectiva progressista, a construção do conhecimento, de modo a contemplar o desenvolvimento de habilidade cognitivas que instigam o aluno a refletir e compreender, conforme acessam, armazenam, manipulam e analisam as informações que sondam na Internet.

Enfatizando assim, a ideia do valor tecnológico para o ensino e reafirmamos a necessidade de uma melhor qualificação e formação continuada que deve ser oportunizada à equipe docente, para que estes possam melhor

utilizar os recursos necessários e disponíveis com a finalidade de repassar os conteúdos de forma inovadora e assistemática, variando de acordo com a realidade vivenciada naquela sala de aula com o intuito de aumentar a socialização e eliminar cada vez mais os espaços discrepantes existentes na sociedade, principalmente quando nos referimos a uma busca ativa por conhecimentos.

A pandemia da Covid-19 potencializou ainda mais a questão da necessidade da inclusão digital nas escolas, sendo assim Segundo Silva (2020, p.12):

[...] é importante observar que: A pandemia é um alerta para a criação, ampliação e consolidação das políticas de inclusão digital no cotidiano escolar; a valorização do aprendizado através de mídias; a aplicação de softwares educativos; o auxílio na aquisição de notebooks/computadores; a disponibilização de pen drives; o auxílio para contratação de pacote de dados/serviços de internet; a implementação de serviços de teleconferência; a criação de telecentros e de Centros Vocacionais Tecnológicos; a oferta de oficinas, treinamentos e cursos de qualificação/aperfeiçoamento para otimização do uso dos recursos tecnológicos etc.

Ficando claro tem que haver uma valorização das políticas de inclusão digital nas escolas.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa bibliográfica, mostra a forma de ensino tradicional em que o ensino era passado de forma mecanizada de professores para alunos que contrasta com a forma envolvente que os avanços naturais

trouxeram, importante frisar também que em determinado ponto esse processo foi forçado, tendo sido a única forma possível diante da chegada de crise sanitária, onde a alternativa cabível foi acompanhar os processos e inovações trazidos pela globalização, agindo de forma inevitável e trazendo todos envolvidos de forma harmônica ou não, ao mundo globalizado, proporcionando saberes em tempo real oriundos dos lugares mais longínquos.

De acordo com Teruya (2006, p. 94) "as ferramentas tecnológicas favorecem o acesso a coleta de informações, textos, mapas e que todo acesso rápido a informação contribui para melhorar o ensino". Alguns recursos tecnológicos como: plataformas de ensino, grupos de debate e videoaulas, passaram a ser utilizados com mais frequência nas escolas, ou simplesmente nos estudos em casa mesmo, com a finalidade de obtenção de melhores resultados na aquisição de um conhecimento satisfatório e também de forma crítica, favorecendo aos captadores de informações a constituírem-se e desenvolver cada vez mais o saber ativo,

Com isso foi utilizado neste trabalho o método de pesquisa bibliográfico, com enfoque qualitativo. No que se refere ao método bibliográfico, temos que neste tipo o pesquisador se serve das pesquisas já existentes para fundamentar seu trabalho, "utiliza-se de dados ou de categorias já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados". Severino (2007, p. 122).

Em ambos os casos se foi utilizado o enfoque de pesquisa qualitativo, segundo Triviños (1987):

(...) a pesquisa qualitativa tem suas raízes nas práticas desenvolvidas pelos antropólogos, primeiro e, em seguida, pelos sociólogos em seus estudos sobre a vida em

comunidades. Só posteriormente irrompeu na investigação educacional (TRIVIÑOS, 1987, p. 120)

Com isso teve-se o amparo necessário para a fundamentação de todo o trabalho.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso das tecnologias e recursos digitais não é apenas um simples modismo que foi trazido para facilitar o ensinar, é sim uma tendência inovadora com potencial aglutinador desde que seja tratado com a responsabilidade e sapiência que necessita, a forma de ensino e utilização de recurso formam um mix que fortalecem um leque de oportunidades para que tenhamos cada vez mais uma educação satisfatória com a finalidade de obtenção de conhecimentos de forma ativa, onde os alunado possa saber onde buscar suas informações e assim tornarem-se seres pensantes e críticos.

Trazendo para o contexto pandêmico da Covid-19 a qual nos deparamos com diversas situações faz-se necessário que a imprescindível inclusão digital e acesso a informação, de acordo Oliveira (2020), as principais dificuldades encontradas durante este período foram as faltas de habilidade por parte dos professores com o ensino remoto, onde a sua maioria não tinha competências suficientes para a utilização do método de aula online nem tampouco tempo de treinamento nas plataformas de ensino EAD, outro ponto pertinente a falta de acesso à internet dos estudantes, de aparelhos tecnológicos para as aulas e outros.

Os desafios são inúmeros e precisamos cada dia mais engajamento e cobrança de políticas públicas as quais viabilizem e priorizem o acesso à informação e atualização, fazendo com que seja maximizado o investimento no que diz respeito aos estudantes de baixa renda e desta forma promovendo condições suficientes de aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito além de um simples aparato tecnológico, o uso de aparelhos de mídia digital, tais como: televisão, DVD player, Datashow, computadores, aparelhos celulares e tantos outros estão a cada dia “invadindo” não só nossas atividades cotidianas, mas também o ambiente escolar.

Essa “invasão” surge em meio a uma disseminação de valores de comunicação permitindo que a cada instante o homem consiga estar conectado a uma cadeia de informação em tempo real possibilitando interagir, conhecer e aprender de forma colaborativa e integralizada.

Assim, ao buscar discutir nesta pesquisa sobre as potencialidades de ensinar e aprender através do uso das tecnologias digitais no cotidiano escolar, foi possível perceber que, mesmo com todos os desafios, essas tecnologias vêm sendo exploradas nos processos educacionais.

Diversos profissionais da educação já conseguiram inserir as tecnologias digitais em seu cotidiano, possibilitando a construção de processos de Ensino e aprendizagem mais dinâmicos e significativos.

É evidente que quando tratamos de falar sobre a conotação diversos, estamos também conotando aqueles que ainda sentem dificuldades ou não inseriram em suas aulas nenhum meio digital.

Assim é possível encontrar alguns professores resistentes à introdução das TICs em sala de aula, seja por não saber manuseá-las ou por não acreditarem nas vantagens que seu uso pode proporcionar às aprendizagens de seus alunos.

De qualquer forma com base nos textos lido são notórios os avanços que muitos professores têm obtido ao levar para dentro de seu planejamento metodologias inovadoras mediadas pelo digital em rede.

Por fim foi possível concluir que a inclusão digital nas escolas é uma necessidade que requer concretização. Para isso, não podemos ignorar a importância da formação de professores e das políticas públicas neste processo.



## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. S. Contribuições da Metodologia WebQuest no Processo de letramento dos alunos nas séries iniciais no Ensino Fundamental. In: MERCADO, L. P. L. (Org.). **Vivências com Aprendizagem na Internet**. Maceió: Edufal, 2005.

AREA, M. Vinte anos de políticas institucionais para incorporar as tecnologias da informação e comunicação no sistema escolar. In: SANCHO, J. (Org.). **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, 2007.

BRASIL. **MEC – Ministério da Educação; Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio**; Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2000. Disponível em: <http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2012/04/O-USO-DA-TECNOLOGIA-EMSALA-DE-AULA.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2022.

CARVALHO, R. **As Tecnologias No Cotidiano Escolar**: Possibilidades De Articular O Trabalho Pedagógico Aos Recursos Tecnológicos. Paraná, 2007.

COUTO JUNIOR, D. R. Mídias e educação infantil: desafios na prática pedagógica. *Informática na Educação. Teoria & prática*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 131-146, jul./dez. 2013.

FRIZON, V. et.al. A formação de professores e as tecnologias digitais. **Anais do XII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE**, 2015. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22806\\_11114.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22806_11114.pdf). Acesso em: 09 Fev. 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. (Apostila).

GATTI, B. A formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, vol. 31, núm. 113, p. 1355-1379. Centro de Estudos Educação e Sociedade: Campinas, 2010.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 12. ed. Campinas, SP: Papirus. 2006.

OLIVEIRA, K. K. S; SOUZA, R. A. C. Habilitadores da transformação digital em direção à Educação 4.0. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, V. 18, n. 1, julho, 2020.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Artmed, 2000.

PEÑA, M. L. D. J. Ambiente de aprendizagem virtual: O desafio à prática docente. In: **I Fórum de Educadores - Educador Virtual**. São Paulo: 2004. I Fórum de Educadores - Educador Virtual. São Paulo: SENAC, 2004.

SANTOS, W. L.; SANTOS, E. F. A docência no Ensino Superior e sua relação tecnológica na EAD. **Revista Rios**, Paulo Afonso: Fasete, 2017.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, D. S. V.; SOUSA, F. C. Direito à educação igualitária e(m) Tempos de pandemia: desafios, Possibilidades e perspectivas no Brasil. **RJLB**, Ano 6, nº 4, 2020. Disponível em: [https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2020/4/2020\\_04\\_0961\\_0979.pdf](https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2020/4/2020_04_0961_0979.pdf). Acesso em: 10 Mar. 2022.

TERUYA, T. K. **Trabalho e educação na era midiática**: um estudo sobre o mundo trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação. Maringá, PR: Eduem, 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANA, M. A. P. Internet na Educação: Novas formas de aprender, necessidades e competências no fazer pedagógico. In: MERCADO, L. P. L. (Org.) **Tendências na utilização das tecnologias da informação e comunicação na educação**. Maceió: EDUFAL, 2004.



11

## EVASÃO ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS: POSSÍVEIS CAUSAS

Renata Barbosa de Oliveira Silva<sup>25</sup> // Adriana Mônica Oliveira<sup>26</sup>

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda sobre a evasão escolar nos primeiros anos do ensino fundamental da rede pública de ensino. Devemos considerar que nos últimos anos este problema tem sido evidenciado pela pandemia da Covid-19, fazendo-se presente em diversas discussões e articulações no meio acadêmico. Desta forma este trabalho visa evidenciar os fatores pelos quais ocorre tão precocemente tais evasões escolares. Trazendo dados pertinentes do estado do Rio Grande do Norte.

A evasão escolar é um questionamento por se tratar de um problema muito efetivo em todas as escolas, considerando um alto número de alunos desistentes, por se tratar de uma temática complexa deve ser questionada em diversos aspectos e nos leva a repensar práticas, programas e projetos com baixo nível de eficiência sobre este problema, considerando que como este problema nesse nível de ensino tratam-se de crianças em idade de

---

<sup>25</sup> Graduanda em Pedagogia. E-mail: renatarodrigo125@gmail.com.

<sup>26</sup> Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail: amwag\_2301@outlook.com.

alfabetização e letramento que dependem integralmente da presença efetiva dos pais no ambiente escolar.

Acredita-se que seja de fundamental importância saber o que ocasiona tal fenômeno de evasão escolar, a partir da identificação das causas que contribuem para que os alunos abandonem os estudos de modo que a escola possa elaborar estratégias de enfrentamento à problemática da evasão escolar.

Assim este trabalho tem como objetivo apresentar as causas da evasão escolar, bem como quais as principais situações que influencia para o abandono da escola nos anos iniciais, pois o fenômeno da evasão preocupa a escola e seus representantes, ao perceberem baixa motivação dos alunos para estudar ou dificuldades frequentes de aprendizagem.

Os esforços desempenhados pela escola, na pessoa da direção, equipe pedagógica e professores para conseguir a frequência e aprovação dos alunos não asseguram a permanência deles na escola, muitos desistem.

Para isso a metodologia de pesquisa utilizada foi o levantamento bibliográfico com enfoque qualitativo.

Sendo assim este trabalho está dividido em introdução, referencial teórico, metodologia, resultados e discussão, considerações finais e referências.

## REVISÃO DE LITERATURA

É perceptível que a educação brasileira na sua atual conjuntura enfrenta grandes problemas, entre eles, a evasão e o abandono escolar que atinge todos os âmbitos educacionais e modalidades de ensino, com



destaque para a evasão na educação básica, que se configura como tema desse estudo.

### **Evasão escolar nos anos iniciais: o que versam os autores?**

A evasão escolar é um dos problemas relacionado à educação brasileira que tem tentado superar estas dificuldades com base na implementação de leis e deveres dos alunos e membros da comunidade escolar.

Nesse sentido os objetivos, metas e diretrizes estipuladas pela Constituição Federal de 1988, que determinam a universalização do ensino brasileiro e a “erradicação” do analfabetismo no país, ainda não se concretizaram, mesmo sendo a educação um direito garantido a todos e determinado em seu art. 6º.

A educação, ao lado de outros fatores, como: moradia, trabalho, lazer, saúde, entre outros, constitui um direito social (BRASIL, 1988), apesar de apresentar deficiências e desagregação entre as diferentes regiões do país.

Mesmo que seja um direito garantido em lei, definir corretamente o que seria a evasão escolar, segue sendo difícil, pois existe divergência de pensamentos por parte de alguns estudiosos do tema, o que causam uma falta de interpretação no significado destas palavras que não permitem definir exatamente “evasão e abandono escolar”.

A diversidade de conceituação atrapalha ainda no que se refere a quantificação precisa dos casos, dificultando o estudo das causas e dos princípios que podem levar a alternativas claras e objetivas para superação desse problema que perdura até hoje.



É possível entender estes termos de evasão e escola de forma separada e depois uni-los em uma compreensão total, assim o termo evasão, segundo Riffel e Malacarne (2010, p. 02) “é o ato de evadir-se, fugir, abandonar; sair, desistir; não permanecer em algum lugar”. Assim quando relacionado esse significado ao concuto de escolar, pode-se entender que seja a fuga ou abandono da escola em função da realização de outra atividade.

O projeto “A evasão na Unipampa – diagnosticando processos, acompanhando trajetórias e itinerários de formação”, da Universidade Federal do Pampa (JOSÉ, BROILO, ANDREOLI apud INEP1, 2010, p. 08), definem, a evasão:

Evasão escolar: i) O mesmo que deserção escolar. 1. Fenômeno que expressa o número de educandos de um grau de ensino ou de uma série escolar, que abandonam definitiva ou temporariamente a escola (México, 1969); ii) Pessoa que se afastou do Sistema de Ensino, por haver abandonado o estabelecimento, do qual era aluno frequente, sem solicitar transferência. Educandos que por razões financeiras de inadaptação, entre outras, não completaram um determinado período de formação.

Neste sentido a ideia de evasão escolar que se caracteriza como o fracasso escolar ou a desistência da mesma, vai sendo elaborada na medida em que a escola não atinge os seus propósitos e não alcança seus objetivos, onde destes o principal é conferir um ensino formador e inclusivo em qualquer âmbito, até mesmo a evasão escolar, assim é necessário entender os valores e leis que são contra a evasão escolar.

Segundo a forma da Lei nº 9394/96 na parte que consta para o Ensino Fundamental com a obrigatoriedade de “nove anos de duração”. Onde está obrigatoriedade se tornou um objetivo da escola a partir da Lei

nº10.172/2001, que aprovou o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001, p. 01).

Outra medida que devemos considerar é o que está presente na Lei 11.274 de 6 de fevereiro de 2006 que garante o Ensino Fundamental de nove anos de duração com a inclusão de crianças de seis anos de idade.

Quanto a estes valores e direitos de permanência na escola, o pensador Kramer (2006) em seu texto "A infância e sua Singularidade" que defende o ponto de vista de que os mesmos precisam ser assegurados, dando enfoque que o trabalho pedagógico e didático precisa considerar a singularidade das ações infantis e o direito às suas peculiaridades, como a brincadeira, à produção cultural e suas apropriações afetivas.

É preciso garantir que as crianças sejam atendidas em suas necessidades (a de aprender e a de brincar) que o trabalho seja planejado e acompanhado por adultos na Educação Infantil e no Ensino Fundamental e que saibamos, em ambos, ver, entender e lidar com as crianças, e não apenas como estudantes (KRAMER, 2006, p. 20).

Ferreira (2013, p. 04) vai além, quando afirma que:

O fracasso escolar e a conseqüente evasão denotam o próprio fracasso das relações sociais que se expressam na realidade desumana que se vivencia no cotidiano, no qual a distância formada pela teoria e a prática desafia a inteligência do indivíduo.

A relação entre evasão escolar e o fracasso escolar andam juntas, sendo uma conseqüência da outra.

## Levantamento dos aspectos da evasão escolar no estado do Rio Grande do Norte

No Rio Grande do Norte, alguns aspectos que contribuem para evasão escolar, são a estrutura familiar, a renda e a própria motivação para permanecer na escola, dentre estes aspectos é notório que a motivação é um dos problemas mais agravantes, visto que estando presente nos anos iniciais do ensino fundamental, pode significar o não desenvolvimento da vida acadêmica.

Como número excessivo de alunos nas salas de aula, falta de recursos pedagógicos ou tecnológicos que despertem o interesse dos alunos ou quando estes existem não são utilizados de forma correta pelo professor, fatores internos do aluno como problemas emocionais ou psicológicos, desestrutura familiar, as políticas de governo, o desemprego, a desnutrição, a dificuldade de absorção do conteúdo passado em sala de aula, conflitos com colegas, desentendimento com professores e também a repetência do ano letivo (SILVA, 2012, p. 20).

De acordo com Carneiro, Silva e Schneider (2007, p. 83), a motivação implica diretamente no desenvolvimento emocional e afetivo dos alunos, na socialização, nas interações humanas e, sobretudo, na aprendizagem.

Na educação escolar, nem sempre os alunos querem aprender. A obrigatoriedade da matrícula coloca-os nas salas de aula, eles tornam-se amigos de alguns de seus colegas e passam a querer ir à escola. Mas a busca do conhecimento tem sofrido ao longo da história da instituição social escolar certo desencanto que vem dar na dissolução do desejo de aprender e que não favorece o enigma (WACHOVICZ, 2009, p. 18).

Para Zenti (2000, p. 134) são muitos os problemas causados pela desmotivação, no entanto, acreditam-se que não existe uma receita mágica para fazer as aulas serem o foco de atenção das crianças. Porém, afirma que o professor com sensibilidade e energia talvez consiga enfrentar o desafio.

No que diz respeito ao abandono escolar no RN devido a renda familiar, é notório que esse aspecto é encontrado em todo o Brasil, pois muitas das famílias encontram-se em situação precária e acabam tendo seus filhos abandonando a escola, em vista do ganho de algum tipo de remuneração desde cedo, tendo até mesmo a petição de esmola como um desses casos de remuneração.

No aspecto da estrutura familiar, é evidente que em muitos casos a deterioração da família leva as crianças a desmotivação de frequentar a escola, novamente sendo um problema de motivação.

No contexto educacional, o que se observa é a falta de participação da família. É possível verificar que muitos pais chegam a sua casa após o trabalho e nem questionam os filhos sobre como foi seu dia na escola, se tem lição para fazer, ou seja, não cobram dos filhos o comprometimento em relação à tarefa escolar, acabam se ausentando deste papel. Os filhos por sua vez não dão valor ao aprendizado escolar, pois se não tem alguém que os cobre por isso não se sentem motivados para aprender.

Desde 2020, com o advento da pandemia causado pela covid-19, o padrão normal das aulas mudou, saindo da forma presencial e indo para o remoto, de forma a ter maior segurança na pandemia e não atrapalhar o aprendizado, porém devido as dificuldades em ter aparelhos tecnológico e até mesmo recursos de conectividade com a internet, alguns alunos

abandonaram a escola, como é possível notar no ano de 2021 segundo a matéria do site Tribuna do Norte (BRASIL, 2022, p. 01):

Segundo dados fornecidos pela pasta, os números de acompanhamento interno registram 5% de evasão no ano letivo de 2021, correspondendo a cerca de 11 mil alunos. No entanto, o secretário Getúlio Marques esclarece que o número real deve ser maior e será divulgado após conclusão do Censo Escolar anual, previsto para março de 2022.

Esse número de evasão escolar no Rio Grande do Norte, tende a aumentar quando pensamos que só foram pesquisados os alunos que se matricularam, se colocarmos em ideia os que nem chegaram a se matricular essa porcentagem subirá de forma significativa.

De qualquer forma, outro fator que influenciou foi a falta de acompanhamento dos pais nas atividades escolares das crianças, visto que essas deveriam ficar sentadas na frente de um aparelho de comunicação remoto e fazer atividades, que sem o acompanhamento dos pais, pode ter sido bastante defasado, culminando na falta de estímulo por parte dos alunos em fazer tais atividades.

### **Possíveis causas da evasão escolar nos anos iniciais**

Os teóricos discutem que a principal razão da evasão escolar se ad-  
vém em suma a maioria das vezes da avaliação proposta pela escola, para  
medir o grau de aprendizado dos alunos.

Este tipo de avaliação por vezes confronta o rendimento de um aluno  
com o outro, extinguindo a ideia de individualidade e pode muitas vezes  
não medir a evolução de cada um dos alunos, dentro de suas capacidades

singulares. Segundo Delval, “As exigências impostas pelo sistema educacional parecem prevalecer sobre as necessidades dos alunos” (DELVAL, 2006, p. 33).

Esse sistema de avaliação e de instituição de ensino não proporciona o grau de confiança no estudante. Ele não sendo reconhecido acaba por sentir-se impedido de alcançar sucesso nos estudos e de continuá-lo.

Os escritores José, Broilo e Andreoli (apud INEP1, 2010, p. 28) definem, assim, as causas da evasão escolar:

A Evasão escolar ocorre por motivos geralmente atribuídos às dificuldades financeiras, ao ingresso prematuro no mercado de trabalho, à troca de domicílio, à doença, à falta de interesse do aluno ou de seus responsáveis, às dificuldades de acesso à escola, aos problemas domésticos, à separação dos pais ou à reprovação do aluno (I GLOSED); iii) Sérgio G. Duarte caracteriza a evasão como uma expulsão escolar, porque a saída do aluno da escola não é um ato voluntário, mas uma imposição sofrida pelo estudante, em razão de condições adversas e hostis do meio (cf. DBE, 1986); iv) A grande maioria dos estudantes evadidos deixa a escola no segundo semestre por se considerar incapaz de passar de ano (Fontes em educação, O que é...? COMPED, 2001). Abandono escolar: Abandono de curso ao término de um ano letivo. Desistência de atividades escolares por parte do aluno. A desistência supõe afastamento do estabelecimento de ensino, não-atendimento às exigências de aproveitamento e de assiduidade e não solicitação de transferência para outro estabelecimento (cf. I GLOSED).

Isto não é apenas um presságio escolar, a família no que lhe concerne também reforça esta falta de confiança da criança e do adolescente, aceitando as dúvidas sobre a capacidade dos filhos e motivando as baixas avaliações apresentadas pela escola. Ao invés buscar estimular o indivíduo, a família termina por reforçar as afirmações da escola.

De qualquer forma, o problema não é a falta de vinculação às políticas públicas, a desestruturação familiar ou ainda as dificuldades de aprendizagem dos educandos, e sim a soma de vários fatores. Conforme o pensamento de Digiácomo (2005, p. 01):

A evasão escolar é um problema crônico em todo o Brasil, sendo muitas vezes passivamente assimilada e tolerada por escolas e sistemas de ensino, que chegam ao exercício de expedientes maquiadores ao admitirem a matrícula de um número mais elevado de alunos por turma do que o adequado, já contando com a 'desistência' de muitos ao longo do período letivo. Que pese a propaganda oficial sempre alardear um número expressivo de matrículas a cada início de ano letivo, em alguns casos chegando próximo aos 100% (cem por cento) do total de crianças e adolescentes em idade escolar, de antemão já se sabe que destes, uma significativa parcela não irá concluir seus estudos naquele período, em prejuízo direto à sua formação e, é claro, à sua vida, na medida em que os coloca em posição de desvantagem face os demais que não apresentam defasagem idade-série.

Reconhecer apenas um problema e tentar resolvê-lo não é a garantia de que a evasão irá diminuir ou acabar, é necessário olhar para o todo, ou seja, para o sistema de ensino e suas associações que fazem parte do dia a dia da mesma.

### **Políticas escolares para a garantia da permanência dos alunos na escola**

Na história da educação brasileira, as dificuldades de acesso e permanência na escola se repetem intensamente todos os anos, seja por questões de oportunidades de frequentar a escola, como também por questões oriundas à própria escola, sendo o currículo uma delas.



No processo de ensino e aprendizagem, os professores trabalham com estes alunos com conteúdo da escola regular, assim, o ato de aprender fica fora de contexto, não despertando interesse do aluno. É preciso trabalhar partindo da realidade, saberes e cultura do educando. Nesse sentido, Freire propõe:

[...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem a saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (FREIRE, 1997, p. 30).

A prática educativa em qualquer modalidade de ensino deve ser pautada na realidade do aluno e na preparação destes para a atual realidade, possuindo como base os conhecimentos construídos historicamente, para que a construção do saber seja consolidada de maneira crítica.

Para Freire (1997, p. 115), é preciso assumir a realidade concreta para transformá-la. Seu pensamento abre-se em uma nova dimensão na prática educativa. Como afirma:

Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura.

Por meio da reflexão, não só se pensa a respeito da vida cotidiana e de sua prática na atualidade, como também se desenvolve o discurso e linguagem crítica, de modo a promover mudanças.

É importante que os educandos e educadores se manifestem contra as injustiças econômicas, políticas e sociais na escola e na sociedade, proporcionando assim uma educação que centraliza o aluno e os conhecimentos (GIROUX, 1997).

Ao longo dos últimos anos o que se tem visto é o lançamento e a implementação de diversos programas de políticas públicas direcionadas para educação pública no Brasil.

Alguns autores discutem sobre o porquê da evasão escolar, entre eles, Cabral (2017) conclui que as razões da evasão escolar são diversas e vão desde a problemas familiares, problemas relacionados à baixa renda e ainda a falta de perspectiva relacionada ao mercado profissional, situações potencializadas pelo fato de a educação não fazer parte das prioridades políticas.

Conforme Diniz (2015) a evasão está entre os desafios da educação brasileira, com bastante incidência no ensino médio, cuja identificação é dificuldade elevada, tendo em vista a gama de fatores apontados como efetiva razão para o referido problema educacional.

São ações públicas de responsabilidade do Governo Federal, principalmente, através do Ministério da Educação, conforme demonstrado na Figura 01 a seguir:

**Figura 01** – Programas Públicos de enfrentamento à evasão escolar

Nome do Programa	Referência	Objetivo do Programa
Programa Caminhos da Escola	(BRASIL, 2019a)	Renovar e equipar a frota de veículos escolares.
Programa Saúde na Escola	(BRASIL, 2019b)	Oferecimento de serviços de saúde integrado com os registros escolares.
Saúde e Prevenção nas Escolas	(BRASIL, 2019c)	Inclusão de pautas de saúde pública (prevenção sexual) à aprendizagem escolar.
Programa Bolsa Família	(BRASIL, 2019d)	Incentivo financeiro para a permanência escolar por meio de transferência de renda.
Programa Nacional de Alimentação Escolar	(BRASIL, 2019e)	Investimentos na alimentação escolar e qualidade nutricional.
Programa Nacional do Livro Didático	(BRASIL, 2019f)	Oferecimento de livros didáticos gratuitos para os alunos.
Escola que Protege	(BRASIL, 2019g)	Defesa dos direitos das crianças e adolescentes contra a violência.
Programa Brasil Alfabetizado	(BRASIL, 2019h)	Elevação da escolaridade para jovens e adultos.
Programa Ensino Médio Inovador	(BRASIL, 2017)	Diversificação e incrementação interdisciplinar na base curricular.
Programa Mais Educação	(BRASIL, 2020)	Aumento da jornada escolar e diversificação do ensino.

**Fonte:** Silva (2020, p. 118)

Efetivamente, uma das razões relacionadas à evasão escolar apontada por alguns autores ao longo dos anos é a questão geográfica e a dimensão da oportunidade de estudar a oportunidade de trabalhar.

## METODOLOGIA

Como metodologia de pesquisa, foram escolhidos os métodos bibliográficos com enfoque em ambos os casos de enfoque qualitativo. O levantamento bibliográfico é caracterizado quando se faz uma pesquisa de materiais que possam colaborar com o entendimento do tema principal que está sendo pesquisa, conforme é explicado a seguir:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Na pesquisa bibliográfica, temos o enfoque qualitativo do qual Minayo (1994, p. 21 e 22), afirma que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis.

Essas são as bases que pesquisa, que forneceram os dados para subsidiar a construção deste trabalho.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitos são os motivos que levam os alunos dos anos iniciais ao abandono escolar dentre eles estão: A distância da sua residência a escola, onde na maioria dos casos não se tem acesso ao transporte escolar de forma regular, ou a inexistência do mesmo, a falta de um adulto para levar e buscar a criança na escola, responsabilidade de trabalhar na casa dos pais ou

responsáveis e por vezes até mesmo fora de casa, falta de interesse do ambiente escolar, além de proibições de frequentar a escola. Trazendo para o estado do Rio Grande do Norte os quais foram apontados dados no decorrer desta pesquisa ficou evidente que a baixa renda das famílias é um fator muito significativo.

Todavia o ensino fundamental seja obrigatório para todas as crianças e adolescentes com faixa etária de 6 a 14 anos de idade, o qual é responsabilidade do Estado e da família a garantia deste direito.

Ao identificar os fatores que contribuem e acarretam para a evasão escolar, deve ser entendido que é necessário se debruçar sobre eles, para que desta forma a escola reconheça e busque refletir sobre os diferentes motivos na busca de soluções viáveis para a superação do processo de evasão.

Para identificar os fatores que contribuem para a evasão escolar, temos que alguns destes podem estarem ligados a alguns fatores, como: o nível socioeconômico do aluno, onde este precisa ajudar na renda da família trabalhando; a escola, que muitas vezes, não cumpre seu papel de incluir o aluno, independente da sua classe social, pois esta não foi pensada para os pobres ou para alunos que moram em grandes distancias da mesma, em sua maioria; o próprio papel do professor também é outra causa, que muitas vezes desmotivados para educar, acabam desmotivando os alunos para aprender, além da falta de melhor qualificação profissional, disponibilizado à eles.

Diante disto detectar o problema deve ser a primeira iniciativa tomada, na busca de tentar resolver, considerando que deve ser dada uma

atenção redobrada aqueles alunos que já apresentam determinadas características que levam ao abandono escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou como tema central as causas da problemática da evasão escolar. Todas as informações obtidas no decorrer deste trabalho, permitiram concluir que existem alguns pontos críticos na educação brasileira que podem influenciar na evasão escolar nos anos iniciais.

Muitas são as causas que levam as crianças a evadir-se do meio escolar. As desigualdades sociais, distribuição de renda e deficiências no sistema educacional, são alguns dos motivos que levam o aluno evadido a deixar a escola para, então, se dedicar a demais atividades, que pelo aluno ainda ser uma criança, pode ser normalmente algum enlace ou dificuldade familiar como a dificuldade de acesso a escola ou os pais que não acompanham a criança.

Diante do exposto à evasão escolar é o ato de deixar de frequentar as aulas, ou seja, abandonar o ensino em decorrência de algum motivo. Sendo assim fica evidente que existe uma série de fatores que fazem com leve a criança ao abandono escolar, entretanto se faz necessário repensar as ações que a escola e comunidade escolar tomam diante de tal problema, o ambiente escolar deve ser repensado de modo para os tempos atuais, se faz necessário que a família também esteja integrada juntamente com a escola e parceiros na busca de tentar resgatar estes alunos.

De qualquer forma não basta apenas a escola trabalhar para recuperar esses alunos, mas, o governo deve investir em Políticas Públicas que

garantam melhor qualidade de vida das famílias menos favorecidas para que tenham mais acesso ao trabalho, renda, educação, saúde a fim de que possam garantir a seus filhos a oportunidade de permanecerem no meio escolar, buscando uma qualidade de vida maior e um futuro promissor, com maiores oportunidades de inserção no mercado de trabalho e maior e melhor qualidade de vida.

Portanto, deve-se buscar uma aliança com a sociedade, a família, os alunos e as instituições de ensino superior e técnico, para trabalhar em projetos e fazer com que esses alunos permaneçam o maior tempo possível na escola de forma a contribuir para aumentar suas chances de quebrar o ciclo da pobreza e aumentar as chances de inserção no mercado de trabalho e maior inclusão na sociedade.



## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 07 abr. 2022.
- BRASIL. Plano Nacional de Educação (PNE). **Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001**. Brasília: MEC, 2001.
- BRASIL. **EVASÃO** escolar afeta cerca de 11 mil alunos, **diz SEEC**, [S. l.], 9 jan. 2022. Disponível em: [http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/evasao-escolar-afeta-cerca-de-11-mil-alunos-diz SEEC:2020](http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/evasao-escolar-afeta-cerca-de-11-mil-alunos-diz-SEEC:2020). Acesso em: 4 abr. 2022.
- CABRAL, C. G. L. **Evasão Escolar**: O que a escola tem a ver com isso? Universidade do Sul de Santa Catarina. 2017.
- CARNEIRO E SILVA, J. B.; SCHNEIDER, E. J. Aspectos sócio-afetivos do processo de ensino e aprendizagem. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, Vol. 3 n. 11, jul.-dez., 2007. Disponível em: <http://www.scribd.com>. Acesso em: 01 abr. 2022.
- DELVAL, J. **Manifesto por uma escola cidadã**. Campinas: Papyrus, 2006.
- DINIZ, C. S. **Evasão escolar no ensino médio: causas intraescolares na visão dos alunos**. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local) - Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2015.
- DIGIÁCOMO, M. J. **Evasão escolar**: não basta comunicar e as mãos lavar. 2005. Disponível em: [www.mp.mg.gov.br](http://www.mp.mg.gov.br) . Acesso em: 07 fev. 2022.
- FERREIRA, F. A. **Fracasso e evasão escolar**. 2013. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/orientacao-escolar/fracasso-evasaoescolar.htm>. Acesso em: 07 fev. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. (Apostila).

JOSÉ, A. R.; BROILO, C. L.; ANDREOLI, G. S. **A evasão na Unipampa**: diagnosticando processos, acompanhando trajetórias e itinerários de formação. Universidade Federal do Pampa, 2010.

KRAMER, S. As Crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: Educação Infantil e Fundamental. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 27, n.96 – Especial, out. 2006.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

RIFFEL, S. M.; MALACARNE, V. **Evasão escolar no ensino médio**: o caso do Colégio Estadual Santo Agostinho no município de Palotina, PR, 2010.

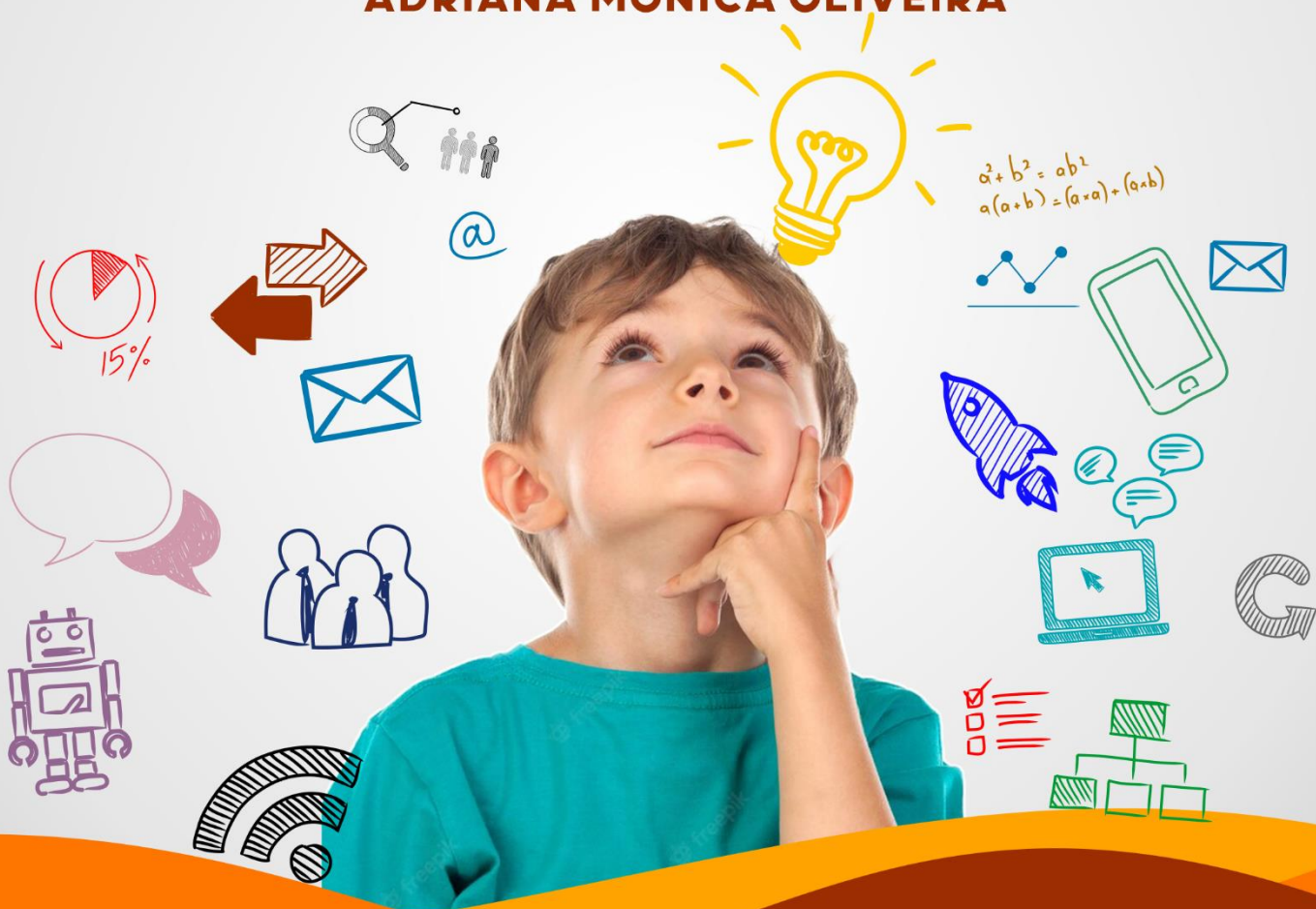
SILVA, D. N. **A Desmotivação do Professor em Sala de Aula, nas Escolas Públicas do Município de São José dos Campos - SP**. 2012. 52 f. Monografia (Especialização em Gestão Pública Municipal) – Educação à distância - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

WACHOWICZ, L. A. **Pedagogia mediadora**. Petrópolis, Vozes, 2009.

# 12

## A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O USO DOS RECURSOS NATURAIS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE TANGARÁ - RN

ROMÁRIO FELIPE DE HOLANDA  
ADRIANA MÔNICA OLIVEIRA



12

## A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O USO DOS RECURSOS NATURAIS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE TANGARÁ – RN

Romário Felipe de Holanda<sup>27</sup> // Adriana Mônica Oliveira<sup>28</sup>

### INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental e o uso dos recursos naturais nas escolas é um tema bastante relevante, contemporâneo e complexo, pois vivemos em uma sociedade onde os recursos naturais estão sendo consumidos a cada dia que passa com maior velocidade, por isso se é importante incorporar a Educação Ambiental, como instrumento pedagógico contínuo e permanente, ela nos dá à oportunidade de conhecermos a natureza para que se crie um verdadeiro laço de harmonia, pois é de lá que fazemos retirada do que precisamos para nossa própria sobrevivência, precisamos respeitar a natureza, visto que é muito importante para o desenvolvimento em todos os aspectos culturais, sociais e econômicos das comunidades.

O trabalho tem como objetivo analisar a Educação Ambiental no ensino fundamental das escolas públicas municipais de Tangará-RN, analisando o conhecimento dos alunos do Ensino Fundamental anos iniciais e finais, identificando possíveis falhas no que diz respeito ao uso dos recursos

---

<sup>27</sup> Graduando em Pedagogia. E-mail: romariotangara@yahoo.com.

<sup>28</sup> Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail: amwag\_2301@outlook.com.

naturais e orienta-los na adoção de medidas corretivas.

Toda ação que o ser humano executa acaba de alguma maneira causando modificações no meio ambiente, que podem ser elas boas ou ruins, por entenderem pouco sobre interdependências e relações entre indivíduos e os elementos da natureza que são uteis ao ser humano para a sua sobrevivência, acabam prejudicando mais do que ajudando as condições ambientais.

A Educação Ambiental é um instrumento que visa diminuir as guerras entre necessidades humanas e as condições de sustentação da natureza. Infelizmente a natureza tem recebido das pessoas ações produzidas pelas atividades humanas e sociais que tem a prejudicado ainda mais, a Educação Ambiental é a chave para acabar com essa destruição em nosso meio ambiente e transformar os seres humanos em pessoas que se importem com o meio ambiente, e que motivem outros a cuidar dele para que possamos ter melhores condições ambientais.

Hoje vivemos a difícil tarefa de mudar nossos hábitos de consumo que impactam diretamente nos recursos do planeta e encontrar o equilíbrio nas ações cotidianas, cuidar do meio ambiente é uma questão de sobrevivência, depende da decisão e da ação de cada pessoa, comunidade e da sociedade em geral, afirmamos que a educação ambiental é um agente formador de uma consciência ambiental, a partir do momento que se identifica a importância dos recursos naturais como elementos essenciais para a vida dos seres vivos e do meio em que vivem, e conscientizar a população quanto aos cuidados, prevenções e ações que devem ter em relação à gestão e sustentabilidade destes recursos.

Atualmente a Educação Ambiental é uma disciplina obrigatória em

todos os níveis da educação brasileira, porém não está inclusa no currículo do ensino fundamental e médio, ela aparece de forma interdisciplinar, ou seja, estabelece relação entre várias disciplinas, está incluso nas mais diversas disciplinas.

Grande parte da população tem como hábito o uso desgovernado dos recursos naturais, porém esse hábito tem que mudar, pois esse consumo está sempre em crescente e a renovação dos recursos não vem acompanhando a velocidade do consumo, pelo contrário vem diminuindo. Se não mudamos nossos pensamentos e hábitos em um futuro próximo haverá a escassez desses recursos.

Dentre tantos pontos da natureza que estão sendo atingidos pelas ações do homem não podemos deixar de destacar a água, recurso essencial para sobrevivência humana e manutenção de todos os seres vivos, a água é usada em diversas atividades, como, agrícolas, industriais e na produção de energia elétrica, devemos entender que somos totalmente dependentes desse elemento, atualmente o Brasil detém as maiores reservas de água potável do mundo, porém da forma que vem sendo tratada a natureza, esse elemento tende a se acabar, especialistas afirmam que as futuras guerras serão pela obtenção de água, nisso se mostra a total dependência que temos desta recurso.

Em sua estruturação o trabalho compreende as seguintes partes, além da introdução, temos a revisão de literatura, metodologias, resultados e discussão e considerações finais.



## REVISÃO DE LITERATURA

Em um mundo aonde a situação ambiental vem se agravando a cada dia que passa, a Educação Ambiental visa formar seres humanos melhores, os tornando críticos e reflexivos, para que possam tornar o mundo em lugar melhor mais justo e sustentável. Desse modo a escola vem a ser um lugar onde vai acontecer a construção de cidadãos comprometidos com uma nova racionalidade ambiental. Porém, apesar de existir uma mobilização crescente para que as escolas adiram uma dimensão ambiental nos seus projetos pedagógicos, nos currículos e nas aulas, ainda existem vários obstáculos e desafios devem ser superados.

Layrargues (1999) afirma que, com o aumento da população mundial, o crescimento das cidades e dos processos industriais, o consumo dos recursos naturais e a produção de resíduos também cresceram muito. Esses fatores fizeram com que a sociedade visse o meio ambiente como um objeto de uso para atender suas vontades e necessidades, sem se preocupar com o que poderia acontecer. Pouco tempo depois começaram a surgir consequências desse abuso desenfreado ao meio ambiente, com o surgimento dos problemas ambientais que afetam a qualidade de vida de todos. Não demorou muito para perceber que havia problemas entre a sociedade e o meio ambiente.

De acordo com Leff (1999), preocupada com essa situação, a sociedade se mobilizou e exigiu soluções e mudanças, diante disso surgiu o movimento ecológico, na década de 1960, onde uma das suas principais bandeiras foi a difusão da educação ambiental como instrumento de transformação na relação do homem com o meio ambiente. A Educação Ambiental



chega como resposta a preocupação da sociedade com o futuro do planeta, e sua principal proposta extinguir o conflito entre a natureza e o homem, através da construção de uma consciência ambiental na sociedade.

No Brasil a educação ambiental ganhou destaque com a publicação da Lei 9.795, de 27 de abril de 1999, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental e, por meio dela, foi estabelecida a obrigatoriedade da Educação Ambiental em todos os níveis do ensino formal da educação brasileira, a lei é um marco importante da história da educação ambiental no Brasil, pois foi resultado de várias discussões entre ambientalistas, educadores e governos (BRASIL, 1999, p. 1).

A prática da Educação Ambiental nos permite mudar o modo de pensar e agir sobre os problemas ambientais, isso envolve a mudança de comportamento das pessoas, como também, a atuação da escola como agente formador de cultura e de consciência ambiental de toda a comunidade (DIAS, 2000, p. 287).

A partir da mudança do comportamento dos indivíduos e da conscientização dos mesmos para essas questões, é necessário, também, envolver as mudanças nos currículos escolares para tornar a Educação Ambiental mais efetiva.

### **Recursos naturais**

Os recursos naturais são elementos presentes na natureza, que podem ser renováveis ou não renováveis, como, sol, os ventos, recursos biológicos e os recursos hídricos, que podem ser utilizados para as mais diversas necessidades humanas, que vai de alimentação, até a geração de energia,

porém a utilização desses recursos vem se dando de forma desgovernada, a velocidade de consumo está sendo bem maior do que a velocidade de renovação dos mesmos, isso está causando colapso na natureza, desses elementos um dos que vem mais sofrendo a influência humana são os recursos hídricos.

A água, elemento imprescindível para vida no planeta, está presente da forma sólida, líquida e gasosa, a importância da água para os seres vivos origina-se de suas propriedades físico-químicas que por resultam na sua estrutura molecular (KRAMER; BOYER, 1995, p. 237). De toda a água disponível no planeta apenas 2,7% é de água doce, essencial para consumo humano, e outra parte, 97,3% é de água salgada, imprópria para o consumo humano.

Entre os anos de 1970 e 1995 houve a diminuição de 37% do volume de água disponível no planeta. Cerca de 30% da população do mundo já sofre com a falta de água, e estima-se que em 30 anos esse total pode chegar a 70%, se não forem tomadas medidas de preservação. O Brasil possui entre 13 e 20% das reservas de água doce do planeta, porém também vem enfrentando graves problemas de escassez hídrica (SANTOS; IGLESIAS, 2001, p. 7).

A água potável utilizada pelos humanos vem de diversas fontes, rios, lagos, reservas subterrâneas e até do mar, após ser desaminizada, porém o acesso a ela está cada vez mais difícil, pois o homem vem contaminando essa pequena quantidade que existe disponível em nosso planeta. A água mal tratada ou desprotegida pode estar contaminada, a contaminação pela presença de microrganismos patogênicos ou por substâncias químicas podem causar doenças nos humanos (BATALHA, 1985, p. 101).

Água é fonte de vida, recurso natural de grande valor econômico, essencial à existência e ao bem estar do homem e à manutenção dos ecossistemas do planeta, a água é um bem comum a toda a humanidade. Não importa quem somos o que fazemos, onde vivemos, nós dependemos dela para viver. Por mais que todos saibam da importância da água, muitos continuam poluindo os rios e suas nascentes, lagos e represas, esquecendo o quanto ela é essencial para nossas vidas (AGENDA 21, 1992, p. 17).

## **METODOLOGIA**

O trabalho caracterizou-se por meio de pesquisas quali-quantitativas, bibliográficas e documentais, os dados foram obtidos através de questionários sobre Educação Ambiental e o uso dos recursos naturais no cotidiano de alunos do Ensino Fundamental das escolas públicas de Tangará/RN, pesquisas bibliográficas e documentais sobre os temas abordados.

O presente trabalho foi realizado em escolas municipais, do município de Tangará/ RN, a população pesquisada foi composta por alunos do Ensino Fundamental anos iniciais e Ensino Fundamental anos finais, de duas escolas, a escola Amélia Teodolina de Melo e a escola Doutor Manoel Alves Irmão, foram aplicados dois tipos de questionários, o questionário 1 (apêndice 1) foi aplicado aos alunos do Ensino Fundamental anos iniciais e o questionário 2 (apêndice 2) aos alunos do Ensino Fundamental anos finais.

Na escola Amélia Teodolina de Melo foi feito a análise dos alunos do Ensino Fundamental anos iniciais, a população pesquisada foi composta por alunos da 3º e 4º ano, a faixa etária dos alunos é de 8 a 9 anos, estando presentes 18 alunos. Em um primeiro momento foi dada uma aula sobre a

Educação Ambiental, onde foi abordada a importância da Educação Ambiental, a necessidade de ter consciência que nossas atitudes podem mudar nossos ecossistemas, vidas e futuros, frisando nossas responsabilidades com o meio ambiente. Falamos um pouco mais sobre os recursos naturais e suas utilizações, dando ênfase a água, e explanando sobre sua importância, qualidade, poluição, as atividades que levam ao seu desperdício.

Posterior à aula foi feito alguns questionamentos sobre os temas explanados, e como eram suas atitudes suas residências, o questionário 1 (apêndice 1) foi lido para os alunos, pois nem todos tinham total domínio da leitura, o questionário é composto de 8 questões com 3 opções de resposta, as questões foram sobre o uso da água.

Na escola Doutor Manoel Alves Irmão foi feita análise de alunos do Ensino Fundamental anos finais, a população pesquisada foi composta por alunos do 7º ano, com faixa etária entre 12 e 13 anos, a turma é composta por 36 alunos, desses foram selecionados 20 pela professora presente na sala de aula, o critério de escolha foi feito pela professora, o questionário 2 (apêndice 2) foi entregue aos alunos que responderam de forma individual cada questionário, o mesmo é composto por 17 questões, sendo 10 por questões discursivas e 7 objetivas, com duas opções, Sim ou Não.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram elaborados dois questionários, sendo o primeiro aplicado aos alunos do Ensino Fundamental anos iniciais e o segundo aplicado aos alunos do Ensino Fundamental anos finais.

A tabela 1 apresenta o questionário 1 (apêndice 1), composto de oito

perguntas e com três alternativas possíveis, aplicado aos alunos do Ensino Fundamental anos iniciais e suas respostas, onde pode se observar que as três primeiras questões todos optaram pela mesma resposta, a resposta correta, o que mostra que os alunos tem conhecimento sobre a importância da água e de sua preservação.

Nas questões seguintes as respostas ficaram divididas, o que identifica que embora eles tenham a consciência de fazer a coisa correta, nem todos aplicam esse conhecimento na prática, constatando que o desperdício de água ocorre na residência da maioria dos alunos da turma em estudo, percebendo a necessidade de medidas corretivas para minimizar esses desperdícios.

**Tabela 1** - Questionário aplicado aos alunos Ensino Fundamental anos iniciais

Questões	Alternativas		
1. A água é essencial para a vida das:	Rochas. (0)	Pessoas. (18)	Casas. (0)
2. A água que nós utilizamos deve ser:	Suja. (0)	Parada. (0)	Tratada. (18)
3. A água deve ser:	Poluída. (0)	Desperdiçada. (0)	Preservada. (18)
4. Ao escovar os dentes você deixa a torneira:	Fechada. (5)	Meia aberta. (9)	Aberta. (4)
5. Seu banho é:	Rápido. (7)	Demorado. (0)	Pouco demorado. (11)
6. Quantas vezes na semana lavam as	Nenhuma. (10)	Uma. (6)	Duas ou mais. (2)

calçadas de casa:			
7. Se lavam as calçadas, de onde vem essa água:	Torneira. (18)	Tanque/máquina. (0)	Chuva. (0)
8. Na sua casa a roupa é lavada?	Máquina de lavar. (9)	Lavanderia comum. (9)	Em outro local.

**Fonte:** elaborado pelos autores

O questionário 2 (apêndice 2), aplicado aos alunos do Ensino Fundamental anos finais, composto por 17 questões, sendo 10 discursivas e 7 objetivas, com duas alternativas possíveis, sim ou não, apresentado nas tabelas a seguir. A tabela 2 apresenta as questões discursivas do questionário, enquanto a tabela 3 apresenta as questões objetivas.

**Tabela 2** - Questionário aplicado aos alunos Ensino Fundamental anos finais

Questões	
1.	Para você, o que é meio ambiente?
2.	No seu entender, o que são problemas ambientais?
3.	De 5 exemplos de problemas ambientais?
4.	Quem são os responsáveis pelo surgimento de problemas ambientais?
5.	Quem são os responsáveis pela solução desses problemas?
6.	Como você acha que as pessoas podem colaborar para melhorar e/ou conservar o ambiente em que vivem?
7.	O que você tem feito para melhorar e/ou conservar o ambiente em que vive?
8.	No seu entender, o que é educação ambiental?
9.	A sua escola ou trabalho tem algum projeto voltado para educação ambiental? Qual?
10.	No seu entender, o que é coleta seletiva?

**Fonte:** elaborado pelos autores

Ao analisar as respostas aos questionamentos observasse que a turma tem um bom conhecimento do tema questionado, todos responderam de forma correta, alguns não utilizaram o conceito correto, porém utilizaram de ideias que dar a entender que sabem do assunto.

Vale destacar as questões sete e nove do questionário 2, a sétima questão indaga sobre, o que o aluno tem feito para melhorar e/ou conservar o ambiente em que vive, onde nove alunos responderam que plantaram árvores, oito que economizam água e apenas três responderam que não faziam nada, já nona questão indaga sobre, se a escola tem algum projeto voltado para educação ambiental e qual seria esse projeto, todos responderam que sim, que na sua escola houve um plantio de árvores a pouco tempo atrás.

A tabela 3 apresenta as questões de onze a dezessete do questionário aplicado aos alunos do Ensino Fundamental anos finais, as respostas mostram que poucos alunos realmente aplicam na prática o conhecimento adquirido.

**Tabela 3** - Questionário aplicado aos alunos Ensino Fundamental anos finais.

Questões	Alternativas	
11. Todo lixo pode ser reciclado?	Sim (7)	Não (13)
12. Você separa lixo orgânico do inorgânico?	Sim (0)	Não (20)
13. Você recicla o próprio lixo produzido?	Sim (0)	Não (20)
14. Na sua escola tem coleta seletiva?	Sim (20)	Não (0)
15. Você tem consciência dos danos causados pelo lixo?	Sim (20)	Não (0)



16. Deixou de adquirir um produto porque entende que ele prejudica o meio ambiente e a saúde humana?	Sim (6)	Não (14)
17. Já presenciou alguma agressão ao meio ambiente?	Sim (9)	Não (13)

**Fonte:** elaborado pelos autores

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou mostrar que os recursos naturais, em especial a água, é um dos bens mais preciosos a disposição do homem e precisa ser utilizado de forma racional, e que a Educação Ambiental é o caminho para aprendermos a forma correta de utilização desses recursos, visto que o objetivo da Educação Ambiental é fornecer orientações a humanidade sobre a forma consciente que devemos utilizar os recursos naturais.

Diante disso, se fez necessário fazer a análise das atividades realizadas pelos alunos do Ensino Fundamental das escolas municipais de Tangará-RN, em relação a Educação Ambiental e o uso dos recursos naturais, onde nos possibilitou conhecer melhor as suas percepções sobre o tema do trabalho, nos proporcionando entender que o tema vem sendo abordado nas escolas, que os alunos tem uma certa consciência ambiental, porém nem todos a praticam em seu cotidiano.

Portanto, recomendasse mais atividades práticas de Educação Ambiental nas escolas, pois é de suma importância o envolvimento da criança em atividades ambientais, pois isto o tornará um cidadão crítico e participativo nas questões ambientais. A educação ambiental é um tema que não deve ser visto apenas nas escolas, mas também deve ser vivido por toda a sociedade, só iremos alcançar resultados positivos se todos se unirem em bem

comum, escola, família e sociedade em geral.

## REFERÊNCIAS

AGENDA 21. Disponível em; <https://antigo.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/agenda-21-global.html>.

BATALHA, B. **A água que você bebe**. São Paulo: CTESB, 1985.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Recursos Hídricos.

### **Águas**

**subterrâneas**: Conceito, reservas, usos e mitos. Brasília: 1997.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Lei n. 9.795/1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

DIAS, G. **Educação ambiental, princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 2000.

KRAMER, P.J.; BOYER, W. **Relations of plants and soils**. New York: Ed. MacGraw-Hill, 1995.

LAYRARGUES, P. . P. "A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema gerador ou a atividade-fim da educação ambiental?" In: REIGOTA, M. (Org.). **Verde Cotidiano**: o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEFF, E. Educação ambiental e desenvolvimento sustentável. In: REIGOTA, M. (org.). **Verde Cotidiano**: o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SANTOS, F. A.; IGLESIAS, W. **Abastecimento de água**. São Paulo: Panorama Setorial, Gazeta Mercantil, 2001.

# 13

## DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR

SABRINA PAULINO DA COSTA  
ADRIANA MÔNICA OLIVEIRA



## 13 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR

Sabrina Paulino da Costa<sup>29</sup> // Adriana Mônica Oliveira<sup>30</sup>

### INTRODUÇÃO

Não é de hoje que a educação brasileira tem passado por vários desafios, diversas dificuldades foram enfrentadas ao longo da história da educação brasileira, merecendo destaque para as dificuldades de aprendizagem que vêm cada vez mais sendo apresentadas e diagnosticadas entre os alunos nas instituições de aprendizagem, outro ponto que também foi percebido, é a carência dos professores sobre a percepção dos mesmos terem conhecimentos e estratégias pedagógicas distintas que possa promover a inclusão e bem-estar dos alunos frente a cada tipo de dificuldade apresentada no ambiente de aprendizagem ou de ensino.

Assim este trabalho visa entender e apresentar os seguintes objetivos: identificar os tipos de dificuldades de aprendizagem no ambiente escolar e apresentar as estratégias utilizadas no processo de inclusão de crianças com dificuldades de aprendizagem.

---

<sup>29</sup> Graduanda em Pedagogia. E-mail: [sabrinapaulino401@gmail.com](mailto:sabrinapaulino401@gmail.com).

<sup>30</sup> Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail: [amwag\\_2301@outlook.com](mailto:amwag_2301@outlook.com).

Nesse sentido e visualizando estes objetivos, é notório que a importância da instituição de ensino para ajudar e desenvolver o aprendizado de alunos que apresentam alguma dificuldade neste âmbito, de forma que estas dificuldades devem ser diagnosticadas assim que apresentar sinais delas, para que, as elas tenham a oportunidade de serem diminuídas por profissionais e acompanhadas por tratamentos para desenvolverem situações amenzadoras na escola e nas séries em tempo contínuo.

Ainda assim, a implantação da educação inclusiva em escolas tem encontrado limites e dificuldades, que por vezes se encontram da falta de formação dos professores das classes regulares para atender às necessidades educacionais especiais, ou até mesmo na precariedade da infraestrutura das instituições e de condições materiais desgastados ou em falta para o trabalho didático junto a crianças com dificuldades de aprendizagem.

Pensando em cumprir com o objetivo deste trabalho o mesmo foi pensado conforme a seguinte estrutura: introdução, referencial teórico, metodologia de pesquisa, resultados e discussão e por fim as considerações finais e referências.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

O termo desenvolvimento é facilmente associado ao aumento ou crescimentos de estruturas físicas e orgânicas do indivíduo, porém esse termo é mais amplo, pois determina o processo ordenado e contínuo que principia com a própria vida e abrange todas as modificações comportamentais físicas e da estimulação variada do ambiente. Quando esse ambiente é a escola e o desenvolvimento é o aumento de conhecimento com o



passar do tempo, temos que as dificuldades de aprendizagem é uma realidade no que diz respeito ao ambiente escolar.

### **O processo do desenvolvimento na aprendizagem e as possíveis dificuldades**

A visibilidade das dificuldades encontradas nos ambientes escolares está diretamente associada ao termo “desenvolvimento” do qual, é facilmente associado ao aumento ou construção de estruturas motoras e orgânicas do indivíduo, ainda assim, podemos associar este termo a um sentido mais amplo, pois ele mesmo pode determinar um processo coordenado e contínuo que abrange todas as modificações e transformações comportamentais físicas incorporadas ao longo da vida de qualquer indivíduo, seja educacional ou social.

Já no que concerne ao sentido do termo “aprendizagem”, temos que este pode ser interpretado como o resultado da estimulação de um ambiente sobre um indivíduo qualquer, repassando os hábitos culturais de um ambiente ou os aspectos afetivos da sociedade e até mesmo propiciando a assimilação de valores culturais. Com isto é possível entender que a aprendizagem se refere a aspectos funcionais desenvolvidos por meio da estimulação recebida pelo indivíduo ao longo de sua vida (JOSÉ; COELHO, 1997 p. 11).

Ao mencionar a dificuldade no desenvolvimento da aprendizagem é possível entender onde os pensadores podem contribuir para um melhor entendimento destas dificuldades, que ao observamos os trabalhos produzidos pelos mesmos temos que muitos acreditam que a criança é um ser



ativo, pensante e atento. Ainda assim, citavam algumas diferenças com relação aos fatores externos e internos, onde o primeiro acreditava nos fatores biológicos, já o segundo entendia o desenvolvimento da criança ao ambiente social em que a mesma nasceu.

Conforme cita Guerra (2002, p. 92):

Vygotsky observa que a psicologia muito deve a Piaget, pois Piaget revolucionou o estudo da linguagem e do pensamento das crianças, desenvolvendo o método clínico de investigação das ideias infantis, concentrando-se nas características distintivas do pensamento das crianças, naquilo que elas têm, e não naquilo que lhes falta, utilizando uma abordagem positiva, demonstrando que a diferença entre o pensamento infantil e o pensamento adulto era mais qualitativa do que quantitativa.

Já o pensador Röhrs (2010, p.89) afirma sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento que:

A mente de uma criança certamente não está vazia de conhecimentos nem de ideias quando se inicia a educação dos seus sentidos; mas as imagens mantêm-se confusas, "à beira do abismo". [...] A criança começa a distinguir as propriedades dos objetos, a quantidade da qualidade; separa o que é forma do que é cor; distingue dimensões, segundo a sua predominância, em objetos compridos ou curtos, grossos e finos, grandes e pequenos. Separa-os em grupos, chamando-os pelo próprio nome: branco, verde, vermelho, azul, amarelo, violeta, preto, alaranjado; marrom, róseo. Distingue a cor em sua intensidade, dominando claro e escuro os seus extremos. O gosto é diferenciado do olfato, a beleza da feiura, os sons dos ruídos. Como aprendeu a pôr "cada coisa em seu lugar" no mundo exterior, assim também pode chegar, graças à educação dos seus sentidos, a estabelecer uma classificação fundamentada sobre essas imagens mentais.

Ainda assim, no desenvolvimento da aprendizagem as dificuldades podem surgir e acompanhar os alunos durante este processo, sendo por vezes muito difíceis de defini-las, pois formam um grupo heterogêneo, do qual podem ser categorizadas, como transitórios ou permanentes, de forma que podem ocorrer em qualquer momento no processo de ensino e aprendizagem, sendo por vezes correspondentes a algum déficit funcional superior como linguagem, percepção, raciocínio lógico, cognição, atenção e afetividade.

De forma que estas dificuldades possam ser superadas o processo de ensino aprendizagem deve envolver de forma ativa tanto os professores como os alunos em um desenvolvimento contínuo e juntos, de forma consciente, com a participação de uma gestão democrática.

### **Principais tipos de dificuldades de aprendizagem**

Para entendermos os principais tipos de dificuldades de aprendizagem, precisamos ter uma melhor compreensão dos diferentes tipos e áreas que podem representar essas dualidades, onde podemos fazer considerações de alguns termos que são definidos pela Organização Mundial da Saúde (1985) e que constam nos estudos desenvolvidos e levantados pelo autor Assumpção Jr. (2004, p. 66):

Deficiência: diz respeito a uma anomalia de estrutura ou a uma anomalia de aparência do corpo humano e do funcionamento de um órgão ou sistema, independentemente de sua causa, tratando-se, em princípio, de uma perturbação de tipo orgânico. Incapacidade: reflete as consequências de uma deficiência no âmbito do rendimento funcional e da atividade do indivíduo, representando, desse modo,

uma perturbação no plano pessoal. Handicap: refere-se às limitações experimentadas pelo indivíduo em virtude da deficiência e da incapacidade, refletindo-se, portanto, nas relações do indivíduo com o meio, bem como em sua adaptação ao mesmo.

De forma a elencar e podemos analisar os conceitos referentes às dificuldades de aprendizagem e seus tipos, vamos ter como referência os trabalhos do autor Garcia (1998), que conseguiu através de levantamentos clínicos de análise, apresentar de forma cronológica a evolução dos conceitos e tipos que forma surgindo de dificuldades de aprendizagem, o autor considera para seu estudo as perspectivas mundiais. Vejamos os que mais foram reconhecidos na área:

Uma dificuldade de aprendizagem refere-se a um retardamento, transtorno, ou desenvolvimento lento em um ou mais processos da fala, linguagem, leitura, escrita, aritmética ou outras áreas escolares, resultantes de um handicap causado por uma possível disfunção cerebral e/ou alteração emocional ou conduta. Não é o resultado de retardamento mental, de privação sensorial ou fatores culturais e instrucionais (GARCIA, 1998, p. 8).

Diante desse conceito a autora Moojen (2004, p. 101) define as dificuldades de aprendizagem em duas categorias de problemas: “os naturais (ou de percurso) e os problemas secundários a outras patologias”.

Para a primeira categoria, sendo esta os problemas naturais ou de percursos, podem ser entendidos como: “Em qualquer sala de aula, existem alunos que, por diferentes motivos, não acompanham seus pares, independentemente do nível de complexidade dos conteúdos ou da metodologia utilizada naquele contexto específico” (MOOJEN, 2004, p. 101).

A autora considera que as possíveis causas desse problema podem ser relacionadas a: Aspectos evolutivos (linguagem, psicomotor); inadequada metodologia escolar; padrões de exigência da escola; falta de assiduidade do aluno; conflitos familiares eventuais.

Para que ocorra a solução dessas dificuldades, Moojen (2004) considera ser suficiente um trabalho de cunho pedagógico complementar, não sendo necessárias outras formas de intervenções, como auxílio clínico ou demais possibilidades.

Já para as dificuldades secundárias e demais quadros diagnósticos a autora considera o seguinte:

As dificuldades de aprendizagem são consequência de outros quadros que podem ser bem detectados e que atuam primariamente sobre o desenvolvimento humano normal e secundariamente sobre as aprendizagens específicas (MOOJEN, 2004, p. 101).

A autora considera que estejam incluídas nessa categoria as pessoas com deficiência mental e/ou sensorial, com quadros neurológicos mais graves ou com transtornos emocionais significativos, que dependem além de um acompanhamento pedagógico, de um referencial clínico que possa auxiliar nas medidas e tomadas de decisão para a aprendizagem.

No que se refere aos transtornos de aprendizagem, para entendemos os seus tipos utilizaremos como referências os dois principais manuais internacionais de diagnósticos que são utilizados no Brasil, sendo eles: CID-10. Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas e o DSM-IV. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.

Dentro do CID-10 (1993, p. 5), o termo "Transtorno" é usado para indicar: "A existência de um conjunto de sintomas ou comportamentos clinicamente reconhecível associado, na maioria dos casos, a sofrimento e interferência com funções pessoais".

As classificações descritas nesses manuais não objetivam classificar pessoas e sim classificar os transtornos que as pessoas apresentam. Os manuais são divididos em lista de categorias, que são identificados por um código com letra e/ou número, estando o transtorno de aprendizagem identificado da seguinte forma:

#### CID -10 – Transtorno do desenvolvimento psicológico

- F81 Transtornos específicos do desenvolvimento das habilidades escolares (TEDHE)
  - F81.0 Transtorno específico de leitura
  - F81.1 Transtorno específico do soletrar
  - F81.2 Transtorno específico das habilidades aritméticas
  - F81.3 Transtorno misto das habilidades escolares
  - F.81.8 Outros transtornos do desenvolvimento das habilidades escolares
  - F81.9 Transtorno do desenvolvimento das habilidades escolares, não especificado.

DSM-IV-TR™ (Transtorno geralmente diagnosticado pela primeira vez na infância ou na adolescência)

- Transtorno de Aprendizagem
- 315.00 Transtorno da Leitura
- 315.1 Transtorno da Matemática
- 315.2 Transtorno da Expressão Escrita

- 315.9 Transtorno da Aprendizagem sem outra Especificação

Coll, Marchesi e Palacios (2004, p. 33) classifica as Das como:

- a) Condições intrínsecas da pessoa que apresenta as DAs (por exemplo, a herança, a disfunção cerebral mínima, ou os atrasos maturativos);
- b) Circunstâncias ambientais nas quais se dá o desenvolvimento e /ou aprendizagem (como por exemplo, ambientes familiares e educativos pobres, projetos instrucionais inadequados, etc...);
- c) uma combinação das anteriores em que as condições pessoais são influenciadas- de forma positiva ou negativa, conforme os casos- pelas circunstâncias ambientais.

Assim é possível situar as diferentes formas de conceber as DAs em um contínuo pessoa-ambiente, conforme se acentuam mais ou menos as variáveis pessoais ou as ambientais na origem da dificuldade (COLL; MARCHESI E PALACIOS, 2004)

É válido lembrar que esses tipos de transtornos são reconhecidos pela organização das nações unidas (ONU), o que credencia não apenas os diagnósticos, como também as nomenclaturas.

### **Dificuldades de aprendizagem no ambiente escolar: limites e possibilidades**

Dentro do cenário escolar existem muitas expectativas e entendimentos acerca do processo de desenvolvimento das crianças, por parte dos professores, da família, da escola e sociedade, onde cada uma dessas áreas possui um entendimento único sobre o desenvolvimento dos conhecimentos e aprendizagens de cada criança, e assim cada área possui um

entendimento sobre as dificuldades que cada pessoas possui na aprendizagem (GARCIA, 1998).

Muitas crianças dentro do processo de aprendizagem aprendem a ler e escrever sem grandes dificuldades, no entanto outros para obter sucesso precisarão de alguma ajuda especial. Assim o “fracasso” escolar nas séries iniciais tem sido algo preocupante e motivo de atenção de muitos estudiosos e profissionais que busca explicar tais fatores que tem interferido neste processo.

Como nos mostra Aquino (1997, p. 2):

“O aluno problema é tomado, em geral como aquele que padece de certos supostos “distúrbios” psicopedagógico, distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva (os tais distúrbios de aprendizagem) ou de natureza comportamental, e nessa última categoria enquadra- 12 se um grande conjunto de ações que chamamos usualmente de indisciplinados”. Dessa forma, a disciplina e o baixo aproveitamento dos alunos seriam como duas faces de uma mesma moeda, representando os dois principais obstáculos para o trabalho docente.

Durante a escola nos deparamos por diversas vezes com a dificuldade que alguns professores demonstram diante das dificuldades de aprendizagem, tomadas por uma inevitável sensação de não conseguir fazer algo, ou que em alguns momentos se deparam diante de um quadro desanimador.

Andrade (2003, p. 15) faz a seguinte afirmativa:

Qual o significado dos termos aluno com problema ou dificuldade de aprendizagem? São várias as possíveis respostas, várias as possíveis construções de significados acerca



dos termos, sem que uma seja mais verdadeira que outra. Assim, não podemos previamente acreditar que alunos são problemas ou que famílias são desajustadas, ou que professores são autoritários. Precisamos ver uns “quebra-cabeças”, as partes e o todo!

O termo dificuldades de aprendizagem tem sido discutido, estudado e mencionado em diversos estudos nos últimos anos. Com isso a escola e os pais devem buscar parcerias para conseguirem enfrentar o problema sem que um fique apenas atribuindo à culpa dessas dificuldades ao outro.

A criança quando inicia sua vida escolar, traz consigo conhecimentos obtidos de sua convivência familiar e social, ou seja, a criança ao adentrar no mundo escolar, já possui uma bagagem que vem de casa e de sua família, e a escola lhe mostrará caminhos para desenvolver suas aptidões, portanto o que acontece nessa etapa será decisivo para o resto de sua vida escolar.

Os autores Coll, Marchesi e Palacios (2004, p. 73) colocam a escola como agentes sociais educativos que procuram garantir aos alunos o acesso aos conteúdos que possibilitem sua aprendizagem, procurando desenvolver pessoas independentes, críticas, com uma boa autoestima, culturais, capazes de autocontrole e com habilidades sociais para conviver afetivamente com os outros.

Além disso é na escola que as crianças conseguem desenvolver a linguagem que lhe permitirá comunicar-se, expressar seus sentimentos, explicar suas reações, a dirigir e organizar seu pensamento.

Segundo Fonseca (1995, p. 131):

A noção de motivação está também intimamente ligada à noção de aprendizagem. A estimulação e a atividade em si não garantem que a aprendizagem se opere. Para aprender

é necessário estar-se motivado e interessado. A ocorrência da aprendizagem depende não só do estímulo apropriado, como também de alguma condição interior própria do organismo.

Inicialmente, o veículo linguístico será a língua oral, mais tarde, a aprendizagem da leitura e escrita irá ampliar-se de forma que isso enriquecerá a própria linguagem oral. Com isso ao professor cabe a tarefa de detectar alguns problemas que aparecem e se desenvolvem na sala de aula, além de investigar de forma mais ampla as causas, que abrange os fatores orgânicos, neurológicos, mentais, psicológicos adicionados à problemas ambientais em que a criança vive.

Sendo assim, todo o trabalho que o professor desenvolve no cotidiano da sala de aula demonstra algum saber pedagógico possuído por ele, ou adquirido em sua formação inicial ou em torno de seu espaço de trabalho: a escola. Este último representa boa parte de conhecimento que vai se consolidando com a prática em seu cotidiano (SILVA, 2006, p. 30).

O professor necessita ser o mediador da aprendizagem e do conhecimento, pois ele tem um papel muito importante e fundamental no crescimento da criança, mediando e propondo situações que sejam positivas para uma boa qualidade de ensino e para o crescimento crítico do mesmo.

O autor Abreu (2000, 2001, p.18) chama atenção para o papel do professor como um mediador.

A atuação do professor que busca apoiar efetivamente seus alunos exige uma atividade de acolhimento, tanto nos aspectos estritamente didáticos quando nos de relação interpessoal. [...] esse acolhimento do campo da didática –

para propor e apoiar seus alunos nas situações de aprendizagens relativas às áreas de conhecimento escolar – e também de conhecimento sobre mecanismo sociológicos, culturais e psicológicos que estão envolvidos no “desejo de saber e na decisão de aprender” para subsidiar a reflexão sobre as representações pessoais que faz dos alunos e a forma que se relaciona com eles.

Conforme desenvolve Antunes (2008, p. 23):

Um verdadeiro mestre usa a sala de aula, mas sabe que seus alunos aprendem dentro e fora da mesma e, dessa forma, quando a esse espaço se restringe faz do mesmo um elo estimulador de desafios, interrogações, proposições e ideias que seus alunos, em outros espaços, buscarão. Uma aula de verdade não se confina à sala de aula e os saberes na mesma, provocados representam desafios para que os alunos os contextualizem na vida que vivem. Professores adoram salas de aula, pois, confinados em espaço restrito, não contam com a crítica de quem analisa sua repetitiva conduta.

Uma pessoa não consegue aprender sem outra, é necessário que exista a socialização e a comunicação, onde o professor é essencial neste processo através de sua postura ética e observadora.

Tal postura do educador facilitará o encaminhamento da criança a um especialista, que além de tratar de dificuldade da criança poderá orientar melhor o professor a lidar com este aluno em salas normais ou, se necessário o encaminhamento para salas especiais para um tratamento adequado da dificuldade detectada.

A característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação

social na sociedade, papel que cumpre fornecendo as condições e os meios (conhecimentos, métodos, organização do ensino) que garantam o encontro do aluno com as matérias de estudo. Para isso, planeja, desenvolve suas aulas e avalia o processo de ensino (LIBÂNEO, 2008, p. 15).

Dessa forma e com o intuito de diagnosticar a dificuldade de aprendizagem, é importante que o professor conheça as manifestações do pensamento infantil, para identificar o estágio que o aluno se encontra e ter uma noção bastante clara do que é uma dificuldade normal, problemático e anormal (ou patológico).

O problema de aprendizagem pode ser considerado como um sintoma, no sentido de que o não aprender não configura um quadro permanente, a maneira a intensidade com que se apresentam, e a duração torna difícil para o professor diferenciar um problema de aprendizagem de um distúrbio, ficando par um especialista na área a tarefa de diferenciar uma da outra (JOSÉ; COELHO, 1997, p. 17).

É importante ressaltar que quando o ato de aprender se apresenta como problemático, é preciso uma avaliação minuciosa de uma profissional da área e que entenda o que está ocorrendo, pois o aluno é um ser social com cultura, linguagem e valores.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa desenvolvida nesse trabalho possui como natureza qualitativa, realizada com base em um levantamento bibliográfico, através de uma pesquisa em bancos de dados, artigos e teses por intermédio da

“internet”, buscando entender o que dificulta o processo de aprendizagem dentro ensino das escolas e instituições de aprendizagem do Brasil.

O levantamento bibliográfico ou levantamento de referências teóricas, naturalmente se caracteriza quando se faz uma pesquisa de materiais que possam colaborar com o entendimento do tema principal que está sendo pesquisa, conforme temos a seguir:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Ao se utilizar da pesquisa qualitativa, é possível trabalhar com os pensamentos e citações dos envolvidos no estudo permitindo um contato maior com a realidade.

Para Minayo (1994, p. 21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis.

Com isto e por intermeio dessa pesquisa, procurou-se compreender a temática, desse estudo, para um maior conhecimento acerca do ensino e aprendizagem no ensino, e analisar os fatores sociais, e culturais que afetam o processo de desenvolvimento dos alunos e quais são as possibilidades existentes na educação de superar tais dificuldades.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As crianças que apresentam algum tipo de dificuldade, precisa se sentir segura no ambiente em que ocorre a aprendizagem, pois desta forma ela terá uma maior confiança em se expressar e em exercer suas atividades, estas inclusive que devem ser interessantes e estimulantes aos alunos.

É importante também que as atividades sejam feitas de forma cooperativa e colaborativa, permitindo uma interação social e a criação de novos vínculos afetivos, possibilitando que os colegas se ajudem mutuamente a entender melhor a tarefa e atividades e a despertar algum interesse em relação a mesma, pois é nítido que quando um discente consegue desenvolver bem uma atividade e recebe o reconhecimento do seu trabalho, abre-se um novo caminho para uma maior dedicação a outras tarefas, pois quando um aluno percebe que o professor confia nele, as hipóteses de desenvolvimento perante o aprendizado aumentam.

A partir disso que foi falado até aqui temos que o educador deverá ensinar a pensar, onde seus alunos devem entender o significado das atividades escolares, facilitando quando possível que o aluno compreenda o quê e o para que aquela atividade está sendo desenvolvida, assim como deixar exposto os critérios de avaliação que o aluno está sendo submetido, ou seja,

o aluno precisa saber o que o professor espera dele diante de cada atividade proposta, onde cada uma dessas deve favorecer a participação e a autonomia dos alunos, dando-lhe a oportunidade de participar de sua vida escolar e ser um agente do conhecimento e de seu desenvolvimento escolar.

Outro resultado importante é entender que a observação da criança em época escolar não pode ser vista como vaga e imprecisa, sendo necessário que a escola reúna dados dos alunos desde a sua entrada até sua saída de instituição.

Esses registros das observações são a parte de um todo que compõe um relato que acompanha a vida da criança mostrando sua evolução, os problemas que surgem na vida escolar e como superar algumas dessas dificuldades durante o período de estudo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi possível ainda através deste trabalho concluir que a criança com dificuldade de aprendizagem precisa de um maior apoio, mais atenção e observação, sendo o professor o responsável por quem vai mediar a aprendizagem e as interações com outros colegas.

Não basta simplesmente ensinar ou estar à frente da sala de aula, falando e fazendo com que os alunos engulam as informações e não possam debater e expor as suas opiniões, ansiedades e dúvidas. O verdadeiro educador se encontra naquele que motiva o aluno a procurar informações e ser pesquisador em constante aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem quando não são tratadas adequadamente podem comprometer a vida escolar da criança. Com isso é



essencial a participação da família no sentido de identificar o que está ocasionando a dificuldade, principalmente os responsáveis pela criança, pois os mesmos podem e devem ajudar o professor a auxiliar o aluno, juntamente com um profissional, que irão procurar estratégias que possam direcionar o aluno para uma aprendizagem eficaz e de qualidade.

A criança que apresenta algum tipo de dificuldade, precisa se sentir segura no ambiente em que se desenvolve a aprendizagem e o ensino, pois assim ela terá uma maior confiança em se expressar e expor suas dificuldades.

Outro ponto que foi possível entender após a pesquisa, é que o aluno precisa de atividades que sejam de seu interesse, é importante também que essas atividades sejam feitas de forma cooperativa ou colaborativa, de qualquer forma que permita uma interação social ou em grupo, assim possibilitando que seus colegas ajudem a entender melhor a tarefa e despertar algum interesse em relação a ela de forma a produzi-la, pois quando um aluno consegue desenvolver bem uma atividade proposta pelo professor e recebe o apoio e reconhecimento do seu trabalho, temos que um novo caminho é aberto para uma maior dedicação e empenho, isso ocorre quando um aluno percebe que o seu trabalho é feito por mérito e tem-se um reconhecimento em cima disso, o que aumenta as chances de desenvolvimento e diminui a dificuldade no aprendizado no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

ABDA, Associação brasileira de Déficit de Atenção. **HomePage**. 2016. Disponível em: <http://www.tdah.org.br/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

ABREU, A. R. Acolhimento: uma condição para a aprendizagem. **Pátio**, Porto Alegre, n. 15, p. 17-21, nov. 2000, jan 2001. Artmed, 2005.

AQUINO, J. G. **ERRO e fracasso na escola alternativa e práticas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.

ANDRADE, E. G. C. Família, escola e a dificuldade de aprendizagem: intervindo sistematicamente. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas V. 7. N. 2 p.171- 178, dez 2003.

ASSUMPÇÃO JR. F. B. Deficiência Mental. In: BASSOLS, A. M. S. et al (orgs). **Saúde Mental na Escola: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

ANTUNES, C. **Professores e professores**: reflexões sobre a aula e prática pedagógica diversas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CID-10. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DSM-IV-TR™. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. (Apostila).

FONSECA, V. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GARCIA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem**: Linguagem, leitura, escrita e Matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GUERRA, L. B. **A criança com Dificuldades de Aprendizagem**: Considerações sobre a teoria modos de fazer. Rio de Janeiro: Enelivros, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**: Coleção magistério, série formação do professor. São Paulo: Cortez, 2008.

JOSÉ, E. A.; COELHO, M. T. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1997.

GARCIA, J. **Manual de Dificuldades de Aprendizagem**: linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte**: o desafio da pesquisa social. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOOJEN, S. M. P. Caracterizando os Transtornos de Aprendizagem. In: BASSOLS, A. M. S. et al (orgs). **Saúde Mental na Escola**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Mediação, 2004.

RÖHRS, H. **Maria Montessori**. Recife: Massangana, 2010.

SILVA, R. C. F. **A dialética do prazer na profissão docente**. Dissertação (Mestrado em Educação defendida. Três Corações: UNINCOR, 2006.

# 14

## O IMPACTO DA PANDEMIA NOS ANOS INICIAIS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

SINAIA PEREIRA DA SILVA  
ADRIANA MÔNICA OLIVEIRA



14

## O IMPACTO DA PANDEMIA NOS ANOS INICIAIS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Sinaia Pereira da Silva<sup>31</sup> // Adriana Mônica Oliveira<sup>32</sup>

### INTRODUÇÃO

Considerando que a alfabetização nos anos iniciais é em primeiro momento o ciclo educacional mais afetado em função do quadro causado pela pandemia, este trabalho busca de maneira sucinta relatar diversas situações que dificultam o processo de ensino e aprendizagem dos alunos nesse ciclo de alfabetização, visa também contribuir para a alfabetização integral que pode ser descrita especificamente à aprendizagem e domínio do código alfabético.

O processo de alfabetização compreende elementos importantes que refletem direta ou indiretamente na aprendizagem das crianças. É a partir da prática pedagógica que elas apoiarão suas aprendizagens e é, também, por meio dela que os aprendizes são inseridos na cultura escrita que os rodeia. As crianças devem brincar na educação, mas também precisam ter contatos sistemáticos com leitura e escrita.

---

<sup>31</sup> Graduanda em Pedagogia. E-mail: sinaiapereira850@gmail.com.

<sup>32</sup> Graduada em Pedagogia. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail: amwag\_2301@outlook.com.

A isso intitulamos alfabetizar em um contexto amplo, diferente de fazer exercícios de coordenação motora, aprender letras isoladas, copiar sílabas ou palavras mais “fáceis”. Formalmente, o processo de alfabetização deve começar na 1.ª série do fundamental, por volta dos 6 anos. Assim este trabalho possui como principal objetivo apresentar as dificuldades e as possibilidades que surgiram durante o momento de pandemia no ensino dos anos iniciais do ensino fundamental.

A principal motivação para a escolha do tema se deu, devido ao momento em no cenário pandêmico e após a experiência vivida no estágio da educação infantil, onde foi possível perceber a dificuldade do ensino remoto para crianças e como avaliação da aprendizagem foi difícil de realizar. A metodologia empregada neste trabalho, visando o cumprimento do objetivo geral, foi de natureza bibliográfica com foco qualitativo, tendo principalmente como campo de pesquisa, os sites e materiais encontrados na internet, como: artigos e documentos.

O trabalho aqui descrito possui uma estrutura dividida da seguinte forma: Revisão da literatura, onde este tópico contempla o histórico da pandemia Covid-19 no Brasil, alfabetização e letramento: diálogos entre os autores, impactos da pandemia sobre os processos de ensino e de aprendizagem, práticas pedagógicas para alfabetizar em tempos de pandemia: desafios e possibilidades em seguida as metodologias utilizadas na pesquisa, resultados e discursão, considerações finais e referências utilizadas.



## REVISÃO DE LITERATURA

A alfabetização e o letramento são processos importantes para o aprendizado e ensino na educação, principalmente devido a este momento influenciar na trajetória acadêmica de qualquer indivíduo, com isso, esses temas de ensino são grandes influentes na vida das crianças. Com o atual cenário de pandemia que se instaurou com o coronavírus temos que esse ponto de grande importância no ensino foi impactado, pois, as aulas passaram a serem remotas e além da dificuldade em se acostumar com esse novo momento, houve também a dificuldade em letrar e alfabetizar durante esse período.

### Histórico da pandemia covid-19 no Brasil

As pandemias ocorridas no passado no mundo todo deixaram marcas na sociedade e causaram muitas transformações, tendo como exemplo a peste negra, a gripe espanhola e outras que deixaram como legado os programas de imunização (Muniz, 2011). Neste sentido a mesma trajetória vem sendo seguida pela pandemia do COVID-19, que de acordo com o ministério da saúde registrou 210.147.125 casos no Brasil e 654.945 óbitos até o dia 16 de março de 2022 (como apontado no quadro abaixo), no mundo todo o número de infectados passa de 457 milhões.



**Figura 01** - Número de casos e óbitos da Covid-19 no Brasil



**Fonte:** [https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html).

A pandemia da Covid-19 possui como diferencial se comparada as anteriores já vivenciadas em todo o mundo é que nos dias atuais as condições existentes de saneamento básico bem como o conhecimento da ciência e os avanços tecnológicos estão muito mais avançados e por isso pode-se perceber o prejuízo causado mais rapidamente, em contra partida os sistemas de transporte que possuímos na atualidade proporcionam muita rapidez de locomoção das pessoas e isso foi um dos fatores pelos quais o vírus se espalhasse com muito mais rapidez por todo o mundo.

Senhoras (2020) ressalta a visão de uma outra consequência gerada pela pandemia da Covid-19, sendo essa a união global de esforços na área da saúde, onde todos da área tiveram que se reunir para ver a melhor opção de tratamento, além de tentativas de produção de vacina em tempo recorde e vacinação em massa.

Desta forma a pandemia vem trazendo diversas discussões e repercutindo ao nível mundial não somente na área biomédica e epidemiológica mais também nos impactos de ordem social, cultural, histórico e entre

outros que levaram a sociedade e repensar as atitudes e tomar determinadas medidas sanitárias para a busca da contenção do vírus, o fato que a contaminação por causa do coronavírus gerou diversas mudanças de comportamentos em toda a população dentre elas destacamos a convivência social e a educação onde teve que durante todo esse período e ainda está tendo diversas adaptações em decorrência da pandemia.

Foi observado como diferencial da pandemia da Covid-19 os avanços tecnológicos que existem na atualidade onde tal recurso tem ajudado a resolver alguns dos problemas causados pelo isolamento social, como a adaptação do ensino de forma remota, o trabalho de home office, a gama de entretenimento oferecido pelo acesso à tecnologia, atendimentos essenciais como de psicologia, fisioterapia, nutrição e outros que podem em parte ser realizados através dos recursos tecnológicos (GROSSI *et al*/2020).

### **Alfabetização e letramento: diálogos entre os autores**

Para entender o significado de alfabetização, é necessário conhecer o que as organizações e pensadores entendem por este termo. Para isso o autor Soares (2007), etimologicamente identifica a alfabetização, como o processo de: levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever. Com isso, é possível entender que a especificidade da alfabetização segundo este pensador, é a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita.

Sobre o ato de alfabetizar Ferreiro (1996, p. 24) nos apresenta sua visão: "O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um

ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.”

Segundo a UNESCO - Organização das Nações unidas para a Educação, Ciência e Cultura, a alfabetização é um processo de aquisição de habilidades cognitivas básicas responsáveis por contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da capacidade de conscientização social e da reflexão crítica como base de mudança pessoal e social. entretanto a alfabetização é um dos pilares imprescindíveis para o desenvolvimento pleno do sujeito na sociedade.

Com isto, podemos entender que mesmo que em ambos os significados tenham divergências, eles também apresentam um ponto de interesse em comum, que é o desenvolvimento do sujeito e o amadurecimento deste em relação ao entendimento dos símbolos que são dispostos com o significado de transmissão de alguma mensagem.

O processo de alfabetização vai muito além de codificar e decodificar os signos linguísticos, pois se a criança apenas ler e não compreende, a leitura torna-se um processo vazia e sem sentido, por isso é necessário entender o que seria a alfabetização de forma cultural para o nosso país. Por quanto a criança é inteligente por natureza e capaz de exercer significados no meio em que vive, o ensino precisa ter significado para elas. A autora Ferreiro (1999, p. 23) afirma que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita.

Na história do Brasil, a alfabetização ganhou reconhecimento e força, principalmente, com a Proclamação da República, que culminou posteriormente com a institucionalização da escola e com o intuito de tornar as novas gerações aptas à nova ordem política e social, que desmitificava o imperialismo e abria novas portas para a democracia. A escolarização, mais especificamente a alfabetização, se tornou instrumento de aquisição de conhecimento, de progresso e principalmente de modernização do país (MORTATTI, 2006).

Outro elemento que é pertinente destacar, é a questão da aprendizagem e da alfabetização de crianças, onde vale mencionar que:

Fundamentalmente a aprendizagem é considerada, pela visão tradicional, como técnica. A criança aprende a técnica da cópia, do decifrado. Aprende a sonorizar um texto e a copiar formas. A minha contribuição foi encontrar uma explicação, segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa. Essa criança não pode se reduzir a um par de olhos, de ouvidos e a uma mão que pega o lápis. Ela pensa também a propósito da língua escrita e os componentes conceituais desta aprendizagem precisam ser compreendidos (FERREIRO, 1985, p. 14).

Com o decorrer do tempo e com o desenvolvimento no campo da alfabetização, principalmente na área da psicologia que contribuiu com o surgimento de conceitos, teorias, metodologias etc., que contribuíram de maneira e desenvolver esta área. Porém, mesmo com toda essa evolução, o Brasil e outros países que são conhecidos como não desenvolvidos, continuam até os dias atuais enfrentando um problema de muita relevância: a qualidade da educação básica, especialmente, a dos anos iniciais do ensino

fundamental. Algumas evidências dessa baixa qualidade são os índices de fracasso, reprovação e evasão escolar, que nunca deixaram de se perpetuar nestas sociedades (MORTATTI, 2006, p. 10).

Este problema apresentado durante toda a história do país, já foi muito abordado. Artigos acadêmicos que tentaram indicar as possíveis causas desta baixa qualidade na educação básica, por vezes os estudiosos colocaram a "culpa", no método utilizado pelos professores, no aluno que apresenta muitas dificuldades e não consegue assimilar os conhecimentos, na má formação do professor e das estruturas nas escolas formados, nas condições sociais desfavoráveis ou, ainda, em outras causas diversas (MORTATTI, 2006, p. 10).

Embora tenha a apresentação de todos essas dificuldades e tentativas de encontrar um "culpado", é possível reconhecer que esses estudos foram muito importantes para a área educacional, pois todos os fatores citados caracterizam a qualidade da educação, logo, a escola não somente influencia a sociedade, mas também é por ela influenciada, ou seja, este conjunto de possíveis causas que estão dentro e no entorno da escola, realmente, afetam o ensino-aprendizagem, e mesmo que o centro possa vir a ser a alfabetização, o letramento também sofre com estas dificuldades.

Com relação ao letramento em conformidade com Soares (2003), a palavra letramento surgiu recentemente e possui significado ainda muito prematuro, porém para a mesma, é possível entender que o letramento é o processo de relação das pessoas com a cultura escrita.

No Brasil o termo letramento ganhou espaço a partir da constatação de uma problemática na educação evidenciada pela psicologia da educação, pois através de pesquisas, avaliações e diversas análises, foi possível chegar

à conclusão de que nem sempre o ato de ler e escrever garante que o indivíduo compreenda o que lê e o que escreve (SOARES, 2003, p. 23).

A relação entre alfabetização e letramento é de certa forma conjuntas, pois enquanto um age de forma prática (alfabetização) o outro possui uma relação passiva (letramento) que contribui diretamente para o significado da outra. Porém temos ainda que o desenvolvimento do letramento, acabou por causar a perda da especificidade da alfabetização, principalmente devido a certas linhas teóricas causarem uma compreensão equivocada de novas perspectivas teóricas e suas metodologias, estas que foram surgindo em contraposição ao modelo tradicional, e a grande abrangência que se tem dado ao termo alfabetização (SOARES, 2003).

A pensadora Soares (2003), reforça:

[...] no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito de letramento, [...] o que tem conduzido a um certo apagamento da alfabetização que, talvez com algum exagero, denomino desinvenção da alfabetização [...] (SOARES, 2003, p. 8).

Essa ideia de que a alfabetização e o letramento são enraizados, causa ainda mais dificuldades na ideia da alfabetização, e do próprio letramento, ocasionado uma perda do sentido e significado da alfabetização.

Para compreender melhor a relação entre esses conceitos, podemos referir-se a uma fala apresentada durante uma entrevista da pesquisadora, Soares (2020, p. 01):

O que temos chamado alfalettrar significa que a alfabetização não pode dissociar-se da convivência da criança com os usos sociais da escrita, em diferentes gêneros e diferentes portadores de texto, e de ações planejadas para o desenvolvimento das habilidades para a prática eficiente de usos sociais da escrita. Em síntese, os processos de alfabetização e letramento não devem dissociar-se, a criança se alfabetiza e se letra de forma simultânea. Por isso, temos denominado nossa ação educativa no ciclo de alfabetização e letramento de ALFALETRAR (SOARES, 2020, p. 01).

Diante do exposto, fica evidente que a ausência de ações pedagógicas de alfabetização que conduzem à compreensão dos assuntos, por parte dos estudantes, das relações entre a oralidade e a escrita, são de difícil realização fora do contexto escolar, no formato das aulas não-presenciais, tão comuns no contexto de ensino remoto e principalmente no contexto da pandemia da COVID-19.

### **Impactos da pandemia sobre os processos de ensino e de aprendizagem**

É fato que a pandemia do Covid-19 trouxe diversos fatores relacionados a manutenção das instruções na educação a nível mundial, o qual o ano de 2020 onde as escolas que tiveram suas aulas suspensas no dia 17 de Março do ano citado em todo o país, houveram também neste mesmo período o fechamento dos estabelecimentos ficando somente de serviços essenciais como supermercados e farmácias, e também as pessoas tiveram que se adaptar ao trabalho em casa de forma remota, em sua maioria pela primeira vez.



Além disso, familiares e responsáveis tiveram que se adaptar a supervisão dos filhos na rotina escolar, pois as aulas foram suspensas e disponibilizadas de forma remota na modalidade a distância. De acordo com a Associação Nacional de Educação Domiciliar (ANED):

A essência da educação domiciliar não é ensinar a memorizar conteúdos, mas ensinar os filhos a aprender. As crianças e adolescentes aprendem a estudar, pesquisar, questionar, raciocinar de forma lógica e interpretar. Na educação domiciliar, os pais conduzem os filhos ao autodidatismo e podem utilizar-se de recursos diversos como sites, blogs, vídeo aulas, plataformas de ensino, materiais de apoio, aplicativos, auxílio de professores, entre outros (ANED, 2019, p. 02).

Em particular com os anos iniciais do ensino fundamental a pandemia trouxe um estudo realizado pela Secretaria Estadual da Educação (Seduc-SP) indica que o impacto na aprendizagem causado pela pandemia da Covid-19 é maior entre alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública estadual.

Conforme o autor Costa (2020), em artigo publicado no dia 14 de abril de 2020, no site do Centro de Referências em Educação Integral.

A aprendizagem é uma ação que se dá na interação com o mundo, necessariamente mediada pelo outro, pela linguagem e pelo contexto social. Qualquer tentativa de isolar o processo de aprendizagem desses aspectos está fadada ao fracasso (COSTA, 2020, p. 06).

Sendo assim diversos são os fatores que levaram ao impacto ser mais evidente nos anos iniciais do que em outras séries/anos. Mediante ao problema enfrentando da continuidade do ano letivo, para dar sequência ao

processo de aprendizagem diversas estratégias foram sendo utilizadas nas escolas chegando-se então a forma mais viável o ensino remoto.

De acordo com o Instituto Unibanco (2021, p. 01)

Os maiores desafios citados pelas secretarias de educação foram o acesso dos estudantes à internet e a infraestrutura escolar. Numa escala de 1 a 5, em que 5 indicava a maior dificuldade, quase metade das redes (48,7%) assinalou os níveis mais altos (4 e 5) no tocante à internet, (40%) fizeram o mesmo em relação à necessidade de adequações de infraestrutura, de acordo com esta mesma pesquisa no que diz respeito ao ensino remoto as redes municipais se vale-ram preponderantemente de material impresso (95,3% das redes municipais) e WhatsApp (92,9%), a terceira opção mais citada foram as vídeo aulas gravadas (61,3%). Em quarto lugar, aparecem as orientações *on-line* por meio de aplicativos (54%). Já estratégias como as plataformas educacionais (22,5%) e as vídeo aulas *on-line* ao vivo foram mencionadas por apenas (22,5%) e (21,3%) dos municípios respectivamente (INSTITUTO UNIBANCO, 2021, p. 01).

Portanto fatores atrelados a falta de internet, de infraestrutura, por muitas vezes os alunos não possuem em sua residência aparelhos como tablets, smartphones, computadores e entre outros, além da ausência de uso da internet, o que dificultou em muito o trabalho dos docentes que por vez uma boa parcela não possuía conhecimento nem capacitação para uso das mídias digitais e ai muitos impasses foram ocorrendo durante o processo, uma solução diante de tantos problemas foi a entrega de blocos de atividades impressas, os quais os pais os responsáveis iam até a escola receber essas atividades em blocos e os professores orientando para a realização.

A criança é um ser que filtra as informações de seu contexto, construindo sua trajetória psicológica na interação

com ambientes físicos e sociais. Assim, em um meio de tensão, é esperado que a criança esteja sensível, com comportamentos diferentes dos habituais e faça muitas perguntas, pois sua tranquilidade para pensar, realizar tarefas e lidar com sentimentos está modificada (COMITÊ CIENTÍFICO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA, 2020, p. 13).

Vale ressaltar outros fatores como as crianças e os jovens também não estavam acostumados a rotinas mais pesadas de estudos realizados em casa, pois este ambiente normalmente priorizava-se atividades como de descanso e entretenimento, de forma mais ampla estes estudantes não possuíam a maturidade que era necessária para conseguir lidar com a autonomia implícita no ensino a distância, em especial os alunos da educação infantil e do ensino fundamental (SAE DIGITAL, 2021).

Há que se considerar que alfabetizar envolve todo um processo de dedicação, compromisso e a prática de diversas estratégias por parte do professor para que ocorra o desenvolvimento do processo de leitura e escrita. Apesar dos desafios do trabalho com aulas remotas e todas as implicações decorrentes dos problemas atuais, é preciso pensar em propostas pedagógicas que sejam possíveis de executar, levando em conta o contexto social, econômico e emocional no qual o estudante está inserido, para colocar em prática as atividades mais acessíveis, tanto para os professores quanto para os alunos (LUIZ, 2020, p. 24).

Embora a melhor opção tenha sido o ensino de forma remota a maior parte dos professores e gestores não estavam preparados para esse avanço tecnológico nas escolas bem como uma parcela significativa não possuíam recursos adequados para ofertar estas aulas (PÔRTO JÚNIOR *et al.*, 2020, p. 04).

## Práticas pedagógicas para alfabetizar em tempos de pandemia: desafios e possibilidades

Neste contexto de buscar a alfabetização de forma efetiva, tanto a escola quanto professores, responsáveis e familiares devem estar unidos como forma de proporcionar apoio, bem como facilitar o desenvolvimento deste aluno. Todavia faz-se necessário objetivar o compromisso com a educação durante todo esse processo, para que não existam percas durante este período.

Diante da Covid-19, que se instaurou um período de pandemia, e consequentemente a suspensão das aulas presenciais nas escolas, surgiram muitos desafios enfrentados pelos professores no que tange ao processo de alfabetização e letramento das crianças por meio da abordagem pedagógica remota.

A pesquisadora Luiz (2020) relata em seu trabalho de pesquisa, alguns desafios de alfabetizar nesse cenário de pandemia, afirmando que:

Surge um conjunto de fatores que podem afetar o processo de alfabetização no período da pandemia: internet de boa qualidade, dificuldade de acompanhamento pelas famílias, falta de recursos como computador, notebooks, tablets (dos professores e dos estudantes), e pouca ou nenhuma destreza no uso das ferramentas digitais, etc. (LUIZ, 2020, p. 22).

Segundo a autora, os professores se depararam com um grande problema no que diz respeito ao acesso das crianças das escolas públicas aos recursos tecnológicos, bem como o acompanhamento das famílias nesse processo de aprendizagem da leitura e da escrita, e, também, a dificuldade

de manusear as ferramentas digitais, ou seja, as plataformas de ensino que eram propostas para que ocorresse as aulas.

A brasileira Soares (2020) também apontou alguns desafios enfrentados pelos professores e alfabetizadores neste cenário do ensino remoto, durante uma entrevista concedida em setembro de 2020, ao Canal Futura, a mesma afirmou que:

A atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo de escolarização. Por um lado, foi interrompido o processo de alfabetização no UESB – Campus de Jequié, jun. 2021. início do período em que a interação alfabetizadora-criança é indispensável, pois a aprendizagem do sistema de escrita alfabética depende da compreensão bem orientada das relações oralidade-escrita (SOARES, 2020, p. 01).

Não apenas os recursos tecnológicos, a falta de manuseio dessas ferramentas e o acompanhamento da família são os únicos desafios de alfabetizar na pandemia, mas também o próprio ato de alfabetizar e letrar a criança, torna-se um desafio.

Deste modo os professores encontram cada vez mais dificuldades durante esse momento de pandemia, onde se faz necessário encontrar formas de conduzir o ensino como o mínimo de percas para os alunos.

## **METODOLOGIA**

Visando com o cumprimento do objetivo principal deste trabalho, a metodologia de pesquisa aplicada, foi uma revisão bibliográfica, de forma descritiva com foco qualitativo, pois com isto se conseguiu resultados

satisfatórios, que forma utilizados no desenvolvimento de todo o trabalho, ou seja, desde o seu referencial teórico, como também de suas hipóteses. Desta forma temos que a pesquisa bibliográfica é:

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Cervo e Bervian (1983, p. 55) apontam que a pesquisa bibliográfica "Explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos". Portanto é possível através desta afirmação tratar que quando pesquisador escolhe e se propõe a realizar tal tipo de pesquisa o mesmo deve estar convicto de que deverá explicar um resultado para uma situação previamente determinada.

Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo,

não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Portanto, para o levantamento de documentos, foi-se utilizado principalmente o ambiente da internet, tendo como foco, trabalhos na forma de artigos, livros, revistas, periódicos, sites e outros.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante toda a história que concerne à educação oferecida na escola esta deixou de ser um privilégio de poucos e se tornou um direito de todos, o qual é garantido por lei. Neste período pandêmico que estamos vivenciando em decorrência da pandemia da Covid-19 a garantia deste direito se tornou um desafio, pois quando mais a ciência descobria sobre esse vírus mais havia a necessidade de as escolas permanecerem fechadas e o isolamento social mais permanente.

Considerando que os anos iniciais do ensino fundamental contempla crianças de seis a oito anos e onde as mesmas têm contato com o mundo ao seu redor, em pleno desenvolvendo das habilidades sociais e expressivas as quais é levado durante toda a vida.

Ainda não se sabe ao certo quais os impactos posteriores que estarão evidenciados pela pandemia no que diz respeito à educação escolar nos anos iniciais o que sabemos de fato até o presente momento é que houve e ainda está havendo muitas modificações, percas de conteúdo, atrasos escolares e maneiras diferenciadas de convivência social que precisaram ser adaptadas ao “novo normal” e hoje as vivenciamos.



Desta forma fica claro que os impactos com a pandemia ainda são incontáveis mais o que temos de concreto é que muitas possibilidades foram desenvolvidas durante esse período principalmente no que diz respeito a adaptação de metodologias, rotinas e conteúdo,

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o que ocorre no contexto atual desde o ano de 2020 em decorrência da Covid-19, doença provocada pelo sars-cov-2 ao nível de pandemia, o que provocou a suspensão das aulas presenciais nos estabelecimentos de ensino, apresentando-se assim uma nova possibilidade do ensino remoto, ou seja, não presencial, para garantir e dá continuidade o ensino nas escolas. Para isso tornou-se necessário o uso de recursos tecnológicos como ferramentas para o ensino nas escolas. Modificando a forma de alfabetizar as crianças sem haver um contado mais significativo entre alunos e professores algo que é essencial para o trabalho de alfabetização nessa fase.

Nesse cenário, o desafio assumido pelos docentes e alunos é grande, para o professor dificuldades como o desinteresse dos alunos, falta de equipamentos e de apoio dos pais e das instituições de ensino, dentre outros. Por vezes é necessário, criatividade e o uso de diversas estratégias para que seja possível desenvolver as suas atividades, principalmente quando se trata do letramento e da alfabetização.

Já para os discentes as principais dificuldades são a ausência de internet, aparelhos tecnológicos como Notebook, Computador, etc. No qual,

na maioria das vezes, o único recurso tecnológico acessível é o celular de terceiros.

Além de outras adversidades como distração, dificuldade de compreensão (alfabetização) e assimilação dos conteúdos (letramento) e inexistência de um ambiente adequado aos estudos, que por sua vez influencia no rendimento acadêmico do aluno, o acompanhamento do professor no progresso do aluno, também é um motivo de preocupação, visto que o ensino remoto não proporciona uma forma efetiva de avaliar os alunos quanto a sua leitura ou escrito.

Diante disto é de grande relevância refletir sobre as práticas educativas nas diferentes dimensões que auxiliam no desenvolvimento da escrita, da leitura, da comunicação e das ideias e de todo o desenvolvimento físico, cognitivo, intelectual, socioeconômico dos sujeitos para uma educação construtiva, crítica, reflexiva e atuante. Isto posto, concluo o presente trabalho ressaltando a importância dessa fase da alfabetização para o desenvolvimento pleno na vida das crianças.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DOMICILIAR - ANED. **Entenda sobre Educação Domiciliar**. Disponível em: <https://www.aned.org.br/sobre-nos/quem-somos-aned>. Acesso em: 20 mar. 2022.

COMITÊ CIENTÍFICO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. **Repercussões da Pandemia de COVID-19 no Desenvolvimento Infantil**. 2020.

COSTA, N. **O papel da educação integral em tempos de crise**. Centro de Referências em Educação Integral, 2020. Disponível em: <https://educacao-integral.org.br/reportagens/o-papel-daeducacao-integralemtempo-de-crise-por-natacha-costa/>. Acesso em: 17 mar. 2022.

FERREIRO, E. Educação e ciência. **Folha de São Paulo**, 3 de jun. 1985.

FERREIRO, E. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, E. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999.

INSTITUTO UNIBANCO. **www.institutounibanco.org.br**. [S.l.]. Unibanco, 2021. Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/conteudo/estudos-estimam-impacto-da-pandemia-na-aprendizagem/>. Acesso em: 22 jan. 2022.

LUIZ, S. S. F. **Alfabetização na pandemia**: realidades e desafios. João Pessoa. 2020.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MORTATTI, M. R. L. História Dos Métodos De Alfabetização No Brasil. **Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", 2006**. Disponível em: <http://www.unijpa.edu.br/arquivos/historia-dos-metodos-dealfabetizacao.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2022.

MUNIZ, É. S. Memórias da erradicação da varíola. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 16, n.2, p.699-701, 2011.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

PÔRTO JÚNIOR, F. G. R. P. et al. A Pandemia da COVID-19: Os impactos e tendências nos processos de ensino, aprendizagem e formação continuada de professores. **Revista Observatório**, Palmas, v. 6, n. 2, p. 1-22 abr-jun, 2020.

GROSSI, G. R. ; MINODA, D. S.; FONSECA. R.G.P. **Impacto da pandemia do covid-19 na educação: reflexos na vida das famílias**. Minas Gerais. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/53672/751375151438>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SAE: **Educação e Coronavírus – Quais são os impactos da pandemia?** Sae Digital, 2022. Disponível em: <https://sae.digital/educacao-e-coronavirus/>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SEDUC-SP: **Estudantes dos anos iniciais tiveram regressão na aprendizagem durante a pandemia, mostra avaliação**. Educação SP, 2021. Disponível em: [\\_https://www.educacao.sp.gov.br/estudantes-dos-anos-iniciais-tiveram-regressao-na-aprendizagem-durante-pandemia-mostra-avaliacao/](https://www.educacao.sp.gov.br/estudantes-dos-anos-iniciais-tiveram-regressao-na-aprendizagem-durante-pandemia-mostra-avaliacao/) Estudo indica que o impacto, Fundamental da rede pública estadual. Acesso em: 18 mar. 2022.

SENHORAS, E. M. **Mudanças de comportamento, na economia e no trabalho: como as pandemias transformam o mundo**. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/03/mudancas-de-comportamento-na-economia-e-no-trabalho-como-as-epidemias-transformam-o-mundo-ck80pbm1800ab01rzot5fswxm.html>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SOARES, M. **Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia? Entrevista no canal Futura**. 2020. Disponível em <https://www.futura.org.br/como-fica-aalfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 30 de mar. 2022.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Minas Gerais, 2003.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

**UNESCO. Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. UNESCO. 1996.

# POSFÁCIO





## POSFÁCIO

Os resultados das narrativas científicas presentes nos capítulos, de forma geral, apontam para uma dupla constatação: 1) a proposta institucional do curso de Pedagogia EaD da Faculdade FMB consiste em uma experiência de aproximação dos licenciandos com o paradigma emancipador da formação docente ampliando a profissionalidade criativa e crítica dos futuros pedagogos; e que 2) a Graduação EaD da Faculdade FMB possibilita a ampliação do profissionalismo dos egressos por meio de ações de formação desenvolvidas tanto em ambientes escolares como em diferentes contextos educativos de atuação não escolar.

O *e-book* revela que a graduação em Pedagogia da Faculdade FMB no formato EaD possibilitou aos acadêmicos o desenvolvimento de contundente postura profissional, uma vez que nas suas experiências formativas, seja teórica ou prática, puderam ir além das expectativas, exercitando, com autonomia, práticas reflexivas de intervenção pedagógica, que conduziram para abundante desenvolvimento e aprendizagem.

A proposta da graduação em Pedagogia da FMB, por um lado, privilegia a ampliação de espaços e tempos pedagógicos voltados para a aquisição de conceitos, procedimentos e atitudes, exaltando os princípios e valores da formação profissional transformadora e, por outro, articula o curso de formação inicial dos futuros pedagogos com práxis em ambientes educativos para conduzir à formação humana integral dos estudantes.

O rico currículo do curso de Pedagogia da Faculdade FMB articula de forma dinâmica possibilidades de interação entre teoria e prática nos contextos escolares, entre formação inicial e continuada nos espaços reflexivos,



possibilitando oportunidades investigativas para intervenção, no sentido de que a pesquisa como prática pedagógica deve partir e retornar aos contextos educativos, suscitando discussões sobre as práxis apoiadas em reflexão sobre o trabalho na educação, sobre os estudos de educação e sobre as ciências que colaboram com o pensamento da educação.

Enfim, entendemos que a Graduação EaD da Faculdade FMB, por meio da licenciatura em Pedagogia, assegurou aos egressos saberes, competências e habilidades que lhes permitem realizar *práxis* transformadoras em diferentes contextos educacionais. A experiência dos autores deste *e-book* ressalta a colaboração do curso de Pedagogia da FMB para o pensar crítico dos seus pedagogos concluintes.

**Profa. Ms. Valdete Batista do Nascimento**  
**Diretora Geral da Faculdade FAMEN (2019- Atual)**

A **Faculdade Metropolitana Norte Riograndense (FAMEN)** é credenciada pela **Portaria nº 665/MEC, publicada no Diário Oficial da União em 22 de março de 2019**. Entre as atividades vinculadas ao ensino superior, a Faculdade oferece serviços acadêmicos da **EDITORA FAMEN** que objetiva a difusão de conhecimento por meio de e-books, livros impressos, periódicos (revista científica e jornal eletrônico), anais de eventos e repositório institucional, sendo vinculada à Diretoria de Pesquisa da Faculdade.

A **EDITORA FAMEN** é especializada em publicar conhecimentos relacionados ao campo da educação e a áreas afins por meio de plataforma on-line, como também em formato impresso. O endereço eletrônico para acessar as suas publicações e demais serviços acadêmicos é o [www.editorafamen.com.br](http://www.editorafamen.com.br).

A **EDITORA FAMEN** realiza edição, difusão e distribuição de produções editoriais seguindo uma Política Editorial qualificada e baseada nas seguintes linhas: acadêmica, técnico-científica, produção didático-pedagógico, produção artístico-literária e cultura popular.

Formato: E-book/PDF  
Tipologia: Ebrima, Cavidant.

2023 Natal/Rio Grande do Norte

Não encontrando nossos títulos na rede de livros conveniados e  
informados em nosso site contactar a Editora Faculdade FAMEN:

Tel: (84) 3653-6770 | Site: [www.editorafamen.com.br](http://www.editorafamen.com.br) E-mail:

[editora@famen.edu.br](mailto:editora@famen.edu.br)

O manuscrito eletrônico intitulado “Problematizações sobre Ciências da Educação a partir de estudantes do Curso de Pedagogia”, vinculado ao curso de Pedagogia da Faculdade do Maciço de Baturité (FMB), por meio da Educação a Distância (EaD), na cidade de Tangará RN, tem como foco contribuir para a divulgação de resultados de pesquisas científicas na área da Pedagogia.

Sistematizado para socializar pesquisas realizadas a partir do ano de 2022, possui caráter interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, ao receber contribuições de diversas áreas e campos de saberes. O manuscrito disponibiliza por meio de versão eletrônica acesso internacional e gratuito para as ideias relacionadas ao campo da educação. O livro “Problematizações sobre Ciências da Educação a partir de estudantes do Curso de Pedagogia” possui 14 (quatorze) capítulos que abordam diversos temas em torno do processo da educação infantil.

